UNIVERSIDAD POLITECNICA SALESIANA

UNIDAD DE ESTUDIOS DE POSTGRADOS

TESIS DE MAESTRIA

Previa a la obtención del título de:

MAGISTER EN PASTORAL

JUVENIL

ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES, VALORES, NORMAS E ESTILOS DOS JOVENS DA CULTURA EMO

POR

ANTONIO RAMOS DO PRADO

Diretora e coordenadora: Miriam Gallego Godoy

Orientador: Daniel Llanos

Quito, 2011

Aprovação

Aprovada por _____

Presidente da Banca Examinadora

_____

_____

Programa autorizado
conceder o título de: _____

Data _____

Declaração de Responsabilidade

Com o desejo de aprofundar os estudos sobre a cultura juventude e tribos urbanas, procurei ao longo desses anos fazer o mestrado nessa área. Sendo salesiano e conhecendo o projeto e a competência da Pontifícia Universidade Politécnica de Quito – Equador, busquei matricular-me para o mestrado em Pastoral Juvenil. Procurei, através das aulas, seminários, leituras, entrevistas, *sites* responder as questões que eu estava buscando. Dessa forma, Eu Antonio Ramos do Prado, sdb afirmo que este trabalho é de minha autoria.

Antonio Ramos do Prado, sdb

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os jovens que Deus colocou e colocará no meu caminho para que eu possa contribuir com a sua salvação. Dedico também ao meu afilhado Márcio Berlanga, o qual me presenteou pedindo que eu fosse seu guia espiritual, e veio falecer acometido por um câncer há alguns anos atrás.

Agradecimento

Quero agradecer a Deus, primeiramente, a minha família e à Inspetoria Salesiana de São Paulo que investiu e confiou em mim. Agradecer ao P. Marco Biaggi que me autorizou a fazer o estudo. Agradeço em especial a Stela que ao longo do processo me ajudou a trilhar o caminho do conhecimento. Agradeço aos professores e amigos da Universidade que me apoiaram ao longo dessa trajetória. Ao meu Orientador, Dr. Daniel Llanos, que se dedicou em ler o meu trabalho escrito em português e orientar a direção que devia seguir. A Dra. Miriam que acreditou e apoiou minha caminhada acadêmica. A ela a minha estima e gratidão. Ao Prof. Ms. Petrônio que contribuiu na reflexão dos meus estudos.

Resumo

No trabalho da pastoral juvenil, atualmente, a preocupação é como conseguir que a Igreja e a Pastoral participem como composição do projeto de vida do jovem. Para tanto, é necessário conhecer e aprofundar-se nas diversas realidades juvenis, nos seus interesses, medos, questionamentos, angústias. Isso é possível realizando um estudo e uma análise profunda das culturas juvenis.

Nesta contribuição, escolhemos uma cultura juvenil que atrai a atenção e o olhar da sociedade por seu modo de reagir diante do mundo. Geralmente, de uma forma misteriosa, escondida, sem tantos alardes como se quisesse realmente se esconder. E por muitas vezes com motivo. Os jovens da Cultura Emo sofrem inúmeras retaliações, sendo vítimas, com frequência, de homofobia geradas por outras culturas juvenis ou por discriminações veladas até no ambiente educacional e, por que não dizer, pastoral.

O propósito desta investigação foi justamente dirimir qualquer tipo de preconceito e buscar um caminho de comunicação a fim de se obter no futuro uma forma de aproximação. Verificamos que o jovem da Cultura Emo acredita em Deus e em suas manifestações, porém sua fé não é organizada por uma religião. É um campo propício para o trabalho evangelizador, já que esse jovem possui uma sensibilidade aguçada dos malefícios da sociedade individualista gerada pelo modo de produção neoliberal e capitalista.

Concluímos que as portas das diversas culturas juvenis encontram-se sempre abertas para ouvirem a Palavra de Deus e participarem de um grupo que acolha esses jovens com verdade e fé.

Abstract

In the work of youth ministry today, the concern is how to get the Church and Pastoral to participate being part of the young person's life project. For that, it is necessary to thoroughly understand the various juvenile realities, their interests, fears, doubts and anxieties. This is possible by performing a study and a thorough analysis of youth cultures.

In this work, we chose a youth culture that attracts the attention of society by the way they react to the world. Generally, in a mysterious and hidden way, without so much fuss as if they really want to hide. And often there is a good reason for that. The youngsters of the Emo Culture suffer countless retaliations, frequently being victims of the homophobia generated by other youth cultures, or even veiled discrimination in the educational and, why not saying, pastoral environments.

The purpose of this investigation was to restrain any kind of prejudice, and look for a communication path in order to pursue a form of approximation in the future. It was verified that the young Emo Culture youngsters believe in God and in His manifestations, but their faith is not organized by a religion. It is a fertile field for the work of evangelization, since the Emo Culture youngsters have a heightened sensitivity of the evils of individualistic society generated by the neoliberal and capitalist way of production.

It is concluded that the doors of various youth cultures are always open to hear the Word of God and join a group that will welcome them with truth and faith.

ÍNDICE ANALÍTICO

Introdução 5

PLANO DE DISSERTAÇÃO 5

Problemática da investigação 5

Justificativa 5

Objetivo geral 6

Objetivos específicos 6

Resumo do projeto e seus beneficiários 6

Marco Teórico 7

Hipótese 9

Metodologia 9

Pesquisa de fontes primárias 9

Pesquisa de fontes secundárias – Pesquisa de campo e entrevistas 10

Recursos 10

Financeiro 10

Humano 10

Capítulo 1 11

CULTURA JUVENIL URBANA 11

1.1. Introdução 11

1.2. Histórico da cultura juvenil 11

1.2.1. Os jovens na Grécia Antiga 12

1.2.2. Os jovens no mundo romano 14

1.2.3. Cavalaria e Cortesia 15

1.2.4. Jovens na Idade Média 17

1.2.5. Cultura juvenil e era moderna 19

1.2.6. Juventude brasileira frente ao regime militar 21
1.3. Conceito de cultura juvenil 23
1.3.1. Nos Documentos da Igreja 23
1.3.2. No pensamento de alguns autores 24
1.4. Cultura juvenil urbana 25
1.5. A Tribo Urbana 26
1.6. História das principais Tribos Juvenis 29
1.6.1. Roqueiros 29
1.6.2. Hippies 30
1.6.3. Punks 31
1.6.4. Góticos 32
1.6.5. Manos/Rappers 32
1.6.6. Nerds 33
1.6.7. Clubbers 34
Capítulo 2 35
JOVENS DA CULTURA EMO 35
2.1. Identidade e representações 37
2.2. O rito de passagem da infância/adolescência 39
2.3. Sexualidade 41
2.3.1. A sexualidade em discurso 41
2.3.2. A normatização da sexualidade 43
2.4. Papéis sociais 45
2.5. O corpo como um símbolo 47
2.6. A normalidade 47
2.7. Valores 49

2.8. Normas e estilos da juventude *Emo* do centro urbano de São Paulo.....52

2.9. Conclusões.....54

Capítulo 3.....56

Jovens da Cultura *Emo* e as relações com as outras identidades.....56

3.1. Introdução.....56

3.2. Relação com grupos afins: *Roqueiros* e *Góticos*.....59

3.3. Relação com outros grupos: família e religião (católica).....60

3.3.1.Família.....60

3.3.2. Religião – Igreja Católica.....61

3.4. Conclusões.....65

Capítulo 4.....69

CONCLUSÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....69

Bibliografia.....78

ANEXOS.....84

1. Ilustrações.....84

2. Transcrições.....87

3. EMOS na internet.....115

4. Entrevistas individuais com jovens *EMOs*.....118

ÍNDICE DE FIGURAS

Número *Página*

Ilustração 1: Mapa conceitual 28

Ilustração 2: Meninas Emos, a figura franja. 84

Ilustração 3: Ter a franja lisa de qualquer maneira, geralmente cobrindo os olhos. 84

Ilustração 4: Os meninos podem se maquiar. 84

Ilustração 5: Os meninos também usam esmalte. 85

Ilustração 6: O grupo sofre *bullying* por sua tolerância quanto à sexualidade. 85

Ilustração 7: Os objetos da cultura juvenil *EMO* 85

Ilustração 8: Tatuagem *Old School*. 85

Ilustração 9: Uma jovem colorida. 86

Ilustração 10: Um jovem colorido. 86

Ilustração 11: Banda Restart (*Emos* coloridos) 86

Ilustração 12: Principal banda Hevo 84. 86

Ilustração 13: Galeria do Rock 87

I n t r o d u ç ã o

PLANO DE DISSERTAÇÃO

Problemática da investigação

Como o jovem da cultura Emo lida com a complexidade social dentro de um centro urbano, em especial, da cidade de São Paulo tal como é constituída atualmente?

Quais os valores que o jovem dessa cultura traz para a sociedade, para o meio em que vive?

O jovem pode dar respostas conscientes e inconscientes a partir do grupo de interesse?

Justificativa

Este estudo justifica-se, dentre outros motivos, por tratar de juventude, fase importante de elaboração de projeto de vida, na qual valores sociais interpelam os jovens e a educação acontece segundo a identidade de grupos juvenis, particularmente as "Tribos Emo", que além de causarem a aproximação da juventude por interesses próprios, revelam algo da sociedade.

A sociedade urbana sempre necessita viver próxima (Maffesoli, 1987), até porque a opção de morar na cidade torna necessário aderir ao projeto de proximidade. Dessa forma o objeto *cidade* é uma sucessão de territórios onde as pessoas, de maneira mais ou menos efêmera, enraízam-se, retraem-se, buscam abrigo e esperança. Nesse espaço, chamado cidade, encontram-se as culturas juvenis. Elas são exóticas, criativas e radicais. Sua identidade é transparecida através de sua maneira de vestir-se e de relacionar-se.

O desejo de viver em tribos apresenta o declínio do individualismo na sociedade de massa. As tribos se relacionam não somente de forma presencial, mas desfrutam da tecnologia, ampliando as relações virtuais, midiáticas e globalizadas. Desse modo, as relações dessas redes tribais têm contribuído com o avanço da solidariedade e da valorização do outro.

A cultura Emo é um exemplo de manifestação contra o desprezo pela sociedade individualista. Ela se apresenta como grupos de adolescentes e jovens amorosos, respeitosos e desejosos de serem amados e respeitados na sociedade atual. Não obstante, percebemos

também a manifestação melancólica que manifesta o desejo de serem reconhecidos por sua família que, na maioria das vezes, são desestruturadas e sem tempo para amar os seus filhos. Segundo motivo, como educador, temos o desejo de elaborar um projeto que possa ajudar a sociedade nas suas formas institucionais – família, educação e religião, a buscar conhecer e dialogar com as culturas juvenis manifestadas nas diversas tribos: *Punk, Hip-Hop*, etc e em especial *Emo*. Além disso, buscamos responder ao apelo da Congregação Salesiana, que deseja conhecer as culturas juvenis para propor o Evangelho.

Objetivo geral

Refletir sobre a cultura juvenil Emo, considerando suas representações, valores e estilos na cidade urbana de São Paulo. Entre as diversas culturas juvenis urbanas, analisar como a Tribo Emo se destaca pelo seu visual e comportamento, retrato da sociedade hodierna.

Objetivos específicos

Identificar as representações que movem esta cultura juvenil e a fazem crescer em termos de existência e com peso cultural. Que valores esses jovens trazem em si e qual a contribuição para a sociedade.

Identificar os estilos desses jovens da cultura Emo nos espaços de sociabilização, principalmente, em alguns grupos de jovens da Pastoral Juvenil.

Resumo do projeto e seus beneficiários

A juventude, com seu modo exótico, criativo e radical, acaba respondendo mesmo inconscientemente à realidade em que se encontra, ao contexto histórico que a constitui e às necessidades e lacunas que nela se apresentam.

Vários exemplos se constituem: na década de 60, nasce o grupo *hippie,* que prega o amor, a paz, a liberdade de expressão, é contra as guerras. Na década de 70, nascem os *punks*, um grito e um engajamento político contra os regimes ditatoriais emergentes na época.

Abordar culturas juvenis é abordar como o jovem se comporta diante não só das alegrias, mas perante as dificuldades sociais. Como ele procura se diferenciar e buscar sua identidade, agrupando-se e construindo seu protagonismo, sua autonomia.

Nesta nova necessidade de amor, carinho, atenção em um mundo muito individualista, em pleno século XXI, nascem os *Emos*, grupo de visual marcante, de realidade misteriosa, mas um grupo extremamente emotivo, marcado pela exacerbação dos sentimentos, de um consumo plural, que constitui um interessante paralelo dos elementos da sociedade. Uma juventude participante do contexto cultural principalmente nas grandes cidades como São Paulo.

Com o crescimento desse grupo, é importante, para a pastoral da juventude, conhecer todas as tribos juvenis e investigá-las. Conhecer o porquê do seu surgimento, de uma maneira tão forte e ampla. A quais lacunas ele respondeu? A quais necessidades ele saciou? Quem são estes jovens que se vestem de "preto", mas que pregam o colorido do amor, do sentimento, da expressão, da liberdade e ao mesmo se escondem em uma identidade única e ao mesmo tempo misteriosa? Como lidam com a esperança, a fé, a liberdade, a solidariedade, o preconceito?

Marco Teórico

Ao longo da história, surgiram vários conceitos de cultura. O estudo das culturas juvenis é recente. Alguns autores trazem reflexões profundas sobre essa "porção" de pessoas tão significativas em nossa sociedade.

Segundo Tylor em sua obra *Primitive Culture* (1871), Cultura (do latim *cultura*, cultivar o solo, cuidar) é um conceito desenvolvido inicialmente para designar o todo complexo metabiológico criado pelo homem. São práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. Referem-se a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade. Explica e dá sentido à cosmologia social. É a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período.

Na Sociologia, o conceito de cultura tem um sentido diferente do senso comum. Sintetizando, simboliza tudo o que é aprendido e partilhado pelos indivíduos de um determinado grupo e que confere uma identidade dentro do seu grupo de pertença. Na Filosofia, cultura é o conjunto de manifestações humanas que contrastam com a natureza ou comportamento natural. A Antropologia entende a cultura como a totalidade de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano.

A juventude ou adolescência deve ser entendida como um segmento da sociedade. Por se tratar de um segmento intermediário entre a criança e o adulto, o adolescente tem características próprias. Características frágeis, que por isso fazem dele o "espelho" do sistema social, porque o adolescente retrata o conjunto de mazelas dessa sociedade. Individualmente, o adolescente passa por transformações biopsicossociais que são vividas por alguns como crise da idade, que Luiz Carlos Osório compara à crise sociopolítica do mundo atual (Neto: 1990).

Na perspectiva de Reguilho Cruz (2000, p. 03), as culturas juvenis atuam como expressão que codifica, através de símbolos e linguagens diversas, a esperança e o medo. Para se aproximar do jovem, é necessário e extremamente importante desvendar as sensibilidades e as *performances* características da cultura juvenil ao invés de nos aprisionarmos a modelos prescritivos com os quais os jovens não se identificam.

Costa e Silva (2006) no livro "*Sociabilidade juvenil e cultura urbana*" reúnem artigos, fruto de pesquisas sobre questões da juventude contemporânea, numa perspectiva em que o local e o global se articulam, recriando e produzindo novas formas de viver nas grandes cidades. Assim, Berlim e São Paulo aparecem como o cenário da pesquisa comparativa sobre feminismo e *hip-hop*; mais adiante, vemos os jovens de Lisboa através de trabalhos que discutem o corpo, a tatuagem e as bandas de *rock*. Há também a transformação do *status* do adolescente na família observada na sociedade catalã. Juventude, globalização e modernidade, trabalho, lazer e violência são temas que focalizam aqui nesta obra a realidade juvenil, tendo como paisagem a metrópole paulistana.

Segundo Maffesoli (1985), as tribos urbanas ou metropolitanas, ou regionais são constituídas de microgrupos que têm como objetivo principal estabelecer redes de amigos com base em interesses comuns. Essas agregações apresentam uma conformidade de pensamentos, hábitos e maneiras de se vestir. Um exemplo conhecido de tribo urbana é a Tribo "Emo". Para o autor, o fenômeno das tribos urbanas se constitui nas "diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles. Seja ele qual for, o que está em jogo é a potência contra o poder, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada para não ser esmagada por este".

Como objeto de pesquisa de campo, a tribo *Emo* chama a atenção não só pelas roupas, costumes e ideologia da paz e do amor, como também pelo seu crescimento e intriga

sobre o porquê desse crescimento. Será a necessidade de amar e ser amado, a necessidade de constituir um grupo amoroso? O que faz dos *Emos* amarem tanto e ao mesmo tempo serem vitimados pelo preconceito? Como se organizam, pensam, trabalham sua fé? Possuem religião? Como pensam e como agem?

Há poucas fontes que conceituam a Tribo *Emo*, mas *Emo* ou *Emocore* (abreviação do inglês *emotional hardcore*) é um gênero de música derivado do *hardcore punk*. O termo foi originalmente dado às bandas do cenário *punk* de Washington, que compunham num lirismo mais emotivo que o habitual.

No Brasil, o gênero se estabeleceu sob forte influência norte-americana em meados de 2003, na cidade de São Paulo, espalhando-se para outras capitais do Sul e do Sudeste, e influenciou também uma moda de adolescentes e jovens caracterizada não somente pela música, mas também pelo comportamento geralmente emotivo e tolerante, além do visual, que consiste em geral em trajes pretos, trajes listrados, *Mad Rats* (sapatos parecidos com *All-Stars*), cabelos coloridos e franjas caídas sobre os olhos[1].

Existe também a categoria "Emo Fruits", que foi baseada numa moda do Japão, os conhecidos como *J-Pops*, de onde eles tiram referência de roupas e cabelos. São normalmente muito coloridos, usando várias estampas e cores fortes ao mesmo tempo.

Hipótese

Ao nos aprofundarmos sobre as apresentações, valores, normas e estilos dos jovens da cultura Emo, vamos perceber o quanto os jovens provocam mudança na sociedade. A partir do estudo de apenas uma cultura, identificaremos necessidades, carências, questionamentos e angústias nas quais o trabalho pastoral pode atuar e se caracterizar.

Metodologia

Pesquisa de fontes primárias

Através de leituras, reportagens e entrevistas que circulam na mídia nacional sobre a cultura *Emo.*

[1] http://pt.wikipedia.org/wiki/Emo, 22 de março, 15h08.

Investigação através de *blogs* e *sites* alimentados pelos adolescentes e jovens pertencentes ou que admiram este grupo *Emo*.

Textos e publicações que norteiam a temática da cultura juvenil e tribo juvenil.

Pesquisa de fontes secundárias – Pesquisa de campo e entrevistas

Ida até os locais onde o grupo se encontra e entrevista com seus membros.

Questionário pautado nas seguintes indagações: 1. Por que ser *Emo*? 2. Qual a filosofia de vida de um *Emo*? 3. Quais são os desafios (família, escola, religião) enfrentados por viver na cultura *Emo*? 4. Que valores você cultiva na "Tribo *Emo*"? 5. No que você acredita? 6. O que você espera do futuro?

Recursos

Financeiro

Verba suficiente para o transporte, a alimentação, para os profissionais da filmagem e as pessoas entrevistadas (caso queiram receber), sendo duzentos dólares para os profissionais (suporte técnico), cem dólares para os entrevistados e trezentos dólares para transporte e alimentação.

Humano

Mestrando, orientador, pessoas entrevistadas e três pessoas de suporte técnico.

Capítulo 1

CULTURA JUVENIL URBANA

1.1. Introdução

Por compreendermos que juventude é uma fase da vida do ser humano, entendemos que a cultura juvenil muda de acordo com o tempo e o lugar onde a pessoa vive. Alguns autores como Feixa (1999) acreditam que a "cultura juvenil é o modo como os jovens se expressam coletivamente através da construção de vários etilos de vida".

Segundo Maffesoli (2006), a urbanidade é o espaço apropriado para as organizações juvenis. Para Costa (2000), o mundo urbano é o espaço de sociabilidade das culturas, no qual criam e recriam seus costumes e comportamentos. Cada tempo é reinventado, permanentemente, é imaginado e nele a experiência de pertencer a um dado grupo é cotidianamente vivida pelos jovens.

1.2. Histórico da cultura juvenil

O conceito "juventude" constitui uma construção social que possui uma origem histórica e apresenta variações substantivas quanto à forma e quanto aos conteúdos, com relação aos que foram chamados de "jovens" no passado e, certamente, dos que serão chamados, assim, no futuro. Neste sentido, a juventude, assim como hoje é entendida e conhecemos, é uma forma de comportamento resultante de uma realidade histórica, que se associa à formação da sociedade industrial moderna. Não é que, estritamente, não houvesse juventude antes, mas sua construção obedecia a um modelo social diferente, ao qual se associavam conteúdos também diferentes dos de hoje.

1.2.1. Os jovens na Grécia Antiga[2]

Tratando sobre os jovens na Grécia antiga, podemos começar pela palavra *Paideia*,[3] a educação, a distinção que permite o acesso dos jovens a um saber partilhado e a garantia de seu lugar na sociedade. [...] "A *Paideia* é antes e acima de tudo, uma arte de viver na cidade: 'A formação da virtude desde a infância, que desperta o desejo e a paixão de tornar-se um cidadão completo, de saber comandar e obedecer segundo a justiça'".[4] Diante desse contexto, encontramos os *Couroi*,[5] um grupo de jovens militares que assistem o rei e os chefes em diversas ocasiões sociais. A igualdade etária vincula os jovens uns aos outros, cria relações e forja a unidade do grupo; os laços criados entre os jovens substituem os laços de sangue.[6]

Outro aspecto que vale a pena ser ressaltado é a questão sexual, particularmente, a "homossexualidade", se assim podemos dizer. Tida como educativa, era um laço que unia gerações. Vamos entender melhor. Como dizia Schnapp:[7] É fácil compreender, afinal, de que modo uma admiração apaixonada pelos belos corpos e almas bem equilibradas pode surgir

---

2 Períodos Homérico e Arcaico entre os séculos XII-V a.C.

3 Paideia: "[...] civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os Gregos entendem por Paideia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global, e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez". Jaeger, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego.* Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 01.

4 SCHNAPP, Alain. A Imagem dos Jovens na Cidade Grega. In: História dos Jovens – Da Antiguidade à Era Moderna. LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Org.); Trad: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Vol. 1, página 20.

5 O *Couroi* não é apenas um jovem guerreiro, é um homem chamado às armas, guerreiro nobre que o nascimento e a educação voltaram ao oficio das armas, e ao qual esse oficio foi inculcado por meio de uma aprendizagem que também o preparou para as práticas e os refinamentos de certo ideal. Ibid., p. 21.

6 SCHNAPP, Alain. A Imagem dos Jovens na Cidade Grega. In: História dos Jovens – Da Antiguidade à Era Moderna. LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Org.); Trad: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Vol. 1, página 21.

7 Ibid., p. 23.

numa raça na qual, desde tempos imemoriais, a valentia física e harmonia do espírito eram tidas como maiores bens que o homem podia almejar; com os gregos, o homem se torna o centro de toda formação/educação, o homem é o modelo por excelência.

No amor por tais qualidades, há um elemento ideal: [...] "o amor à *Areté*.[8] Os que estavam unidos ao Eros sentiam-se protegidos contra qualquer ação baixa, por um profundo sentimento de honra, e um sublime impulso os incitava à realização das mais nobres ações".[9]

Outras atividades juvenis, como a ginástica, a caça e a equitação, juntamente com as experiências eróticas masculinas, não condicionam apenas a preparação militar, mas todo o mundo grego juvenil desta época. Engraçado imaginar que, neste período, o jovem ocupa um lugar de excelência, [...] "O corpo dos jovens está, portanto, no centro das preocupações da cidade. Quer se trate de treinamento, de regime alimentar ou de aptidão para a vida coletiva, a cidade cuida do mundo juvenil como se cuidasse de seu próprio coração".[10] O jovem é a vitrine da cidade, entre a música, a caça e o atletismo; é, por excelência, cobiçado, desejado por todos. Suas ações e habilidades concedem-lhes essa honra e admiração:

> [...] Ao fazer isso, ele descobre que o sacrifício, a dança, o banquete têm a ver com o mundo imaginário dos animais fabulosos, mas também com os exercícios corporais, com os treinamentos que os homens da cidade praticam em qualquer ocasião que lhes permita afirmar a singularidade e a força do mundo masculino.[11]

---

[8] A palavra areté designa o mérito ou a qualidade pela qual algo ou alguém se mostra excelente. Essa qualidade pode referir-se ao corpo e aplicar-se a coisas, como terra, vasos, móveis; pode referir-se à alma. Pode ter o sentido particular de coragem ou atos de coragem, ou o sentido moral de virtude. BARROS, Gilda Naécia Maciel de. **Areté e cultura Grega antiga** – pontos e contrapontos. Mandruvá. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur16/gilda.htm> Acesso em: 25 out. 2010.

[9] JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. Trad. Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 240.

[10] SCHNAPP, Alain. A Imagem dos Jovens na Cidade Grega. In: História dos Jovens – Da Antiguidade à Era Moderna. LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Org.); Trad: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Vol. 1, página 31.

[11] Ibid., p. 44.

O atletismo, mais ainda que a caça, é o sinal de uma distinção social, de uma idade que é o esplendor, da perfeição física. Ao se empenhar em exercícios atléticos, o jovem encontra um meio tanto de se afirmar quanto de chamar a atenção sobre si. Uma atenção que se exprime no convívio, nos jogos, nos contatos dentro e fora do ginásio.

1.2.2. Os jovens no mundo romano

Roma, como narra a lenda, fora fundada no século VIII a.C., à margem esqueda do rio Tibre, por dois jovens irmãos, Rômulo e Remo, junto com servos e rebeldes, pois os habitantes de Alba, cidade vizinha, não consideravam justo misturar e acolher rebeldes como cidadãos.[12]

Destacamos o amor juvenil pelas caçadas, junto com a esgrima e a equitação como exercícios formadores para o corpo, ou então a caça às feras que darão lugar às arenas.

Os ritos de iniciação, frequentemente, são associados ao período selvagem da vida dos gêmeos, conhecidos como "lupercos", que constituíam em Roma uma estranha e arcaica confraria: uma vez por ano, em 15 de fevereiro, dia da festa das Lupercálias, corriam "nus" ao redor do Palatino com uma tira de pele de cabra apertada na cintura e outras nas mãos. Durante a corrida, tumultuada e desenfreada, os lupercos batiam com a tira de pele na multidão que se apinhava à passagem deles, oferecendo-lhes o dorso ou a palma das mãos. Quem se adiantava eram, sobretudo mulheres, estéreis ou então prontas para a maternidade: tratavam, assim, de garantir, com o toque dos lupercos, uma concepção fácil ou um parto feliz.[13]

Após a envergadura da toga viril começava, pelos jovens romanos, o tirocínio, uma espécie de aprendizagem para a vida de adultos chamado "tirocínio", uma prática ou exercício que, ao menos no seu início, tinha um caráter militar e servia para subir de posto.

---

[12] FRASCHETTI, Augusto. **O mundo Romano**. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 59.

[13] Ibid., p. 64.

Além da ordem militar, também eles se empenham na aprendizagem da retórica e da política. Findamos com um triste exemplo,

> [...] o jovem filho de Tito Mânlio Torquato (um rapaz de ânimo feroz, que serve na cavalaria) certo dia sai em reconhecimento com os companheiros fora do acampamento e aceita o desafio para duelar com um nobre de Túsaculo. Lembrando-se da empresa paterna, com a intenção de imitá-lo, Tito aceita e sai vencedor.
>
> [...] Tito Mânlio Torquato (pai) não hesita um instante em condenar o filho à morte por ter violado não só o édito dos cônsules, mas também a disciplina do exército; sabe perfeitamente que o exemplo que dá é triste e doloroso, mas o considera salutar no futuro para a juventude romana.[14]

Diferente dos gregos, para quem tais ações eram dignas por demonstrarem coragem e valentia, aqui vale mais a ordem e a obediência.

1.2.3. Cavalaria e Cortesia

Entre os séculos XI e XVI, duas noções dominam a literatura europeia, ligadas ao amor e à proeza: a cavalaria e a cortesia, as quais ressaltarão alguns traços desta juventude. Aconteceram a partir de dois mitos fundadores, associados às figuras simbólicas de Carlos Magno e rei Arthur, sobretudo as paixões de Tristão e Isolda, de Lancelot e Guinevere.[15]

Os cavaleiros não foram criados inconscientemente, nem pela sua nobreza, nem por seu nascimento mais ilustre que a de outros homens comuns. Quando a inveja e a cobiça cresceram no mundo e os fracos não puderam mais aceitar nem suportar os disparates dos fortes, eles estabeleceram, para se proteger, fiadores e defensores, de modo a garantir a paz e a justiça. "Para assegurar essa garantia foram escolhidos aqueles que, na opinião geral,

---

[14] Ibid., p. 79-80.

[15] MARCHELLO-NIZIA, Christiane. **Cavalaria e cortesia**. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 142.

tinham maiores qualidades, os grandes, os fortes, os belos, os ágeis, os leais, os altivos, os ousados, aqueles que eram ricos em recursos morais e físicos".[16]

Outro traço do ideal cavalheiresco e cortês é a coragem guerreira, associada ao amor. As damas corteses não se dignavam receber o amor de alguém que não tivesse demonstrado valentia em combate. Pela coragem e amor a elas, os cavaleiros adquiriam maior nobreza.

Dentro desse amor e impregnado nesta época está o amor impossível, ou melhor, possível e proibido. Percebamos o drama de Lancelot, em um diálogo com o eremita que o exorta à confissão e ao arrependimento:

> Senhor, é verdade, vivo em estado de pecado mortal por causa de uma mulher que amei toda a minha vida, a rainha Guinevere, esposa do rei Artur. Entretanto, foi ela que me deu em abundância o ouro, a prata e os presentes suntuosos que pude distribuir aos cavaleiros pobres. É a ela que devo minha magnificência e a posição elevada que ocupo. Foi por amor a ela que realizei as façanhas excepcionais de que todos falam. Foi ela que me fez passar da pobreza à riqueza e do infortúnio a uma vida de delícias.[17]

Uma característica observada nas relações corteses é a que envolve quase sempre um relacionamento amoroso entre um jovem cavaleiro e uma mulher casada, esposa do senhor feudal, sempre o deixando atordoado pela sua consciência. Mas essa relação, representada como fundamentalmente binária é, na verdade, triangular, unindo certamente o cavaleiro à dama, mas também o cavaleiro ao esposo da dama.

O mesmo se pode constatar na história de Tristão, que sempre amou e esteve próximo a Isolda, a qual só se tornou amante depois que ela foi prometida como esposa ao rei Marcos, seu tio e senhor.[18] Tanto as senhoras, como os senhores ficavam encantados com a juventude cavalheiresca.

---

[16] Ibid.,145

[17] Ibid., 174.

[18] MARCHELLO-NIZIA, op. cit., p.185.

1.2.4. Jovens na Idade Média

Continuando na Idade Média, com uma juventude bem particular, que fora cavalheiresca e Cortês, entre os séculos XIV e XV, começam-se a definir as idades, e destacarem-se dois sistemas, que se opõem: um profano, que distingue quatro idades (às vezes três) e outro da cultura erudita e clerical, que distingue seis (estendendo-se por vezes a sete ou oito).

O primeiro estabelece correspondências com as quatro estações e os quatro elementos. A infância e a primavera; a juventude, o verão; a idade média, outono; e a velhice, o inverno. Quando se reduz a três, esse sistema funde a infância e a juventude numa só idade que simboliza a primavera da vida. Ele associa então a idade madura ao verão, a velhice ao outono e a morte ao inverno.[19]

Provindo da cultura erudita e clerical, legada pelo magistério e buscando afastar-se da simbologia medieval, distinguem-se seis (ou sete):

> [...] ela distingue a infância (do nascimento aos sete anos), a pueritia (dos sete aos catorze), a adulescentia (de catorze a 21 ou 28 anos), a juventus (de 21 ou 28 a 35 anos), a virilitas (de 35 a 55 ou sessenta anos) e a senectus (acima de 55 ou sessenta anos), com as fronteiras que separam essas diferentes classes de idade sendo ao mesmo tempo flexíveis e hesitantes. Muitas vezes acrescenta-se uma sétima idade, senies (acima de setenta anos).[20]

Como percebemos que a presença do cristianismo é muito forte e determinante neste período, lembremos que o "[...] corpus de jovens mais abundantes fornecido pela iconografia medieval não é, porém, o dos príncipes e cavaleiros, sejam reais ou literários, mas o da

---

[19] Pastoureau, Michel. **Os emblemas da juventude: Atributos e representações dos jovens na imagem medieval**. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1.São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 246.

[20] Ibid., p. 246.

Bíblia e o da vida dos santos".[21] Jovens notáveis proliferam nas Escrituras, e a imagem lhes concede naturalmente um lugar de importância.

Ainda na iconografia juvenil, até a metade do século XIV, na qual temos a imagem ocidental, as preocupações relativas à profundidade e, mais tarde, a perspectiva, é raro ver jovens em outra parte que não o primeiro plano da cena.

> [...] O que de maneira nenhuma é um meio de colocá-los em evidência, mas, ao contrário, ainda um modo de marginalizá-los, já que a espessura da imagem tem igualmente sua periferia: o primeiro plano. Neste, os jovens são representados em seu tamanho pequeno, não porque, se fossem maiores, encobririam tudo o que está por trás, mas porque o tamanho pequeno, como vimos, faz parte dos atributos iconográficos da juventude.[22]

Não para por aí. O vestuário e seus acessórios, tudo serve para contrapor a aparência de adultos maduros e a dos jovens: roupas longas contra roupas curtas, folgadas contra justas, tradicionais contra roupas de última moda, presença ou ausência desta ou daquela peça ou particularidade de vestuário, franjas, bordados etc. Outra característica, tratando-se de vestuário, os jovens, quando estão em grupo, diferenciam-se pela vestimenta, assim como se diferenciam pelo gesto, pelo ritmo e pela cor. Estes são reveladores da ideologia e da estética corporais que atravessaram toda a Idade Média: um corpo jovem e um corpo belo, claro, liso, saudável, ágil e solto.

Procura-se conservar, pelo maior tempo possível, como o comprovam inumeráveis receitas sobre os cuidados da beleza, os regimes de saúde e a luta contra o envelhecimento.

> Os jovens não são nem calvos nem obesos nem deformados nem corcundas; seus traços não são irregulares, não têm a pele escura nem pustulenta. Ela é imaculada, como imaculados são os brasões monocromos que alguns romances de cavalaria atribuem aos jovens cavaleiros que aguardam sua ordenação. Veem-se jovens gordos ou

---

[21] Pastoureau, Michel. **Os emblemas da juventude: Atributos e representações dos jovens na imagem medieval**. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1.São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 250.

[22] Ibid., p. 255.

> calvos, tortos ou coxos, cobertos de manchas ou de pústulas, e porque são jovens maus de uma maneira ou de outra, todo defeito na aparência física não podendo senão ocultar um vício moral ou social.[23]

A iconografia medieval não só mostra pouco o que é um corpo jovem, como raramente ilustra a função ativa da juventude no seio da sociedade. Quase sempre confere a ela um papel passivo no que toca ao bem comum. De contrapartida, representa-a de maneira estereotipada, como turbulenta, briguenta, ruidosa, perigosa, causadora de desordens, mal educada, que não respeita nada, creem saber tudo, entregam-se a loucuras de todo tipo, gastam irrefletidamente, transgridem a ordem social e moral, vivem na luxúria e no pecado. Para eles os jovens desprezam os valores estabelecidos, bem como as pessoas idosas e consideradas. Conclusão: é preciso dar-lhes lições, cortar seu orgulho, orientar seus corpos para exercícios úteis, ensinar-lhes a desprezar a vida e, sobretudo, casá-los jovens para evitar a fornicação e o adultério.[24]

1.2.5. Cultura juvenil e era moderna

Nos primórdios da era moderna, a fronteira entre a infância e a juventude ainda não era tão definida. Para a maioria da população, a escola ainda não se colocara em contraposição à vida de trabalho, como normalmente ocorre hoje. "[...] Só com a obrigatoriedade da frequência à escola, no início do século XIX, passou a adotar-se aquele corte dos catorze anos (nas regiões protestantes, reforçada no âmbito religioso pelo rito de iniciação da confirmação)", [25] estabelecendo uma clara demarcação entre infância e juventude.

Como em todas as épocas, os jovens ardem em desejos, promovem encontros nos becos, nas vias públicas, jovens de ambos os sexos costumam marcar encontros à noite no

---

[23] Ibid., p. 257.

[24] PASTOUREAU, op. cit., 259.

[25] SCHINDLER, Norbert. **Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna**. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1.São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 270.

cemitério. Estende-se então a longa mão das autoridades comunais.[26] Outro aspecto da juventude masculina, moderna, é o susto! Assustar as pessoas, sobretudo mulheres e crianças, uma atuação ritual que gira ao redor dos dois polos, de coragem e medo, "[...] confirma os papéis sexuais tradicionais e pode ser levada a cabo com êxito quando se está protegido pela escuridão".[27] É nesse contexto que se explica por que no carnaval tanta gente se mascarava de diabo: por exemplo, os jovens insolentes vestiam-se de diabos ou então se envolviam em lençóis de linho e assustavam as pessoas. Poderíamos olhar para a nossa sociedade hodierna e pensar em quantos jovens usam cadernos e camisetas com caveiras, imagens de filmes de terror etc.

Obstruíam passagens, colocando no meio do caminho e em becos escuros troncos para fazer tropeçar quem passasse de noite, rodas de carros desmontados e escondidas ou jogadas nas fontes para bloquear o decurso normal da água, "[...] a ordem constituída era assim frontalmente desmentida por outra força de ordem, ainda secreta e oculta [...]. Nessas vagabundagens noturnas dos jovens, vigorava a lei não escrita de que lhes pertencia tudo o que estava pelas ruas".[28] Todos esses atos de vandalismo e excessos exibicionistas eram acompanhados de uma gritaria selvagem, feita de berros e fúrias, de bater e socar em caixas, perturbando a paz noturna e assustando velhinhos e enfermos. Normalmente, os adultos limitavam-se a ficar de olho nas ações e inclinações dos próprios filhos, que para eles estavam crescendo. Essas liberdades juvenis, essas correrias e brincadeiras inventadas e praticadas em grupos representavam um campo de experiência e de aventuras e até mesmo de integração social que se enfraqueceria lentamente, com a passagem para a fase adulta e a aquisição de funções diferenciadas e baseadas na propriedade e no *status* social.[29]

---

[26] Ibid., 282-283.

[27] Ibid., 285.

[28] MATTOSO, Jorge Eduardo Levi (orgs). *Crise e trabalho no Brasil – modernidade ou volta ao passado.* São Paulo, Scritta, São Paulo: 1996. p. 285.

[29] SCHINDLER, Norbert. *Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna*. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1.São Paulo: Companhia das Letras, 1996 p. 302.

A juventude do início da era moderna permanecia inquieta, grande mudança estava acontecendo. Com o século XX, o mundo do consumismo positivou o ideal de juventude, sendo objeto de desejo e sonhada por muitos, como a eterna juventude, ideal triste, pois se trata de uma utopia daqueles que desejam permanecer jovens para sempre e têm a juventude pelas costas. "A juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. [30] As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade. Revela-se, pelo modelo da condição juvenil, um apelo mais geral: o direito de fazer retroceder o relógio da vida, tornando provisórias decisões profissionais e existenciais, para dispor de um tempo que não se pode medir somente em termos de objetivos instrumentais.[31] O jovem perde seu espaço e sua identidade, enquanto outros a desejam e adquirem, mesmo que parcialmente.

1.2.6. Juventude brasileira frente ao regime militar

Finalizando o primeiro capítulo, ressaltamos alguns elementos de uma juventude específica, a juventude brasileira, frente ao regime militar. Múltipla, porém com o poder de unir os diversos movimentos, abalando as convicções e as certezas da década de 60, como constata Luís Antonio Groppo, "[...] ações estudantis, *beatniks, hippies,* culto às drogas, misticismos orientais e contracultura, guerrilheiros socialistas [...]". Tal juventude se expressa na valorização da coragem guerrilheira e da opção pela luta armada".[32] Podemos acrescentar, na diversidade de grupos, os escritores, intelectuais, gente do teatro, da música e do cinema, perseguidos pela censura, esta geração de indivíduos "[...] que pegaram em armas

---

[30] MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação.** Juventude e contemporaneidade, São Paulo: Bartira, Nº 5 e 6, maio-dezembro, 1997. Edição especial. p. 13.

[31] Ibid.

[32] GROPPO, Luis Antonio. **Uma onda mundial de revoltas.** Movimentos estudantis de 1968. Piracicaba: Unimep, 2005, p. 15.

e resistiram à ditadura, procuraram transformar o cotidiano das pessoas através de uma nova utopia, uma nova sexualidade, uma nova espiritualidade, uma nova relação com a família".[33]

As principais capitais do País, principalmente o Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, em pouco tempo se tornaram praças de guerra onde estudantes e policiais se enfrentavam quase diariamente. O estopim foi a morte de um estudante, morto numa operação policial de repressão a um protesto em frente ao restaurante universitário chamado "Calabouço". "Em 68, a morte de alguém, mesmo a de um jovem desconhecido, podia levar o País a uma crise e o povo à indignação, como levou naquela sexta-feira, 29, em que 50 mil pessoas acompanharam o corpo de Edson Luís Lima Solto ao cemitério São João Batista".[34]

Outra passeata, que mostrava a força dos jovens, o desejo de mudança e o apoio de uma sociedade com medo, fora a passeata dos 100 mil, [...] "ainda em sinal de protesto à morte de Edson Luís, uma passeata com aproximadamente 100 mil pessoas parou as ruas do Rio de Janeiro, no dia 25 de junho daquele ano".[35] É importante lembrar que no mundo inteiro o ano de 1968 fora marcado por diversas manifestações.

A juventude mundial sofria as disparidades dessa época e com os jovens brasileiros não fora diferente, lembrando, de antemão, que esses movimentos não esgotam as juventudes brasileiras, nem mesmo eram a maior porção. Jovens conscientes e politizados estavam à frente, podemos dizer: uma pequena parcela, o "fermento na massa".

Os jovens passavam por profundas mudanças de ordem pessoal e social. Muitos mudaram a maneira de se vestir, deixaram os cabelos crescerem, aderiram ao jeans, andavam descalços. Reavaliavam os valores sociais. Em Ibiúna, interior de São Paulo, a UNE realiza clandestinamente o 30º Congresso Nacional, o sítio é invadido e a maioria dos jovens foi presa, interrogados, torturados e em muitos casos deportados do País.[36] Em 13 de dezembro,

---

[33] ABRAMO, Helena; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marilia Pontes (Org.). **Juventude em debate.** São Paulo: Cortez, 2000, p. 42.

[34] VENTURA, Zuenir. **1968 O ano que não terminou.** 3. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008. p. 93

[35] BORRREGO, Beatriz; MARIA, Letícia; MAIA, Paula. **Uma lacuna na história.** Movimentos de oposição ao regime militar nas cidades de Lorena e Aparecida. 2. ed. Taubaté: 2000, p. 41.

[36] ABRAMO, op. cit., p. 42.

um golpe mortal para juventude e para o País, "o AI-5 passou a vigorar",[37] uma ditadura sem disfarce, no qual o Congresso Nacional, a Assembleia Legislativa e algumas Câmaras Municipais foram postas em recessos. Muitos políticos foram cassados e o que se segue são: desaparecimentos, torturas e prisões, as quais passaram a fazer parte da rotina do País. Inúmeros mortos e desaparecidos, terminando este tempo de ditadura com as *Diretas já*, no ano de 1984.

1.3. Conceito de cultura juvenil

1.3.1. Nos Documentos da Igreja

Nos documentos papais, Paulo VI (1963-1978) fala do drama entre cultura e evangelização. Promover a cultura sem perder a ternura do amor que deve elevar a dignidade humana acima da cultura. Focando especialmente a cultura juvenil, demonstra uma preocupação com os jovens, pois a cultura confirma a identidade da pessoa humana.

Nas Encíclicas de João Paulo II (1978), é notória sua preocupação com os jovens e sua cultura. Na Encíclica *Dives in Misericórdia* (02/12/1980), aprofunda o texto do filho pródigo e menciona a cultura do consumismo do filho mais novo em herdar os bens do pai. Ao mesmo tempo, enfoca a cultura da misericórdia que marca profundamente o arrependimento do filho e a acolhida incondicional do pai. Um pouco mais à frente, João Paulo II, na Encíclica *Centesimus Annus* (01/05/1991) fala do Estado e da Cultura, afirmando a visão realista da natureza social do homem a qual exige uma legislação adequada para a proteção de todos. Visa ajudar os jovens a terem uma consciência ética dos seus direitos e deveres na sociedade.

O Concílio Vaticano II (1968, n.1.376), no Decreto *Apostolicam Actuositatem* apresenta a cultura juvenil como uma influência da maior importância na sociedade moderna. As circunstâncias da vida dos jovens, a mentalidade e as próprias relações com as famílias estão profundamente mudadas. Muitas vezes eles passam de maneira rápida para a

[37] Ibid., 41.

nova condição social e econômica. Aumenta dia a dia sua importância social e política. Porém estão muitas vezes despreparados para assumirem determinados papeis na sociedade. A cultura e a vida social precisam caminhar juntas, conservando os valores que promovem a vida. Ainda segundo a Encíclica do Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1968, n.371) é definida a plenitude da cultura quando a pessoa humana atinge a humanidade verdadeira. Porém ela se dá plenamente quando o homem cultiva os bens e os valores da natureza humana.

O Documento de Puebla (1979, p. 99, n. 51-53), falando dos aspectos da cultura, confirma a importância e riqueza das várias raças que compõem a cultura deste largo continente que é a América Latina. Ao mesmo tempo, fala das influências externas com novas formas de vida e valores que minam e deformam as culturas tradicionais de nossos países – minando, assim, nossa identidade e nossos valores específicos. Ainda mais adiante (p.184, n. 586), o documento afirma que a palavra "cultura" indica de maneira particular como em determinado povo é cultivada a relação com a natureza, com o outro, consigo mesmo e com Deus.

O documento de Aparecida (2007, n. 509-514) apresenta a cultura urbana como complexa e plural. A cidade é o lugar de novas culturas e umas vão sendo gestadas e se impondo, com novas linguagens e novas simbologias. No mundo urbano acontecem complexas transformações que influenciam em todos os aspectos da vida humana em especial na vida dos jovens.

1.3.2. No pensamento de alguns autores

A cultura juvenil é marcada por trajetórias. Segundo Schäffer (1996, p. 161), a noção de *cultura juvenil* como parte de uma sociedade foi se desenvolvendo à medida que a juventude passou a ser vista como uma categoria social e geracional específica e, conforme a autonomia, foi sendo adquirida por esse grupo etário e seu estilo (1998, p. 161). Schaffers afirma que é preciso ficar atento aos estilos, pois estudos mais recentes associam a importância dos estilos culturais na adolescência às tendências de *desinstitucionalização* do indivíduo, de individualização de classes ou camadas sociais e de transformações estruturais da condição juvenil.

"Nesse sentido, os estilos culturais são interpretados

Como reação às mudanças que estão ocorrendo

De uma forma global nas sociedades complexas..."

Schaffers (1996, p.47).

Para Savage (2009), em 1944, nos Estados Unidos da América, o uso da categoria jovem de idade de 14 a 18 anos, desde o início foi um termo de *marketing* usado por publicitários e fabricantes, que refletia o poder do consumo dos adolescentes naquela época. O fato é que pela primeira vez os jovens entraram no cenário das reflexões e se tornaram um público-alvo o que também significava que eles tinham se transformado num grupo etário específico com rituais, direitos e exigências próprias. Nesse período, a ideia de que a juventude poderia ser definida como uma fase distinta da vida estava engatinhando. Mas as ideias surgiam na mente de muitas pessoas da sociedade, baseadas em promessa de juventude, transitória ou eterna.

Barbosa e Compbell (2006) ao falarem de cultura, consumo e identidade classificam a cultura juvenil como uma combinação perfeita para o atual mundo contemporâneo. O jovem é o objeto de consumo cobiçado pelo mercado capitalista. Nessa relação de consumo, cria-se uma cultura, utilizando aquilo que os jovens gostam e fazem bem como: a música, roupas (moda), estética, linguagem etc. Cultura juvenil passa a ser aquilo que interessa ao mercado. É bom retomar novamente o conceito utilizado por Tylor (1871) onde a cultura é um conceito desenvolvido inicialmente para designar o todo complexo metabiológico criado pelo homem. A cultura é constituída por práticas sociais e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. E no caso do jovem, este padrão de um determinado espaço é altamente influenciado pela mídia e pelo neoliberalismo.

1.4. Cultura juvenil urbana

Paulo VI (1975), na sua Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi,* convida a Igreja a voltar o olhar especial para a juventude, pois é uma população que cresce rapidamente na sociedade, principalmente nos centros urbanos, e devido aos problemas que os cercam devem-se-lhes apresentar com zelo e cuidado o Evangelho. A cultura juvenil sempre é aberta ao novo e à verdade.

Já na Carta Apostólica *Octogésima adveniens,* o Papa Paulo VI (1971), preocupado com a cultura urbana do jovem no mundo industrial perguntava *"qual seria o lugar dos jovens na mutação industrial e qual seria o seu papel na transformação social" (p.11 n.13).* Percebe-se que a preocupação de Paulo VI era a dignidade da pessoa do jovem e a valorização da cultura juvenil, pois sabia que a juventude era portadora de aspirações, de renovação e, também, de insegurança quanto ao futuro.

Silva e Costa (2006), no livro **"***Sociabilidade juvenil e cultura urbana***",** reúnem artigos, fruto de pesquisas sobre questões da juventude contemporânea, numa perspectiva em que o local e o global se articulam, recriando e produzindo novas formas de viver nas grandes cidades. Assim, Berlim e São Paulo aparecem como o cenário da pesquisa comparativa sobre feminismo e *hip-hop*; mais adiante, vemos os jovens de Lisboa através de trabalhos que discutem o corpo, a tatuagem e as bandas de *rock*. Há também a transformação do *status* do adolescente na família, observada na sociedade catalã. Juventude, globalização e modernidade, trabalho, lazer e violência são temas focalizados nessa obra, que aborda a realidade juvenil, tendo como paisagem a metrópole paulistana. Retomando Reguilho Cruz (2000), as culturas juvenis atuam com expressão que codifica através de símbolos, linguagens diversas e porque não dizer esperança e o medo.

1.5. A Tribo Urbana

Despedindo-se da infância, agora é momento de reforçar seu espaço na sociedade; o jovem sente necessidade de encontrar modelos. Em tempos idos, eram os santos, hoje são os artistas, esportistas e os grupos musicais, figuras da *pop music* invadiram o imaginário juvenil.[38] O jovem sofre com o dilema de morrer para a infância, ser inserido pelos colegas e pela sociedade em outro grupo etário ou prolongar a doce "irresponsabilidade" infantil.[39] "O jovem está mais sensível com as mudanças sociais e culturais do meio em que vive, porque é

[38] LIBÂNIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade.** Considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004, p. 25.

[39] Ibid., p. 29.

parte fundamental dessas mudanças, porque está se preparando para escolher uma profissão e se tornar, mais tarde, um adulto responsável com suas obrigações sociais".[40]

No contato com o outro, o jovem se encontra, o grupo seduz e permite experimentar o que na família e na sociedade ainda não havia feito. Em casa, é filho dependente, no grupo é alguém, isso o leva a preferir passar mais tempo no grupo do que em sua casa.

> Seus modos espetaculares de existir através da música, dança, vestuário, indicam que esses jovens paradoxalmente buscam a integração [...] esses espaços por onde o jovem vai construindo e/ou afirmando a sua identidade são importantes como potencialidades de gestar novas identidades coletivas.[41]

A identidade pessoal dentro do grupo cresce, a segurança e a preparação para estabelecer seu lugar na sociedade também. Dentre os diversos grupos, trataremos sobre as "tribos juvenis". O termo tribo urbana surgiu na década de 80, com o sociólogo Michel Maffesoli e designa todos esses grupos que se expressam e têm maior evidência nas grandes cidades, devido à sua heterogeneidade e liberdade de expressão, [...] "os grupos produzem os seus projetos e as suas intenções de acordo com o período histórico",[42] revestidos de vocabulário, estética e atitudes. "O quotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas [...] a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, eis tudo o que acompanha o tribalismo pós-moderno".[43]

---

[40] SILVA, Wilma Regina Alves da. **Tribos urbanas, você e eu:** conversas com a juventude. 2 ed. São Paulo, 2009, p. 30.

[41] MELUCCI, *Alberto.* Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação.** Juventude e contemporaneidade, São Paulo: Bartira, Nº 5 e 6, mai-dez, 1997. Edição especial.

[42] PORTAL SESC SÃO PAULO. São Paulo de todas as Tribos. Disponível em: <www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=368&Artigo_ID=5628&IDCategoria=6481&reftype=2> Acesso em: 05 nov. 2010.

[43] MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos.** O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 4. ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 03.

Nessas tribos, esse reencantamento tem como liga principal a emoção ou a sensibilidade, continua Maffesoli. O tribalismo, mais profundamente, é uma declaração de guerra ao esquema substancialista que marcou o Ocidente: o Ser, Deus, o Estado, as Instituições, o Indivíduo. Em suma, somente o que dura é estável, consistente, merece atenção. O indivíduo é seu último avatar. Ele é o Deus moderno; a identidade, seu modo de expressão.[44] Diante dessa realidade, para o jovem tribal, o estar em grupo, o participar de uma tribo, relaciona-se com a realidade hodierna. [...] "Essas tribos ostentam um vitalismo rebelde, opõem-se ao individualismo moderno e almejam situar-se à margem das normas da sociedade".[45] Tratando de vitalismo, peguemos o exemplo da música tecno, as *raves,* há nelas som alto, luzes, cores, muita gente, o nativo, o bárbaro, o tribal: dizem e redizem a origem e, com isso, restituem vida ao que tinha tendência a se esclerosar, aburguesar-se, institucionalizar-se. O retorno ao arcaico expressa, na maior parte do tempo, forte carga de vitalidade.

> [...] esse vitalismo nas efervescências musicais, mas pode-se igualmente, observá-lo na criatividade publicitária, na anomia sexual, no retorno à natureza, no ecologismo ambiente, na exacerbação do pelo, da pele, dos humores e dos odores, em suma, em tudo o que lembra o animal no humano. A vida se torna selvagem! Eis o paradoxo essencial da pós-modernidade, mostrando a origem, a fonte, o primitivo e o bárbaro.[46]

Encontra-se a "efervescência no vitalismo social e natural, sobretudo em certos períodos que assistem à desestabilização de seus valores e de suas convicções",[47] dentro do corpo social. Movimentos tribais, como os *hippies, punks, rappers*, juventude de 1968 diante do regime militar, foram grandes exemplos de vitalismo natural e social, respondendo às necessidades de suas respectivas épocas, com protestos culturais, sociais e, até mesmo, luta

---

[44] Ibid., p. 16.

[45] COSTA, Márcia Regina da. Tribos Urbanas e identidades nas metrópoles**. Eccos. UNINOVE**, São Paulo: v. 3, n. 1, jun. 2001, p. 46.

[46] MAFFESOLI, op. cit., p. 08.

[47] Ibid., p. 125.

armada. Passemos para algumas tribos urbanas, ressaltando vários elementos que trazem em suas histórias e em paralelo dizem muito, sem quererem dizer, da própria sociedade em que se encontram, como retratos juvenis da cultura vigente.

1.6. História das principais Tribos Juvenis

As pessoas tentam nos colocar pra baixo (falo da minha geração) Só porque estamos por todos os lados (falo da minha geração) As coisas que eles fazem parecem terrivelmente frias (falo da minha geração) Espero morrer antes de ficar velho (falo da minha geração).[48]

1.6.1. Roqueiros

O *rock and roll* foi o grande responsável por unir grupos de jovens em todo o mundo. Teve início na década de 1950, entre a junção do *blues* e do *country* norte-americano, com um rapaz gordinho e simpático, chamado Bill Haley, mas foi com outro jovem, bonito, aventureiro e romântico que o *rock* ganhou popularidade em todo o mundo, Elvis Presley, que "escandalizou sua época ao aparecer rebolando e cantando com roupas justas de couro, topete com brilhantina e grandes costeletas na recente invenção humana, a TV".[49] Os grupos de jovens já estavam unidos por esse movimento musical e, no lugar de cantores em carreira solo, surgiam os grupos, cujo destaque vai merecidamente para os *Beatles* e os *Rolling Stones*.

No *rock*, nascente, com os difíceis acontecimentos sociais e mundiais, sobretudo a Guerra do Vietnã, os grupos transformaram-se em porta-vozes da juventude, criando uma cultura não conformista, que exaltava valores de expressão, de descontração, de androginia, humor e espontaneidade, traduzido na exaltação de ídolos e estrelas jovens, diferente dos modelos anteriores, como tratamos a respeito dos santos cristãos. Os corpos masculinos

---

[48] The Who. My Generation. Reino Unido: - Brunswick Records, 1965, disco sonoro.

[49] SILVA, op. cit., p. 39.

adquirem atributos até então vistos como exclusivos do sexo feminino: cabelos longos, soltos ou em rabos de cavalo, lábios grossos e sensuais; era uma forma de ruptura.

> Essa fase de grande originalidade dá legitimidade ao homem para explorar a roupa, usando-a de todas as formas [...]. O descuidado, o tosco, o rasgado, o puído, o descosturado, o gasto, o desfiado, o sujo, o esgarçado, o apertado, o desbotado, o colorido, o psicodélico, o brilhoso, o estampado, o extravagante e, inclusive a própria saia.[50]

Além de mudanças de costumes, ampliaram-se os estilos de *rock* e com ele uma diversidade de expressões juvenis. Conheçamos algumas, começando pelos *hippies*.

1.6.2. Hippies

Ainda na década de 60, surgem os *hippies*,[51] jovens adeptos a uma moral e costumes não conformistas, baseados na não violência, na oposição à sociedade industrial e aos valores tradicionais, preconizando a liberdade em todos os sentidos, valorizando a vida em comunidade. Teve início nos Estados Unidos, caracterizando-se por sua oposição radical à militarização e à Guerra do Vietnã. O uso de drogas como maconha e alucinógenos era presente. Roupas velhas e rasgadas para ir em oposição ao consumismo, roupas com cores berrantes psicodélicas, calças boca de sino, camisas tingidas e roupas de inspiração indiana.[52]

Ao se falar dos *hippies*, um fato marcante que vem à tona é o festival de Woodstock,[53] um dos principais acontecimentos da contracultura na década de 60, que reuniu em torno de quinhentos mil jovens para prestigiar o festival. Sexo livre, três dias de liberdade, muita droga e paz, lançam o lema que faz até hoje muito pai ficar desesperado quando seu filho diz que gosta de *rock*, "sexo, drogas e *rock-'n'-roll*, lema confundido e

---

[50] ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas Jovens:** Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 71.

[51] Derivado da palavra *hipster*, que designava as pessoas nos EUA as quais se envolviam com a cultura negra.

[52] FABI. **Hippies e a contracultura**. Spiner - Portal para Jovens. Disponível em: <http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=1262> Acesso em: 05 nov. 2010.

[53] Festival de *rock* realizado de 15 a 17 de agosto de 1969, na Woodstock *Music and Art Fair*, perto de Bethel, em Nova York, nos Estados Unidos.

dividido com todos os grupos e tribos urbanas que possuem o *rock* como trilha sonora principal do movimento".[54]

O movimento *hippie* existe até hoje, e há em seu interior não só jovens, mas também adultos que participam desde o seu início.

1.6.3. Punks

Enquanto o mundo volta a sua atenção às consequências horripilantes da Segunda Guerra Mundial e às mortes na Guerra do Vietnã, um grupo de jovens começou a perceber quais eram as influências políticas na vida particular de cada pessoa de um sistema governamental que recebeu o nome de neoliberalismo.

O movimento *punk* nasceu na Europa, mesclando as classes trabalhadoras e universitárias. Caracterizam-se pelo uso de cabelos tipo moicano e coloridos, *piercing* e grande quantidade de brincos, gargantilhas de espinho, pulseiras, roupas rasgadas, coturnos, mochilas com dizeres revolucionários e o símbolo da anarquia, lutando "[...] contra tudo aquilo que eles julgavam conservador, como a família, a Igreja e a escola tradicional, [...] na América Latina, mais uma questão agravava além das guerras e do neoliberalismo: a ditadura militar".[55]

Grande parte dos *punks* participa de movimentos políticos, juvenis e estudantis. Estão sempre preparados para manifestarem-se contra as políticas que prejudicam o povo. Podemos perceber sua causa, sua luta, no chamado Manifesto do livro Essinger, *Punk anarquia planetária e a cena brasileira*, que, além da política, dos maus costumes, e da desonestidade, combate a hipocrisia:

Todo repúdio ao sistema injusto, à fome, à miséria, à falsidade, à mediocridade, à falta de humor, à exploração do homem pelo homem, aos que matam as crianças, aos neonazistas e fascistas em geral, à hipocrisia, aos burocratas, à dança da bundinha, aos que exploram as desgraças do povo na TV, à lei de Gerson, aos que vendem o Brasil, aos cheios de si, aos que batem em mulheres, aos que escravizam pela droga, aos que transformam a religião em supermercado, aos pedantes, aos maus patrões, aos monopólios, aos que deixam perpetuar a

---

[54] SILVA, op. cit., p. 107.

[55] Ibid., p. 44.

ignorância, aos fomentadores de intriga, à programação dominical da TV, aos que furam fila, à ganância, ao Star System, aos que vivem reclamando da vida e não fazem nada para mudá-la.[56]

1.6.4. Góticos

Uma rápida passagem por esta tribo belíssima, em seu contraste, muito próprio de nossa sociedade hodierna, [...] "o bom e o mau, o certo e o errado, o claro e o escuro são lados de uma mesma moeda. [...] A dualidade, dessa forma, transformou-se na bandeira central desses jovens que começaram a denominar-se *darks* e góticos".[57]

O gótico é, acima de tudo, uma manifestação artística e cultural. Sua primeira forma de expressão deu-se pela arquitetura, cujo destaque são as grandes catedrais europeias, suas torres, apontando para o céu, conduzindo nosso olhar para o criador, "o interior, muito escuro, ganhava luminosidade através dos vitrais coloridos. Era como se a luz que adentrava as catedrais fosse a manifestação do divino, de Deus, iluminando aqueles que se encontravam perdidos na escuridão".[58] Essa é a filosofia gótica, o reflexo do belo naquilo que aparentemente é feio, escuro, mostrando que por trás das aparências sombrias sempre se encontram luz, beleza, por isso os membros dessa tribo estão sempre de preto, dando alguns destaques na maquiagem ou em alguma peça do seu vestuário. Também é muito comum a partilha entre seus membros, justificando seu luto pela sociedade que sucumbe diante da ignorância. Os góticos foram uma dissidência dos *punks*.

1.6.5. Manos/Rappers

Os *rappers*, originários das periferias e subúrbios metropolitanos, lutam contra a morte física, oriunda da violência que pode vir da polícia, do tráfico de drogas ou da criminalidade. Os manos como são conhecidos, ou *rappers*, são aqueles que escutam a música *Rap*, uma forma poética e urbana de música mais falada, com letras que retratam o cotidiano, muitas vezes violento e esquecido pelas autoridades, em que faltam condições justas de moradia, de educação, saúde e trabalho, "o Rap como um dos porta-vozes de uma

---

[56] SILVA, op. cit., p. 50.

[57] Ibid.

[58] Ibid., p. 51.

cultura produzida em seu interior e que se materializa nas áreas deterioradas das cidades em todo o mundo".[59]

Lutam contra a discriminação racial e social, muitos acreditam que a música será a solução contra a violência, há belíssimos trabalhos que alguns *rappers* vêm fazendo nas suas comunidades, ensinando aos jovens a arte da música e da dança. "continua sendo uma das mais importantes tribos urbanas que lutam contra a desigualdade social".[60]

Dentro da cultura *rapper*, outro movimento importantíssimo é o *hip-hop*. Este tem sido um dos grandes responsáveis pela diminuição do índice de violência e de uso de drogas pela juventude das periferias e favelas de São Paulo, unindo jovens pela dança, pela arte do grafite, pela técnica da música e em busca da construção da paz. O *hip-hop* "vem oxigenar a participação política, porém por intermédio de um movimento da arte e de uma cultura elaborada pelas pessoas da periferia. Ele preenche uma lacuna deixada pela sociedade".[61] Além de cultural, é um movimento político e social, ainda alvo de muitos preconceitos, por aqueles que não o conhecem, mas como percebemos acima, tem feito muito bem, particularmente nas periferias, onde seus moradores muitas vezes são esquecidos.

1.6.6. Nerds

Os *nerds* gostam muito de estudar, "caricaturas dos *nerds* costumam ser feitas nas escolas: 'óculos fundo de garrafa, pessoas fechadas e antipáticas que só tiram a nota máxima e são extremamente certinhas'". [62] Muitos de seus *hobbies* quase sempre não são compreendidos pelos jovens da mesma idade: jogos de xadrez, leituras de clássicos e romances, visitas a galeria de artes e exposições, o esporte e o convívio com outros jovens. Essas não são as suas maiores qualidades, os *nerds* evoluem, as bibliotecas não são mais suas

---

[59] COSTA, op. cit., p. 54.

[60] SILVA, op. cit., p. 54.

[61] Portal Sesc São Paulo, op. cit.

[62] Ibid.

únicas diversões, conheceremos à frente os *geeks,* obcecados por tecnologia e jogos eletrônicos.

1.6.7. Clubbers

Nascida na Inglaterra, a tribo dos *clubbers* reúne pessoas que gostam de música eletrônica e têm uma estética visual irreverente, cabelos coloridos e arrepiados, óculos de plásticos coloridos, roupas que vão do couro ao plástico, sempre muito alegres e excêntricas. Uma das tribos urbanas mais confusas e complexas, pois recuperando o fascínio pelas discotecas que foram a grande sensação da década de 70 e início dos anos 80, os *clubbers* mostram como é possível idealizar uma vida naturalista e, ao mesmo tempo, ser, como eles se autodenominam, filhos da tecnologia.[63] Usam brincos e *piercing*, coturnos e correntes. Misturam várias ações como os *rollers*, patins mais rápidos que possibilitam inúmeras possibilidades de manobras, os malabares, artes circenses e muito bom humor. A drogadição é presente no movimento, sendo o *ecstasy* uma droga muito comum nas *rave*s. É uma substância que dá muita sede e disposição, e faz com que os jovens passem as madrugadas dançando sem sentirem cansaço. A estética dos jovens que frequentam essa tribo lembra os modelitos da boneca Barbie. Celulares, acessórios de plástico e visual psicodélicos são complementos básicos.[64]

---

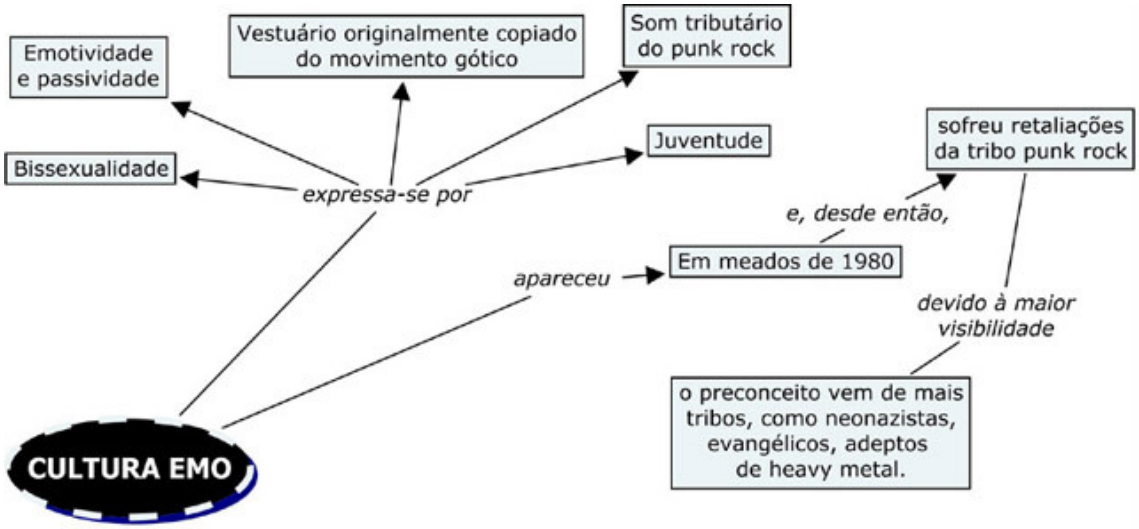
[63] SILVA, op. cit., p. 93.

[64] Ibid.

Capítulo 2

JOVENS DA CULTURA EMO

Ilustração 1: Mapa conceitual



A cultura Emo tem se revelado um exemplo de manifestação de desprezo pela sociedade individualista. Na sua fase de desenvolvimento (afirmação da identidade), ela se apresenta como grupos de adolescentes e jovens amorosos, respeitosos e desejosos de serem amados e respeitados na sociedade atual. Não obstante, percebemos a maneira melancólica que se manifesta nos membros da cultura EMO pelo desejo de serem reconhecidos por sua família que, na maioria das vezes, são desestruturadas, com dificuldades de aproximação para o diálogo, para a relação de carinho e amor com seus filhos. Sofrem com a discriminação da sociedade por estarem fora dos padrões que a cultura ordena ou impõe. Também são discriminados por outras formas associativas juvenis por usarem músicas e apetrechos de outras culturas. Em especial eles são perseguidos pelas tribos neonazistas e tribos evangélicas, que vê no grupo Emo uma manifestação do demônio.

Segundo afirma Pais (1994), cultura juvenil define-se como o sistema de valores socialmente atribuídos aos jovens (tomado como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais, contrapondo-se à corrente intergeracional e da corrente classista. Neste contexto mais amplo, o cotidiano

apresenta-se como um "celeiro" onde os jovens constroem sua própria base de compreensão e entendimento social. Ainda, segundo o autor, as correntes sofrem interações sociais e entre si, ressaltando que os jovens partilham as diversas maneiras de se comunicarem, assim como os variados valores que defendem. Estes são legitimados pela convivência permanente no próprio grupo e pela transição que os jovens fazem em contextos socialmente diferentes.

Quando esta interação se estrutura, organiza-se, deparamo-nos com a organização da sociedade urbana em tribos, como defende Maffesoli (2006), que define tribos urbanas como agrupamentos semiestruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo.

Um jovem pode identificar-se com a cultura *Emo*, *pop, rock, punk rock* e não necessariamente associar-se, participar de um grupo, reunir-se com este ou com aquela forma associativa. Ele se identifica com a cultura como termo amplo quando ele se identifica com uma cultura e dela quer fazer parte, associar-se, participar de reuniões e grupos. Ele participa da tribo através de um compartilhamento de códigos, de elementos estéticos e de práticas sociais que contribuem para definir a imagem social dessa tribo. Segundo Hall (1976), a apropriação dessa imagem é o que confere aos membros a ilusão de identidade, sustentada pela aposta subjetiva de cada um na imagem de uma comunidade de iguais.

Por que a necessidade de uma cultura juvenil? De onde ela surge?

> Entonces, lá condicion juvenil alude a los mecanismos tanto estructurales como (especialmente) culturáles que enmarcam los procesos de inserción de sujetos concrectos, considerados jóvenes, em uma dinámica sociocultural histórica y geópoliticamente configurada. (REGUILLO, 2000)

Segundo a autora Rosana Reguillo, no seu estudo sobre os jovens mexicanos, este encontra-se inserido em um mundo do qual ele é vítima das condições sociais e do neoliberalismo. A maioria vive em situação de pobreza e miséria, sem acesso à educação e ao trabalho, por muitas vezes, sendo responsabilizado por esta situação. Atropelado pelo individualismo e recebendo inúmeros estímulos de consumo, difíceis de alcançar, ele se vê sozinho. É a condição do próprio jovem que o envolve e marca um processo de inserção

deste sujeito na sociedade tanto no aspecto social como político e histórico, que só é possível na sua identificação em uma determinada cultura ou em várias culturas e, posteriormente, a partir de uma posição de escolha, aliar-se a uma Tribo Juvenil Urbana, com a necessidade e procura de uma estabilidade, com mínimas certezas do seu lugar, segurança, solidariedade, lealdade dos pares, garantias e, em especial, reconhecimento.

E são três as opções que são oferecidas aos jovens pela sociedade e que muitas vezes mostram-se perigosas ou não atendem suas necessidades:

1. As estruturas do crime organizado, o narcotráfico.

2. As diferentes formas de ofertas, e ofertas de sentido.

3. O mercado e a mídia com as suas **identidades** e receitas prontas.

2.1. Identidade e representações

Na sociedade do Ocidente atual, os adolescentes e jovens em geral enfrentam um conflito intenso dentro de si mesmos: a sexualidade está sendo descoberta, suas implicações sociais os atingem, o início de sua escolha profissional os pressiona, a aproximação deles com os amigos os colocam em contato com ideias diferentes daquelas que tinham dentro de casa. Sendo assim, pode-se dizer que o adolescente e jovem é um dos indivíduos da sociedade que mais questionam, enfrentam e refletem.

Segundo Erikson (1968), "o principal desafio da adolescência e início da juventude é enfrentar a crise de identidade para se tornar um adulto valorizado na sociedade e com senso de identidade coerente" [65]. A crise da identidade implica na organização dessas pessoas quanto a diversos aspectos internos, como sua nacionalidade, sua inserção em certos grupos sociais, sua futura profissão, suas necessidades, seus interesses, tendo em vista formar uma identidade a ser carregada por ela. Quando essa crise não encontra uma resolução, segundo o autor, pode haver o retardamento da conquista da maturação psicológica. As "panelinhas" e a regressão à infantilidade seriam, segundo ele, defesas contra essa confusão de identidade. Um grande exemplo são os adolescentes pertencentes ao grupo dos Emos são meninos e

[65] ERIKSON, E. H. *Childhood and society.* New York: Norton. 1968

meninas em uma idade média de 12 a 17 anos que se vestem com roupas em geral pretas, quadriculadas ou xadrezes, com símbolos infantis, como camisetas estampadas de ursinhos, e utilizando acessórios, agressivos, com pulseiras pontudas e maquiagem marcante, mas ao mesmo tempo levam consigo bichinhos de pelúcia e ouvem músicas extremamente românticas. Alguns meninos usam franjas compridas cobrindo parte do rosto e roupas mais justas. O grupo prega o amor, não tem vergonha de demonstrar seus sentimentos, declaram repulsa à violência. Em geral, são extremamente tolerantes com questões como homossexualidade, religiões diversas e raças. Muitos deles nessa época fazem tatuagens com diversos tipos de desenho e, dentre eles, está o estilo *Old School* (desenhos ousados e simples, retratam geralmente figuras femininas, corações, caveiras, e desenhos com fitas, como pergaminhos).

Fazendo uma análise do visual apresentado pelo grupo dos *Emos* e de suas ideologias e comportamentos, podemos inferir diversos aspectos estudados na disciplina de Antropologia: o rito de passagem da infância/adolescência, a questão da sexualidade descoberta ou indefinida, o papel social que o menino e a menina representam na sociedade, o corpo como um símbolo, único espaço de expressão e, talvez, o único espaço que consideram seu, por isso, de acordo com Erikson, o positivo das memórias infantis é que elas sejam expostas constantemente para dar uma razão (Freud, 1999[66]).

Para o desenvolvimento do presente estudo, será utilizado conhecimento do senso comum sobre o grupo dos *Emos*, perante a ausência de trabalhos científicos que o caracterize. As informações podem ser encontradas em redes sociais como o *Orkut* e o *Facebook*, em *blogs* e no cotidiano das ruas, escolas e praças.

Utilizando como referência, portanto, o citado autor Erikson, seria possível dizer que um adolescente, ao inserir-se no grupo *Emo*, está em busca de sua identidade, utilizando-se de recursos como a infantilização, o visual, a música e os comportamentos para montar sua defesa contra esse mundo desconhecido que surge com a adolescência. Estando mais perto da vida adulta, as cobranças começam a se acentuar, bem como a maturação orgânica, e isso o coloca mais intensamente diante do papel que, segundo sua sociedade, deve representar.

---

[66] FREUD, Sigmund; Novas conferências introdutórias à psicanálise, Frankfurt: Fischer, 1999, p 56.

A banda *Restart*, conhecida pelo público como uma banda de *Emos Coloridos*, defende sua posição infantilizada, seu visual e sua música *happy rock*. Os *Emos Coloridos* diferenciam-se dos *Emos* porque têm um olhar mais otimista da vida, não herdaram a melancolia gótica que caracteriza os *Emos* e representam isso nas suas vestimentas coloridas.

Vejamos algumas citações de uma entrevista realizada com a repórter Marília Gabriela no programa "De frente com Gabi":

> M: Vocês denominaram o tipo de música que vocês fazem não é?
>
> R: A gente chamou de "**happy rock**", *happy* de feliz, tem gente que confunde *happy* com *rap, rap* do *hip-hop* (não, *happy* com *h-a-p-p-y*) isto de feliz. Porque acho que tem a ver com o nosso visual, nós somos muito brincalhões, acho até que **por sermos mais novos** (a banda já tem 18-19 anos, considerada maior de idade pelas leis brasileiras e cita em toda a entrevista que são mais novos, moleques etc.), não sei mais a gente sempre foi muito brincalhão, tirar sarro do outro, sempre sorrindo, as nossas músicas...
>
> M: E tem todas as cores (das roupas)...?
>
> R: É que a gente gosta um pouquinho de cor né.
>
> M: Que bom que bom.
>
> R: Porque saiu um pouco do *rock* o pretume do *rock* que tinha muito isto... O Brasil é um país colorido, é que as pessoas às vezes esquecem um pouco disto, na verdade, mas, vivemos num país que tem a coisa das cores da mistura, tudo e tal, então não deveria ser tão chocante a gente ser colorido.

2.2. O rito de passagem da infância/adolescência

Rodrigues (1983) escreve sobre a passagem da infância para a adolescência, englobando ideias bastante interessantes e que podem também ser aplicadas ao tema trabalhado aqui. Segundo o autor, "a puberdade física é difícil de ser fixada cronologicamente, e suas características variam com as diferenças das culturas" [67]. Além disso, o que se espera do indivíduo quando ele passa por essa fase também muda de cultura

67 RODRIGUES, J. C. "Corpo ou Corpos?" Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

para cultura. Sendo assim, os fatores fisiológicos dessa passagem são interpretados de forma diferente em cada sociedade; assim as cerimônias, comportamentos, crenças e emoções celebram um fato cultural.

Para as culturas, tudo o que muda e evolui deve ser previsto e enquadrado em categorias, qualquer mudança é uma passagem de uma categoria a outra. As sociedades estabelecem alguns rituais específicos para exercer certo grau de controle sobre esses momentos transitórios. Em nossa sociedade, segundo Rodrigues (1983), o conteúdo é visto como ambíguo: o adolescente é aquele que já não é criança, mas ainda não é adulto. Sendo seu papel ainda não definido com clareza, ele passa por dificuldades relacionadas a isso; cada hora comporta-se de uma maneira.

Essa questão está bem presente no grupo dos *Emos*. Ao passo que sua própria aparência mostra a agressividade adulta, com a maquiagem e a roupa escuras, estas às vezes rasgadas, os acessórios de metal mostrando também a forte presença da infância, com os bichinhos de pelúcia, personagens de desenhos representados em seus objetos, linguagem infantil. Nas mídias relacionadas aos *Emos*, como comunidades na internet, é possível perceber a infantilização da escrita, trocando palavras como esposa por "marida", como ocorre com as crianças, e trocando o S por X, como sim, que se torna "xim".

É possível, portanto, interpretar essa mistura de elementos em seu visual como um retrato de sua confusão interna, de sua indefinição quanto ao *status* social a que pertence e os sentimentos que isso gera. Além disso, as músicas conhecidas como *Emocore* retratam em suas letras essa confusão claramente, com frases como "Desculpe, não posso ser perfeito", "Não há nada errado em talvez não acertar". Representam, assim, a dificuldade em atingir um objetivo que nem mesmo eles sabem qual é perante essa fase de transição.

2.3. Sexualidade

2.3.1. A sexualidade em discurso

Em sua brilhante escrita da História da Sexualidade, Foucault (2003) trata um assunto que para os adolescentes é crucial: o sexo em discurso[68]. A sexualidade está entre os temas mais sentidos pelo adolescente e as famílias lidam com isso de maneiras diversas. A maior parte delas utiliza o discurso não somente como meio de informar o filho, mas até mesmo de inibi-lo e colocá-lo nos moldes da sociedade.

Ao longo da história, percebe-se que a sexualidade da criança foi sendo descoberta, e por fim nas famílias foi instaurada uma "guerra ao onanismo", uma maneira de evitar que a criança descubra sua sexualidade. A masturbação já foi considerada uma doença por muitos, e até hoje ainda é vista como motivo de vergonha.

Nesse contexto de repressão da sexualidade, o jovem *Emo*, assim como os demais, encontra um campo de confusão. Está descobrindo-se, mas isso não é visto como algo natural. Então ele recorre ao grupo ao qual pertence em busca de compreensão e ajuda, encontrando outros na mesma situação. Assim são compartilhadas informações, trocadas ideias, tiradas dúvidas. Nesse sentido, o fato de o adolescente pertencer a um grupo unido e bem articulado como esse é bastante positivo. Além disso, os *Emos* incentivam largamente o amor, em um discurso parecido muitas vezes ao dos *hippies* dos anos 1960/70. Essa ideia engloba de certa forma o sexo, a defesa de que o amor deve ser demonstrado, e a liberdade para fazê-lo através da sexualidade.

Para ilustrar isso, a seguir e transcrita mais uma citação da banda *Emo – Restart* – sobre a questão da sexualidade, defendendo inclusive a liberdade da escolha quando aborda as fãs, a questão dos limites e, por fim, a sua posição em relação a sua sexualidade:

> M: E ele falou assim a mãe vai vestindo as fãs são basicamente mulheres?
> R: A maior parte.
> M: Bom as meninas são de que faixa etária?
> R: **De 09 até uns 18, 19 anos**. Mas, a maioria.

[68] FOUCAULT, M. História da Sexualidade – a vontade de saber, São Paulo: Graal, 2003.

M: Vocês saem com as fãs?

R: Não saímos com as fãs assim até porque a gente sempre diz que **a gente não vê problema de acontecer por acaso se eu me apaixonar** porque todo mundo às vezes pergunta pó vocês se apaixonariam, vocês ficariam com uma fã. Eu acho que não tem problemas sim porque ela é uma menina como outra qualquer pó eu vou na noite, na balada e conheço uma menina e me apaixono porque não poderia me apaixonar por uma fã, só porque ela gosta do meu trabalho.

M: Não era isto que eu estou perguntando, estou perguntando uma coisa mais "sacana"...

R: Nós somos, nós somos, estamos saindo da nossa adolescência, temos 18 e 19 anos, o nosso lado é querer ir para a balada, de às vezes querer ficar com várias meninas. Mas...tranquilos...

M: Vocês quatro são sexualmente iniciados?

R: Sim, os quatro. **Não somos virgens.**

M: Bom..

R: Sexualmente iniciados é um bom jeito de falar (gostou! Melhor do que perguntar)

M: Olha aqui quando eu to perguntando por que eu sei como se dá essa parada quando o pessoal faz sucesso em música, as mulheres são bastante agressivas no *aprouté* né, elas chegam mesmo, e devem acontecer isto com vocês também, agora você tem um complicador, tem muita menor de idade?

R: Exatamente isto, isto a gente até fala para essa galera ai assim tanta coisa acontecendo, tem muita adolescente que se entrega em drogas assim ao mesmo as meninas na música como você mesmo realmente falou que tem esta relação que por ser fã ou por vê a banda que você gosta ou o menino que você que é ídolo, alguma assim, tem essas sensação que pó caramba quero estar com ele, faço de tudo para estar com ele sabe. Mesmo esta galera novinha, a gente diz tudo tem seu tempo tem que fazer tudo com a cabeça no lugar assim, que vai chegar a hora, vai rolar e a gente com esta galera assim a gente tem muita cabeça no lugar, se acontecer da gente sair com uma menina ou mesmo pô, caramba quero pegar aquela menina, quero ficar com ela mais tem que ver tudo certinho tem que ver quantos anos ela tem porque a gente pode se complicar, e ela pode se complicar...

M: E sexo seguro também né.

R: É exatamente. A gente gosta de falar, que acho que é o importante é, **não somos virgens, acho que não tem porque a gente adotar este papel de santinho** que nem eu falei, porque **não somos santinhos**, mas a gente gosta de falar para as pessoas que você **tem que se dar valor e tem que saber os seus limites** sabe então pó as vezes vem uma menina de 13, 12 e 13 anos toda ah, atirada, oh linda calma quantos anos você tem, 13 anos, você acha que tem idade para agir desta forma.

M: Vou fazer outra pergunta, uma menina de 12, 13 anos provavelmente pode ter uma mãe de até 20 e poucos anos, ah 30 anos. Essas mães se comportam com vocês ou já aconteceram coisas perigosas?

R: Elas costumam se comportar. Acho que pô isto é normal assim mesmo porque (o que é normal) de às vezes uma menina precoce tem um filho, alguma coisa assim, porque eu vejo pelo lado da minha mãe, a minha teve o meu primeiro irmão com 15 anos de idade.

M: Nossa!

R: E daí sabe quando você toma sim consciência, fala caramba, beleza, eu fiz um ato que eu vou ter que é, como se diz, vou ter que responder (pagar né!) pagar pela minha vida inteira e mesmo assim essas meninas que tem suas relações precoces e acabam tendo filho tem que saber que a partir daquele momento ela não é mais uma garota, não é mais uma adolescente, ela tem que se tornar uma mulher.

M: Mas, eu estou perguntando das mães dessas meninas.

R: Algumas mães acabam entrando na energia da filha, das vezes, do entusiasmo, da euforia, do entusiasmo e acabam tendo, mas acho que não é na maldade, a gente nunca passou por uma situação, de repente uma mãe..

M: Vocês nunca foram cantados...

R: Não, não, por uma mãe acho que não. Mas, às vezes tem umas situações de excesso de liberdade também mas, a gente também sabe conversar... Eu fui cantado por uma mãe, mas assim é uma coisa muito engraçada, porque tem horas assim no *show* que a gente está lá, na empolgação, com os sentimentos à flor da pele e pô você está lá na brincadeira, a galera gritando aí às vezes levanta a camisa, faz uma coisa assim, e a mãe chegou no camarim para mim e falou pô sua barriga de tanquinho é linda (ah você falou!) Cara.. Estranho daí tipo vai tirar foto passa a mão aqui, passa a mão ali, é uma mãe e você não sabe como conversar porque é aquela situação meio constrangedora, mas é muito normal assim a gente deixa acontecer e também impõe limites né para algumas coisas.

M: Ou não...

R: Ou não.. rs mas, eu não sei

M: Eu não sei, eu só estou conversando aqui..

R: A gente não tem problema isto que o P. está falando no começo, **se rolar um clima com uma menina independente se ela é uma fã, se ela é uma fã mãe, se ela é uma fã mais nova, se ela acha que você dá jeito...**

2.3.2. A normatização da sexualidade

Foucault (2003), nesse mesmo texto, descreve também como aqueles que possuem sexualidade diferente daquilo considerado natural são marginalizados da sociedade, tidos

como aberrações, doenças, perversões. A intenção dessa visão é disseminar na sociedade a ideia de que os homossexuais, por exemplo, representam uma nova espécie de ser humano, incutindo isso na cabeça das pessoas de modo que até mesmo assumir sua sexualidade se torne uma tarefa árdua. Prefere-se, em alguns casos, sofrer com sua sexualidade sozinho, mas não vivê-la pelo medo da repressão. Miskolci (2002-2003) traz em seu texto uma análise de que aquilo considerado "desvio de padrão" pela sociedade burguesa seguiu o caminho: Masturbação, a Mulher, o Homossexual.

A luta contra a masturbação marcou a família burguesa perseguindo a sexualidade infantil através dos pais. Com as crianças sob controle, o alvo tornou-se as mulheres, por conta de seu papel essencial na reprodução e na criação da prole. Sua sexualidade não podia ser expressa. No séc. XIX, o crescimento da vida urbana permitiu espaços onde as minorias sexuais puderam começar a se expressar. Essas minorias eram vistas como violadoras dos instintos naturais, psicopatológicas, fisicamente incapazes.

A normalização burguesa visava classificar as sexualidades que consideravam pervertidas em busca de normalizá-las. O autor afirma que temos, atualmente, a herança dessas perseguições descritas. O que ocorreu na metade no séc. XX foi o desenvolvimento de técnicas para o isolamento/aprisionamento dos "anormais". Tanto que progressivamente foram cedidos espaços limitados a eles, protegendo a população do "contágio". Aplicando essas informações ao grupo neste presente trabalho, identificamos uma relação estreita. Os *Emos* pregam uma extrema tolerância quanto às diferenças sexuais. Grande parte dos pertencentes a esse grupo é homossexual ou já teve experiências homossexuais e mesmo que não se incluam nisso, consideram a naturalidade das diferenças.

É interessante que esta questão dos "espaços reservados para as minorias" é claramente observada: os *Emos* têm seu território demarcado em praças, *shoppings*, parques. Sofrem preconceito em parte pelo estilo de suas roupas e comportamentos, e em parte por serem tão tolerantes quando se trata de diferenças de sexualidade. Isso porque o pregado pela sociedade em geral é que os homossexuais são os diferentes, nunca poderão ter um estilo de vida totalmente normal porque não podem, por exemplo, conceber um filho, ou no caso de países como o Brasil, até no passado, casar-se, hoje permitido por alguns países inclusive pela Legislação Brasileira (Lei nº 9/2010, 31.05.2010). No entanto, os *Emos* consideram a

homossexualidade algo tão natural quanto à heterossexualidade e defendem estilos de vida diferentes daquilo que é, em geral, considerado o melhor para uma pessoa.

Concluímos então, que parte do preconceito sofrido pelos *Emos* vem do fato de que eles encararam a homossexualidade de forma diferente de outros grupos da sociedade.

2.4. Papéis sociais

Uma citação de Rodrigues (1983) pode ser útil na tarefa de explicar como os papéis sociais definidos pela sociedade e os papéis sociais de gênero são observados nos adolescentes até aqui mencionados. Diz ela:

> "Em toda sociedade as crianças e os adolescentes se ajustam ou são enquadrados nessas definições de papéis e as veem como as mais naturais e as mais desejáveis. A própria bipartição dos sexos, a que estamos acostumados, não é considerada universalmente (...) O papel sexual define também um ideal de comportamento que cada indivíduo tentará realizar. (...) qualquer que seja a forma pela qual as diferentes sociedades se apropriem da constituição genética da espécie humana, cada sociedade ditará normas para o relacionamento de homem e mulher e associará a cada um complexo de valores e símbolos"[69].

Através dessa citação, podemos iniciar um diálogo com o texto de Louro (2007), "através do qual ele enfatiza a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas dos gêneros. Além disso, lembra que as concepções de gênero divergem não somente de sociedade para sociedade ou em tempos históricos diferentes, mas também dentro de uma própria sociedade. Papéis seriam, segundo o autor, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, roupas, relacionamentos"[70]. Aprendendo esses papéis, os indivíduos seriam capazes de conhecer o que é adequado, o que não é e responder a essas expectativas.

---

[69] RODRIGUES, J. C. "*Corpo ou Corpos?"* Rio de Janeiro: Achiamé, 1983

[70] LOURO, G. *Gênero, Sexualidade e Educação – uma perspectiva pós-estruturalista*, Petrópolis: Vozes. 2007

Outro ponto interessante descrito pelo autor é a ideia de compreender o gênero como constituinte da identidade do sujeito. Uma pessoa pode ter diversas delas, que se transformam sempre e podem ser até contraditórias. O gênero na sociedade passa então a fazer parte do sujeito, constituí-lo. Os sujeitos se identificam social e historicamente, como masculinos ou femininos e constroem sua identidade de gênero. Assim, sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homo, bissexuais.

O autor cita Foucault indicando a ideia de que o poder não somente nega, impede, coíbe, mas também produz e incita. Sendo assim, as pessoas não se constituem somente através da repressão de certos comportamentos, mas também da visível aprovação e incentivo de outros. Unindo essas informações e aplicando-as à prática, temos uma das questões centrais do grupo *Emo*: a descaracterização do gênero. Os meninos *Emos* têm liberdade para vestir-se com roupas que seriam consideradas femininas (calças justas, camisetas justas, cor-de-rosa) e utilizam acessórios do mesmo estilo (bolsas com ursinhos pendurados, esmalte nas unhas), e as meninas têm a mesma liberdade em relação a roupas que seriam consideradas masculinas. Podem usar calças bem largas, camisetas grandes, cabelos curtos. Ou seja, os meninos e meninas podem usar objetos representativos de ambos os sexos, sem preconceitos dentro do próprio grupo.

Além disso, algumas ideias de comportamento também são quebradas pelo grupo. Normalmente, os meninos são incentivados a não mostrarem tão claramente seus sentimentos, afinal “machos não choram”. Entretanto, os meninos *Emos* não tem medo de lidar com as suas emoções, um exemplo é a música emotiva, tanto que um dos principais atos de *bullying* realizados contra esse grupo diz respeito a esta questão, a sensibilidade dos emos meninos que em uma sociedade machista tinham que se portar com mais racionalidade e não expor tanto a suas emoções.

O grupo é alvo de agressões por diversos motivos, mas podemos inferir que um dos principais é essa desconstrução parcial dos papéis que cada gênero “deveria” desempenhar. De certa forma, isso deve ferir a sociedade, que separou para meninos e meninas características bastante distintas.

2.5. O corpo como um símbolo

Rodrigues (1983)[71] trabalha em seu texto a questão de o corpo ser carregado de símbolos de sua vida social. "Expressa a impressão da sociedade no indivíduo, projeta sua própria fisionomia. Rasgando, perfurando, queimando, cicatrizes-signos são formas artísticas ou indicadores de status". Os *Emos*, em geral, fazem *body piercings* e tatuagens de diversos estilos e em variados lugares de seu corpo. Podemos dizer que mesmo antes de entrar para o grupo, o indivíduo tem a vontade de marcar seu corpo de alguma forma. Entretanto, por ser um grupo que expressa com grande intensidade seus pensamentos na aparência física, provavelmente há a incitação para colocar em prática a ideia de uma tatuagem ou de um *piercing*.

Um estilo bastante observado atualmente entre esses jovens é o conhecido como *Old School*, que une símbolos agressivos a símbolos delicados, colocando em um mesmo desenho sentimentos extremamente diferentes, mas próximos. Isso marca a ideia da confusão que os adolescentes *Emos* enfrentam, por sua sexualidade, pela fase de transição por que está passando, pela iniciação na vida sentimental, pelo preconceito.

2.6. A normalidade

O que é ser normal? Quem pode ser considerado normal? O autor Miskolci (2002-2003) reflete sobre o tema e faz uma afirmação interessante:

> "A normalidade não é imposta; ao contrário, seu poder se assenta na sedução do indivíduo com promessas de saúde, felicidade, longevidade e beleza. Essas promessas sedutoras aprisionam-nos em um dispositivo de eterno exame e correção, pois ser normal é um ideal inalcançável que frustra, passo a passo, aqueles que o perseguem[72]".

---

[71] RODRIGUES, J. C. "Corpo ou Corpos?" Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, p. 22.

[72] MISKOLCI, R. "Reflexões sobre normalidade e desvio social". Estudos de Sociologia, Araraquara: 2002-2003

Interpretando esse trecho, tem-se que a normalidade não é imposta à força para os indivíduos: é uma promessa de felicidade e coisas boas para quem a segue. No entanto, essa busca por ser normal, muitas vezes, fere o próprio sujeito que busca isso, pois atender aos requisitos da sociedade não é nada fácil. Michael Jackson, por exemplo, um artista brilhante e conhecido pelo mundo todo exatamente pelas suas inovações artísticas, visuais diferentes, viveu como um escravo da sociedade que buscava a normalização: ser branco, ser bonito. Pode-se inferir que para ele isso fosse a promessa da felicidade, entretanto, para alcançá-la, seu corpo sofreu transformações bruscas e dolorosas. Além disso, essa busca pela normalidade não é para qualquer pessoa: transformar-se custa caro. Se a pessoa não tem traços bonitos, dentes perfeitos, cabelos acomodados, somente com investimento financeiro poderá buscar seu ideal.

Dentro do próprio grupo dos *Emos* encontramos uma contradição nesse ponto: eles buscam ser diferentes, manifestar-se pela diferença de sua própria aparência. Entretanto, a grande marca deles é a franja lisa a qualquer custo. Andando na rua, é possível ver que alguns adolescentes com acesso a recursos financeiros alisaram seus cabelos para terem a sonhada franja lisa caída no olho. No entanto, quando o adolescente *Emo* tem cabelo encaracolado[73] e não tem condições de alisar sua franja, busca alternativas que o ajudem a ser igual aos demais: passar uma dose excessiva de gel e pentear a franja de lado, utilizar o ferro de passar roupas para alisá-la etc. Vemos, então, que a normalização está presente até dentro desse grupo de adolescentes, que deseja ser diferente.

Segundo Erikson (1968), o principal desafio da adolescência é enfrentar a crise de identidade para se tornar um jovem adulto valorizado na sociedade e com senso de identidade coerente. A crise da identidade implica na organização do adolescente quanto a diversos aspectos internos, como sua nacionalidade, sua inserção em certos grupos sociais, sua futura profissão, suas necessidades, seus interesses, tendo em vista formar uma identidade a ser carregada por ele. Quando essa crise não encontra uma resolução, segundo o autor, pode haver o retardamento da conquista da maturação psicológica. As "panelinhas" e a regressão à infantilidade seriam, segundo ele, defesas contra essa confusão de identidade.

---

[73] Foto de um *Emo* negro nos anexos (ilustração 3).

2.7. Valores

A franja caída na testa, o tênis cano alto e colorido, a calça e a camiseta apertadas, unhas pintadas de preto; extremamente emotivo, frequenta *shows* para expor suas emoções, como chorar; estar em grupo, ou mesmo isolado; cortar os pulsos e se aproximar do sofrimento; um quê de sombrio dos *góticos*, cores dos *clubbers*, acessórios dos *rockers* e *punks*, a delicadeza e hábitos totalmente diferentes de um *headbanger* ou de um *skinhead*, estes são os *Emos*,[74] a tribo de maior destaque no cenário tribal atual, nos colégios, nas ruas e dentro de diversas residências. Seus pais se perguntam o que é isso que seus filhos estão vivendo, uma moda? Uma concepção de mundo? Um rito de passagem, para um próximo amadurecimento? Pode ser um pouco de cada. Aos adolescentes e jovens que vivem este momento, encontram na mídia e na indústria cultural parceiros que a cada momento criam novos ídolos e lançam várias modas. Em meio a esse caldo cultural, encontra-se o jovem tribal, que encara o mundo e sofre com suas angústias, ilusões e desilusões, um mundo dual e contraditório.

> Em face de anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam a urgência de uma sociabilidade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos. Lembro que o "comércio", fundamento de todo estar junto, não é simplesmente, a troca de bens; ele é também "comércio das ideias", "comércio amoroso".[75]

A música *Emo*, ou *emocore*, mescla o som pesado, característico do *punk*, com letras introspectivas e românticas. Seus adeptos geralmente não se assumem como tal, talvez isso seja uma forma de fugir do rótulo; aceitam a opção sexual dos outros sem preconceitos, por isso são muitas vezes tachados de homossexuais. Repugnam pessoas violentas, lutam por um mundo sem violência. Escrevem diários, expressando seus sentimentos, angústias, dores, o que é válido tanto para meninos como para meninas. O menino *Emo* é sensível e compreende as meninas, é capaz até de chorar por uma decepção amorosa, não tem vergonha de mostrar seus sentimentos.

---

[74] O termo *EMO* é a abreviação da expressão em inglês *Emotional Hardcore* (*hardcore emocional*) e foi dado ao estilo musical proveniente do *punk rock*. Surgida nos anos 80, em Washington.

[75] MAFFESOLI, op. cit., p. 11.

O integrantes dessa tribo falam sempre no diminutivo, trocam letras em conversas na internet; palavras terminadas em "inho" como amorzinho, lindinho, fofinho são constantes em suas conversas, dando demonstrações explícitas de carinho, nas quais meninos e meninas se beijam, abraçam-se em público, seja com pessoas do sexo oposto, seja do mesmo sexo.

A literatura sobre essa tribo é bem escassa, mas começam a aparecer os primeiros trabalhos sobre eles. Ressaltamos algumas influências que podem ter contribuído para o "movimento *emocore*": na literatura romancista do século XVIII, por exemplo, na qual buscou-se o resgate do sentimentalismo, individualismo, egocentrismo, pessimismo, a idealização e até a morte, como solução, numa visão de mundo contrária ao racionalismo. O byronismo é caracterizado pelo narcisismo, pelo egocentrismo, pessimismo e angústia, no final do mesmo século:

> [...] o movimento romântico toma corpo na Alemanha, com o lançamento do romance Os Sofrimentos do Jovem Werther, de Goethe. Os percalços do personagem principal desencadeiam uma onda de suicídios pela Europa. Jovens tomavam o trágico destino de Werther como saída para malogros sentimentais.[76]

Não que seja o terreno fértil para a criação desta tribo, pois são de épocas mais antigas, porém, percebe-se que o "sentimento emotivo" já dominara os jovens passados. Poderíamos nos remeter ao primeiro capítulo, quando tratamos sobre o jovem romântico e cavaleiro, podemos com facilidade perceber na sensibilidade dos jovens em questão, uma cultura emotiva. Os jovens impuseram um caminho contrário à grande massa social, que vem buscando cada vez mais seus interesses; vivencia-se hoje um grande individualismo. O jovem tribal prefere estar em grupo, opondo-se a esse individualismo, "a desumanização real da vida urbana produz agrupamentos específicos com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos".[77]

---

[76] Culturaemo. **Referências teóricas sobre Cultura EMO**. Substrato cultural basilar da Cultura *EMO*. Disponível em: <http://culturaemo.pbworks.com/Refer%C3%AAncias-te%C3%B3ricas-sobre-Cultura-EMO> Acesso em: 05 nov. 2010.

[77] MAFFESOLI, op. cit., p. 85.

Os *Emos* já não estão na vanguarda das novas tribos; a mudança e necessidade juvenil são muito rápidas e outras tribos e movimentos já invadem as ruas e ambientes frequentados pelas juventudes, como veremos à frente.

Outro grupo *emo* que vem ganhando espaço e cores, são os *Coloridos, emos coloridos*, que diferente da cultura sombria *emo*, são muito mais alegres e extrovertidos, mas continuando com a atitude de oposição, bipolaridade social e de uma sociedade complexa e múltipla.

A tribo *emo colorido* tem como destaque a banda *Restart*[78] que trás para o cenário tribal um novo jeito de ser *emo*. Cultivam a alegria e vestimentas coloridas, encarando a vida como uma oportunidade que pode passar. Nesse sentido, essa classe de *emo* nascido na capital paulista no ano de 2008, traz, através da música e da dança, alegria e moda para os adolescentes e alguns jovens. Os assessórios desses grupos vão das vestes até os adereços dependurados no corpo. Parte das pessoas que aprecia esse estilo *emo*, segundo a reportagem da TV Record (EMOs no Domingo Legal São Paulo)[79] a idade varia entre 15 e 18 anos.

Um dado importante percebido no contato com essa tribo *emo* é a capacidade de considerar valor aquilo que é efêmero, como diz Kelen Pimentel (São Paulo, Capital) de 15 anos, *"disputei com um garoto quem pegaria (significa beijar, apalpar etc) mais menina e menino num dia em um parque de diversão. Eu fiquei com 12 garotas e 1 garoto e outro ficou com 13 meninas"*. Dessa forma afirma Colin Campbell (2006, p.50),... "*as atividades dos consumidores devem ser entendidas como uma resposta à postulada – crise de identidade"*[80]. Isso reflete no comportamento dos adolescentes e jovens *emos* que vivem nessa sociedade líquida.

---

[78] Banda *Restart* (são jovens entre 15 a 18 anos). Entrevista realizada pela jornalista Marília Gabriela na TV Bandeirantes em janeiro 2011. Esse grupo ganhou o prêmio nacional de melhor banda de *Rock* de adolescentes e jovens de 2010. Foram as músicas mais ouvidas nas rádios em 2010.

[79] Programa Domingo Legal do Gugu. TV Record São Paulo. Dezembro de 2010.

[80] CAMPBEL, C. e BARBOSA, L. *Cultura, Consumo e Identidade.* Ed. FGV. Rio Janeiro, 2006.

O *emo* tradicional vem dos Estados Unidos para o Brasil (década de 80)[81], trazendo todos os adereços americanos como o *Rock*, vestes pretas, estilos de cabelos e perfurações no corpo. Os jovens *emos* foram aos poucos criando estilos e vão agregando outros valores mais criativos, como os espaços de festas, músicas nacionais como a banda Hevo 84[82] . Hoje o maior valor cultivado pelos *emos* de São Paulo são as relações de fidelidade ao amigo do mesmo grupo. Também na família, quando aceitos, são mais afetuosos com os pais e irmãos. Outro valor que não se pode desprezar é a capacidade de viver por muito tempo juntos, quando se divide tudo. São muitos os *emos* do interior de São Paulo que quando se tornam adultos migram para a capital, dividindo espaços nas moradias em busca de liberdade tribal, mesmo correndo os riscos da violência urbana. Não se pode compreender um *emo* isolado.

Ao mesmo tempo em que vivemos numa sociedade líquida, individualista percebemos valores trazido por essa nova geração de adolescentes e jovens – a da sociabilidade.

2.8. Normas e estilos da juventude *Emo* do centro urbano de São Paulo

São Paulo é uma cidade com mais de 18 milhões de habitantes (IBGE)[83], onde a maioria da população são adolescentes e jovens. O centro urbano de São Paulo onde se encontram oito milhões de habitantes, é o palco de cenários e manifestações das várias culturas juvenis. A galeria do *Rock*[84] é o *shopping* das tribos juvenis (*Rock, Punk, Impôs, Skinhead, Hip-Hop* etc). O espaço é composto por sete andares (ilustração 13) e toda moda, música etc... são distribuídas nesses espaços. O centro urbano de São Paulo oferece às tribos juvenis músicas, boates, comidas típicas, cinemas especiais, *shows*, clubes, praças e igrejas.

Nesses espaços urbanos de São Paulo, os *Emos* se apresentam mais próximos do *punk* e *rock*, porém com um estado emocional da mente mais acentuado. Não se expressam

---

[81] COSTA, M. R. da C. (2000). *Os carecas do subúrbio: caminho de um nomadismo moderno.* 2 ed. São Paulo, Musa.

[82] Ilustração n. 12 – banda Hevo 84, maior referência de *Rock* romântico para o *Emo* do Brasil.

[83] IBGE – 2002 – Instituto Brasileiro do Governo do Estado

[84] Galeria do *Rock* , Avenida São João, 64 – Centro de SP.

de forma violenta. O *Emo* (abreviação de emocional) é uma nova forma de se expressar do século XXI. Suas normas são básicas: franja bem lisa virada apenas para um único lado, dar visibilidade às emoções, usar roupa preta, usar muitos *botons*, colocar um *piercing* na língua e nunca assumir que é *Emo*. O seu integrante mais radical deve fazer uma cicatriz no corpo, marca essa que caracteriza sua opção radical pela tribo.

O *Emo Colorido* tem poucas normas as quais se resumem em vestir-se colorido e estar sempre alegre. Para esse grupo, andar sempre juntos não é só uma questão de opção mas também de segurança. Tem como modelo a seguir a banda Restart[85].

Podemos considerar dois estilos de normas: *interna e externa*. A norma *interna* nasce na perspectiva da liberdade, em que os adolescentes e jovens querem ser livres para escolher, sendo isso natural nessa faixa etária. O desafio se encontra em que essas normas não passam pela censura do adulto (pais e educadores). A norma *externa* é carregada de preconceitos e gera violência. Cresce no centro urbano de São Paulo a *"Emofobia"*. A sociedade impõe uma norma padronizada para todos os adolescentes e jovens; aqueles que não se enquadram nesses conceitos são considerados anormais e agridem a sociedade. Podemos dizer que esse tipo de norma não ajuda no desenvolvimento dos adolescentes e jovens, mas leva as pessoas a viverem contra os direitos humanos. Todos os dias nas páginas de jornal ou internet na cidade de São Paulo é estampada algum tipo de agressão contra a tribo *Emo*.

Como já citado acima, Rodrigues (1983) trabalha em seu texto a questão de o corpo ser carregado de símbolos de sua vida social. Expressa a impressão da sociedade no indivíduo, projeta sua própria fisionomia. Rasgando, perfurando, queimando, cicatrizes-signos são formas artísticas ou indicadores de *status*. Os *emos*, em geral, fazem *body piercings* e tatuagens de diversos estilos e em variados lugares de seu corpo. Podemos dizer que mesmo antes de entrar para o grupo, o indivíduo tivesse a vontade de marcar seu corpo de alguma forma. Entretanto, por ser um grupo que expressa com grande intensidade seus pensamentos na aparência física, provavelmente há a incitação para colocar em prática a ideia de uma tatuagem ou um *piercing*.

[85] Ilustração n. 11 – banda Restart

Um estilo bastante observado atualmente entre esses jovens é o conhecido como *Old School*, que une símbolos agressivos a símbolos delicados, colocando em um mesmo desenho sentimentos extremamente diferentes, mas próximos. Isso marca a ideia da confusão que os adolescentes *emos* enfrentam, pela sua sexualidade, pela fase de transição por que estão passando, pela iniciação na vida sentimental, pelo preconceito.

Nas noites de Centro Urbano de São Paulo é notável a diversidade de grupos *emos* que se apresentam de mais variados estilos: na música, nas vestes, e na maneira de andar.

No ano de 2011, nasce um novo estilo na cidade de São Paulo, adolescentes de escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, influenciados pelos *emos coloridos*, lançam a *"Geração Remix"*[86]. Essa geração mistura as vestes e materiais escolares nas mais variadas cores e combinações, lançando no mercado paulistano uma nova moda. Alguns adolescentes e jovens chamam de *"estilo esculachado"*.

2.9. Conclusões

Em seu trabalho *Psicologia de Grupo e Análise do Ego,* o fundador da Psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), diz que a pessoa só pertence a um grupo quando entra num processo de identificação com os outros, ou seja, quando constrói laços emocionais com base em objetos reais ou simbólicos compartilhados. Isso quer dizer que toda coletividade tem um código comum que abarca desde ideias sobre o mundo até regras de comportamento que passam por hábitos e vestuário.

A partir do diálogo realizado entre os textos e as características do grupo social dos adolescentes e jovens *emos*, pode-se concluir que na realidade, eles desafiam a sociedade no sentido de ferir alguns de seus preceitos mais importantes, como a questão da sexualidade e da identidade, a partir de uma cultura na qual as fragilidades são expostas a todo momento.

Olhar para o grupo de maneira um pouco mais profunda, através do estudo dos textos utilizados como base, das entrevistas e depoimentos abordados, traz à percepção uma

[86] Revista Folha de São Paulo. São Paulo. 20 a 26 de fevereiro de 2011.

interpretação interessante sobre os aspectos observados nos adolescentes e jovens *emos*. Não há a necessidade de autoafirmação, eles não carregam bandeiras *emos*, ou tendem a se colocar em um estereótipo criado. Ao contrário do surgimento dos *Punks Rocks*, por exemplo, não há uma necessidade de afirmação, nem uma defesa política diante da sociedade. Há a necessidade de expor seus sentimentos, de tristeza, quando se assemelham aos *góticos* e escondem seus rostos com grandes franjas, ou de alegria diante da vida, que são os *emos coloridos*, que carregam nas cores, nos cabelos.

As formas como se relacionam os caracterizam e influenciam na escolhas que realizam. Dessa maneira passemos para o próximo capítulo a fim de aprofundarmos as relações dos *emos* com outros grupos como, por exemplo, a família.

C a p í t u l o 3

JOVENS DA CULTURA *EMO* E AS RELAÇÕES COM AS OUTRAS IDENTIDADES

3.1. Introdução

O antropólogo espanhol Carles Feixa referiu-se à identidade juvenil na introdução ao número especial da *Revista de Estudios de Juventud* (n. 64, 2004), que trazia textos majoritariamente de autoria de pesquisadores da península ibérica[87], fazendo um contraponto com outra expressão, "culturas juvenis", para demarcar linhas de interpretação diferentes. Ao mesmo tempo em que se registra a presença maciça, na mídia, da temática jovem, desde os anos 1960, nas modalidades *punks, mods, skinheads, heavies, rockers*, *grunges, nuevaoleros* etc., não teria havido a devida correspondência nas pesquisas acadêmicas, as quais teriam ficado restritas a aspectos estruturais – escola, trabalho, família – ou a temas clássicos como o associacionismo, a participação, as atitudes políticas. Por outro lado, as metodologias quantitativas teriam relegado a um segundo plano as abordagens de corte etnográfico.

Ainda segundo Feixa, nesse período, houve estudos empíricos e alguns até teóricos que, no entanto, não tiveram a devida difusão. Nos últimos anos, essa situação mudou e o tema das "tribos urbanas" começou a despertar interesse no meio acadêmico de forma mais sistemática. A ideia do número especial daquela revista foi retomar a questão e propor uma nova perspectiva para tratar o assunto, que está resumida no próprio título: "Das tribos urbanas às culturas juvenis":

O primeiro termo (tribos urbanas) é o mais popular e difundido, ele é fortemente marcado por sua origem na mídia e por seus conteúdos estigmatizantes. O segundo termo (culturas juvenis) é o mais utilizado na literatura acadêmica internacional (vinculado normalmente aos estudos culturais). Essa mudança terminológica implica também uma mudança na forma de encarar o problema, que transfere a ênfase da marginalidade para a

[87]Carles Feixa é antropólogo, professor da Universitat de Lleida e autor do livro *De jóvenes, bandas* y tribus: antropología de la juventud (1998).

identidade, das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana, da delinquência para o ócio, das imagens para os atores (Feixa, 1998, p. 6).

O autor prossegue dizendo que o termo "culturas juvenis" aponta mais para as formas em que as experiências juvenis se expressam de maneira coletiva, mediante estilos de vida distintivos, tendo como referência principalmente o tempo livre[88]. Esses "estilos distintivos", identificados por meio do consumo de determinados produtos da cultura de massa, como roupas, música, adereços, formas de lazer etc., remetem à ideia das "subculturas", tão ao gosto da tradição inaugurada pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea[89], referência obrigatória dos atuais "*cultural studies"*. Por outro lado, ainda nessa tradição, as experiências no interior das subculturas eram vistas como rituais de resistência à dominação de uma cultura hegemônica; daí o caráter "chocante" e desafiador da presença, do visual e da atuação dos *skinheads*, por exemplo, manifestação tida como paradigmática de uma subcultura juvenil típica (cf. Hall e Jefferson, 1976).

Com o objetivo, porém, de oferecer uma alternativa a esses enfoques e assim poder dialogar com eles na forma de contraposição e/ou complementaridade, propomos outra denominação, "circuitos de jovens", e outro ponto de partida para a abordagem do tema do comportamento dos jovens nos grandes centros urbanos. Em vez da ênfase na condição de "jovens", que supostamente remete a diversidade de manifestações a um denominador comum: a ideia é privilegiar sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde *circulam*, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca.

O termo tribos urbanas surgiu nos anos 1980, com o sociólogo francês Michel Maffesoli. Segundo Blass (2004), essa expressão designa todos os grupos que se expressam e

---

[88] Não obstante a mudança de perspectiva que essa nova expressão pretende trazer, ainda assim persiste a indiferenciação entre esses termos, como o atesta a citação de um artigo no próprio número especial da revista organizado por Feixa: "Podemos entender as 'tribos' da cultura juvenil global como a expressão do instinto [*sic*] de formar e reinventar as coletividades primordiais para proporcionar uma sensação de segurança e fechamento em um mundo inseguro" (Nilam, 2004, p. 46).

[89] Fundado em 1964 por Richard Hoggart, na Universidade de Birmingham, tornou-se desde então um importante núcleo de pesquisa sobre questões relativas à cultura e à identidade na atualidade.

têm maior evidência nas megalópoles, mas que também se encontram em cidades menores. A autora ainda nos lembra que "toda vez que existe homogeneidade ou unanimidade exacerbada, assusta, porque lembra o período nazi-fascista[90]" Conviver com as diferenças, no entanto, tem um preço. Sem um olhar mais crítico, grupos recebem rótulos que os estigmatizam. Segundo Blass (2004) "isto ocorre porque há o olhar de dentro e o olhar de fora e a visão totalmente externa gera etiquetas e preconceitos", comenta a especialista. O primeiro a chamar a atenção sobre isso foi Lévi-Strauss – antropólogo e filósofo francês [1908-2009] que viajou pelo interior do Brasil e alterou o olhar estrangeiro sobre aqueles que não eram europeus.

Considerando o que diz Juncosa (Fundamentos Antropológicos para a Pastoral Juvenil, 2009), "a identidade se constrói mediante a relação com o outro e se transforma constantemente de acordo com os contextos" [91]. Diante dessa afirmação se percebe que a "Tribo *Emo*" é fruto dessas transformações e que hoje responde as necessidades dos adolescentes e jovens do século XXI, marcados pelo sofrimento do individualismo. O visual das "tribos" (Galeria do Rock, Av. São João, Centro de SP) mistura-se nos espaços das relações, onde cada um apresenta sua linguagem dialogal e visual - *Roqueiros, Emos, Darks, Góticos*, enfim, todos os grupos convivem no mesmo espaço.

Para concluir esse momento mais introdutório, citamos Menezes (2009, p. 31):

> "A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (*persona*) é chamada a representar dentro dela. Está claro que, como as massas em permanente agitação, as tribos que nelas se cristalizam tampouco são estáveis. As pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para a outra"[92].

---

[90] Blass. Tribos Urbanas, 2004

[91] Juncosa, José Enrique. *Fundamentos Antropológicos para a Pastoral Juvenil*. Politécnica (Universidade Salesiana), Equador. 21/11/2009.

[92] Menezes, Maria de Loudes. 2009, p.31 - 4. ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2006.

3.2. Relação com grupos afins: *Roqueiros* e *Góticos*

As relações se dão nas mais variadas formas, para Maffesoli (1985), a partir das "diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles" [93]. Os *Emos*, já mencionados no capítulo dois, inspiraram seus vestuários no movimento *Gótico*, admiram este movimento pela sua coragem de se mostrar e de ter um estilo próprio na sociedade de mudanças. Buscou no *Rock* a construção de um estilo de música, mas foi no som tributário do *Punk Rock* que marcou profundamente a opção musical do *"Emo cor"*. Esse mesmo grupo *Punk Rock* perseguiu os *Emos* por muito tempo, não aceitando que esse grupo esquisito usasse suas músicas como parte de sua cultura.

A pesquisa feita na galeria do *Rock* mostrou uma grande tolerância entre *Rock, Punk Rock* e *Emo*. A cultura contemporânea permite maior tolerância. Os *Emos* continuam idolatrando os grupos que foram referência para sua existência. Conforme diz Fábio Azevedo, jovem *emo* de 17 anos: "Fomos ousados e criativos em buscar nesses três grandes grupos (Rock, Gótico e Punk Rock, um modelo para a construção da nossa identidade" [94].

Retomamos aqui o segundo capítulo, no qual mostramos que os jovens *Emos* têm feito um caminho contrário à grande massa social, que vem buscando cada vez mais seus interesses, vivenciando hoje um grande individualismo. O jovem da Cultura *Emo* prefere estar em grupo, sempre em relacionamento com seu grupo e com o outro, opondo-se ao individualismo, [...] "a desumanização real da vida urbana produz agrupamentos específicos com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos" (Maffesoli, 1987 p. 85)[95].

---

[93] Maffesoli, 1987.

[94] A galeria do *Rock* localiza-se na Av. São João, 66 – no centro de São Paulo. Local onde se reúne 90% das tribos juvenis da cidade. Nesse espaço são comercializados todos os tipos de vestuários, livros, apetrechos e músicas ligadas às diversas culturas juvenis. Também atrai estudiosos de diversas áreas da ciência que querem estudar esse fenômeno juvenil. (citação colhida no dia 26.11.2010, às 18h00).

[95] Maffesoli,1987 p. 85

Hoje é visível nas grandes metrópoles a presença do *Roqueiro, Gótico* e *Emo* convivendo no mesmo espaço, sem perderem suas características, porém estas relações acontecem de formas diferentes.

3.3. Relação com outros grupos: família e religião (católica)

Vivemos em contexto de globalização, de avanços tecnológicos, sociedade multicultural. Tudo isso são pontos que devemos considerar quando falamos de juventude. Das tribos urbanas até os pequenos grupos nas aldeias indígenas se conectam com uma velocidade que os mais adultos não conseguem acompanhar. Com a mesma intensidade mudam a linguagem, os costumes, os gostos, as vestes, o corpo e comportamentos. A cultura juvenil nos proporciona um vasto campo de conhecimento, diverso e difícil de entender para aqueles que pensam nos jovens a partir de conceitos.

3.3.1.Família

Segundo Papalia (2006)[96], os adolescentes e jovens passam uma quantidade de tempo cada vez maior com os amigos, mas o relacionamento com os pais continua sendo próximo e influente. Os conflitos com os pais tendem a ser mais frequentes durante o início da adolescência e mais intensos na metade dela, diminuindo na juventude. A criação democrática está associada com os resultados mais positivos. O efeito do emprego da mãe sobre o desenvolvimento dos adolescentes depende de fatores como afetuosidade da mãe e a satisfação com o seu papel, o estresse em casa e no trabalho e se a mãe trabalha tempo integral ou em turno parcial.

Para a autora (Papalia, 2006), os efeitos do divórcio e da criação só pelo pai ou pela mãe podem ser menos graves do que se acreditava e podem depender de circunstâncias individuais. Mas, de qualquer forma, a ausência no processo de educação do adolescente prejudicará e nada pode suprir o acompanhamento dos pais. Muitos dos adolescentes e

[96] Papalia, D. E.(org) Olds, S. W. e Feldman, R. D. *Desenvolvimento Humano*. Editora Artmed 8ª. Edição, p. 509. Porto Alegre 2006.

jovens *Emos* mencionam a ausência dos pais em suas vidas e encontraram acolhida na tribo *Emo*. O interesse econômico afeta o relacionamento tanto em famílias intactas como nas constituídas somente de pai ou de mãe. No caso do relacionamento com os irmãos, tendem a se tornar mais igualitários e mais distantes durante a adolescência.

No caso dos adolescentes *Emos*, o preconceito pela família ainda é uma barreira a ser vencida, porém entre os irmãos sempre há maior aceitação, afirma o jovem *Emo* Adriano[97] de 14 anos:

> "Sou aceito pelos meus irmãos e questionado pelos pais. O grupo de pares pode ter influências tanto positivas como negativas. Percebe-se que os jovens que foram rejeitados na adolescência pelos amigos tendem a ter mais problemas de adaptação em qualquer tribo".

O risco é que muitos que passam por esse problema entram com facilidade no mundo das drogas como fuga. No caso de Mônica[98], 16 anos, rejeitada pelos amigos anteriormente, encontrou nos pais que a acolheram um alicerce:

> "Meus pais me acompanharam na minha caminhada na Tribo *Emo* todos os dias. O apoio dos pais faz a diferença para eu não ter entrado nas drogas. Eu me mudei de colégio onde algumas amigas *Emos* estudavam com auxílio dos meus pais para me sociabilizar novamente".

3.3.2. Religião – Igreja Católica

Todo trabalho que realizamos parte de um diagnóstico participativo da realidade. O diagnóstico nos ajuda a entender de onde devemos partir. Dessa forma precisamos conviver com os jovens nas suas mais diversas manifestações culturais. Mergulhar nesse meio para partir dele. Partindo do jovem podemos acertar mais nas nossas informações e a partir delas desenvolver projetos que contribuam com a promoção humana e transformadora do meio em que o jovem vive. Nesse aspecto é preciso perguntar se ele quer mudança. Nem sempre a

---

[97] Adriano de Oliveira Silva, 14 anos, residente da Alameda Barão de Piracicaba, 125, bairro Campos Elíseos no centro de São Paulo. É membro da tribo da região Sé. O seu grupo é composto por 50 membros de idade entre 13 a 17 anos. Lugar que mais frequenta é a galeria do *Rock* (Av. São João - SP).

[98] Mônica Marlone Fere, 16 anos, residente da Rua Ipiranga, 203, no Centro de SP. Pertence à Tribo *Emo* da região Ipiranga. Seu grupo tem 30 membros de idade entre 15 a 18 anos. Gostam de se reunir na Av. Augusta, travessa da AV. Paulista - SP.

proposta da Pastoral Juvenil Latino-Americana parte dessa pergunta. Isso revela a fragilidade de uma pastoral que não é pensada a partir da realidade do jovem. Segue o depoimento da Banda EVO 84, a mais cultuada pela cultura *Emo*:

> H: Eu sempre fui muito apegado a Deus, assim, no sentido de acreditar assim, tipo, você tem que ter, que ser apegado a alguma coisa bacana, alguma coisa bonita, então **eu nunca fui de frequentar assim uma determinada Igreja,** tal, tipo, minha família é católica, eu uso até um escapulário assim, que eu gosto, adoro, tem outro símbolo do infinito também que eu acho que, né, é um símbolo forte...
>
> T: Transcende ao materialismo né!
>
> H: Enfim, é, eu gosto muito do lance do...eu simpatizo bastante com o budismo que tem a ver com o bem e com o mal assim, então eu sou desapegado a esse lance da Igreja assim, não sei porque assim, mas eu acho que pela falta de repente, de todo o domingo que é um dia de repente de ir pra Igreja a gente estar em uma viagem tocando e fazendo *show*, mas eu acho bacana então, e eu acho que a galera tem que se apegar assim no que acredita. Eu me apego muito com Deus assim, agradeço todos os dias, onde a gente tá, tudo que a gente conseguiu né, é importantíssimo a gente se sentir responsável por uma geração muito doida, a galera que pensa muito rápido hoje em dia. E a gente passar a mensagem de amor pra todo mundo sempre assim.

É notável que em vários documentos da Igreja já houvesse uma preocupação relacional com os jovens nas suas tribos. Paulo VI (1975), na sua Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*[99] convida a Igreja a voltar o olhar especial para a juventude, pois é uma população que cresce rapidamente na sociedade, principalmente nos centros urbanos, e crescem também os problemas que os cercam. É preciso, nesse contexto, apresentar com zelo e cuidado o Evangelho. A cultura juvenil sempre é aberta ao novo e à verdade.

Já na Carta Apostólica *Octogésima adveniens* o Papa Paulo VI (1971, p.11 n. 13), preocupado com a cultura urbana dos jovens no mundo industrial, perguntava *"qual seria o lugar dos jovens na mutação industrial e qual seria o seu papel na transformação social"* [100]. Percebemos que a preocupação de Paulo VI era a dignidade da pessoa, do jovem e a

---

[99] Papa Paulo VI (1975) *Evangelii Nuntiandi*.

[100] Papa Paulo VI(1971, p.11 n. 13), Carta Apostólica *Octogesima adveniens*.

valorização da cultura juvenil. Pois sabia que a juventude era portadora de aspirações, de renovação e, também, de insegurança quanto ao futuro.

Mais recentemente o Documento de Aparecida (2007, n. 509-514), apresenta a "cultura urbana como complexa e plural" [101]. A cidade é o lugar de novas culturas e umas vão sendo gestadas e se impondo a outras, com novas linguagens e novas simbologias. No mundo urbano acontecem complexas transformações que influenciam, em especial a vida dos jovens, em todos os aspectos da vida humana.

Mas mesmo com todos esses esforços a Igreja dificilmente consegue entrar nessa esfera das tribos juvenis. Boa parte dos jovens entrevistados, quando mencionada a questão da participação na Igreja, sentem-se não aceitos, como pode ser visto no depoimento de Ricardo Almeida, 15 anos, Tribo *Emo* de São Paulo:

> "Fui fazer a vontade da minha mãe em participar da missa na Páscoa, porém quando entrei na Igreja com os meus apetrechos, com o meu cabelo cobrindo o olho e com as minhas roupas pretas, algumas pessoas não pararam de olhar para mim e fazer comentários, uma senhora passou perto e me chamou de "*capeta*", fiquei muito chateado. Prefiro rezar em casa e falar sozinho com Cristo" [102].

Encontramos ainda alguns *emos* que participam da catequese da crisma, porém só participam da missa quando é somente para o grupo. Mesmo assim há discriminação por parte de muitos colegas de crisma que não são *emos.* Outra dimensão da Igreja que não atrai esse tipo de tribo é a liturgia, pois ela não consegue falar a linguagem dos jovens. Em algumas igrejas, onde o padre conhece melhor a cultura juvenil, consegue-se atrair as tribos através da música, mas depois não se consegue avançar no diálogo e nem trabalhar os preconceitos da comunidade. Talvez falte conhecer os direitos dos jovens. Esse é um ponto central para a construção da cidadania. A cidadania confere um espaço democrático, aberto, que interessa para todas as culturas juvenis, pois abre perspectivas para o diálogo e

---

[101] Documento de Aparecida (2007, n. 509-514)

[102] Ricardo de Almeida, 15 anos, ex-aluno aluno do colégio salesiano da zona Norte de São Paulo. Residente na rua Manoel Matos, 150, bairro Santa Teresinha – SP.

transformação do mundo dos jovens. À medida que o jovem reconhece os valores do bem comum e a sua parcela de responsabilidade na construção e conservação desse direito, desabrocha um protagonismo que acende a paixão de viver em todos aqueles que estão ao seu redor.

Afirmam as autoras, Patrícia Castilleja de León y Teresita Lanzagorta Bonilla (2010):

> "Ao longo do tempo, a Igreja tem proposto diversas maneiras de evangelizar os jovens, atendendo as características próprias dos jovens, foi definindo diversas estratégias com este propósito e com distintos resultados. Algumas destas estratégias seguem presente na pastoral juvenil até hoje" [103].

Esse modelo citado acima é o Latino-Americano de pastoral juvenil. Esse modelo serviu e serve para jovens que já vivem numa situação de inclusão dentro da igreja, mas não serve mais para as novas culturas juvenis. As tribos urbanas não deixaram de viver em grupo, porém buscam outros paradigmas para suas vidas, criam regras próprias. Essa percepção se faz necessária para a Pastoral Juvenil porque nota-se hoje a falta de estratégias metodológicas para incluir os jovens das tribos e em especial a Tribo *Emo* na comunidade eclesial e nos grupos juvenis.

O acompanhamento no processo de educação da fé é individual e comunitário. Para que esse acompanhamento seja um direito de todos, faz-se necessário mergulhar na cultura juvenil sem preconceito e descobrir a diversidade de tribos, com seus ritos, costumes e leis. Conviver para aprender antes de qualquer metodologia ou proposta. As autoras continuam afirmando que:

> "Frente a las tendencias del individualismo y la masificación, el grupo juvenil se convierte en un espacio en el que las y los jóvenes se encuentran consigo mismos por medio de la relación con los demás con quienes comparten búsquedas y anhelos. Los procesos de identidad y de socialización tan determinantes en esta etapa de la vida se viven en un ambiente de acogida y calidez humana donde las personas pueden encontrar su lugar, ensayar relaciones humanas profundas, de confianza y solidaridad, cuestionarse sobre la realidad que viven y su papel en ella, es

[103] Patrícia Castilleja de León y Teresita Lanzagorta Bonilla. Paradigmas e Modelos de Pastoral Juvenil. Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador. 2010. Educación Virtual-UPS.

> por esta razón que el grupo o comunidad juvenil es la experiencia central de la pastoral juvenil"104.

Percebemos, ao longo da história, que o grupo é o lugar por excelência de convivência, de crescimento e de participação para os jovens. A experiência participativa é a mais rica e formativa, ela faz parte do que há de mais profundo nos jovens que ganham confiança em si mesmos e colocam em prática suas capacidades, motivam-se a provar outras habilidades que muitas vezes não estão claras, porém adquirem uma capacidade de tomar decisões com o apoio do grupo. É a dimensão que se relaciona com os outros, põem em comum suas atitudes de cooperação, solidariedade, tolerância e corresponsabilidade. A participação afetiva se converte então em uma experiência de construção de bem comum.

Ao conhecer, estudar e aprofundar nesse processo, é possível ajudar os adolescentes e os jovens a conhecerem-se e a respeitarem-se. A partir da descoberta desses valores, já presente e reconhecido, o jovem pode colaborar com os demais. Um dos paradigmas para a Pastoral Juvenil Latino-Americana é adquirir essas habilidades para contribuir na formação dos agentes de pastoral. Muitas tribos juvenis, como por exemplo, a *Emo* são desprovidas de um acompanhamento que as levem a compreender e amar a vida.

A tribo *Emo* abre uma oportunidade muito grande para a Igreja, pois na sua docilidade há uma porta possível de construção de um projeto de vida alicerçado em Cristo.

3.4. Conclusões do Capítulo 3

Segundo Ana Rita Martins, em seu artigo para a Revista Escola, da Editora Abril, o livro *"O Mundo como Vontade e Representação",* do filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860) propõe uma comparação interessante sobre **as relações humanas.** O filósofo conta no livro que para não congelar, um grupo de porcos-espinhos chegava, no inverno, um mais perto do outro. Mas, no momento que ficavam suficientemente próximos para se aquecer, começavam a se espetar com seus espinhos. Então se dispersavam, perdiam o benefício do convívio próximo e voltavam a sentir frio. Porém, isso não os fazia desistir, levava a

[104] Patricia Castilleja de León y Teresita Lanzagorta Bonilla (2010, p.19).

buscarem novamente companhia e o ciclo repetia-se na luta para encontrar uma distância confortável, um equilíbrio, entre o emaranhamento dos espinhos e o congelamento.

Adolescentes e jovens não são porcos-espinhos, mas experimentam, na puberdade, essa condição de busca de aconchego na convivência em grupo. E assim como os porcos-espinhos, eles encontram conforto e aconchego através da aceitação e do acolhimento, mas também encontram espinhos ao se posicionar quando se chocam com o individualismo, o preconceito ou a agressividade. Esta fase, fundamental para o exercício de sociabilização, marca a vida do adolescente através de grandes possibilidades e também de grandes riscos.

No estudo das relações dos grupos juvenis com as diversas instituições e até com outros grupos, a primeira ruptura é com a família. A rede protetora familiar não responde mais a tantos questionamentos e ele busca fora de casa outras referências para formar sua identidade. Neste momento, os amigos crescem em importância porque é a partir deles que o jovem exercita todos os seus papéis sociais, identifica-se com os comportamentos e valores, busca segurança, luta contra o sentimento de solidão, característica desta fase, entra em um processo de identificação com os outros – porque sem isto não se sente pertencente a um grupo, constrói laços emocionais com base em objetos reais ou simbólicos compartilhados, participando de uma coletividade que não abarca somente ideias sobre o mundo, mas regras de comportamento (hábitos, vestuário etc.). Esse exercício do papel social faz com que o jovem sinta-se mais valorizado, como ocorria até meados do século passado, em que a entrada do mundo adulto era feita através de ritos de passagem.

Porém, se o acolhimento, os aconchegos existem, onde se encontram os "espinhos"?

Segundo afirma Francisco Assumpção[105], psiquiatra do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), o risco está quando, por medo do isolamento, jovens acabam adotando regras e comportamentos sem colocá-los em questão, sem reflexão. Porque, ao mesmo tempo em que, nesta fase, eles anseiam pela identidade própria, os jovens percebem que ser igual a todo mundo (e este todo mundo é o seu grupo, sua tribo) é a saída mais segura para não se expor e perder aprovação.

---

[105] http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/importancia-grupos-adolescencia-550915.shtml,18.11.2011, 16h55.

> "Quando existe o risco de os objetos de identificação tornarem-se desculpas para ações de intolerância e violência ativa ou passiva contra os que pensam de forma diferente, por exemplo, agressividade excessiva, bullying, atos infracionais ou desculpa para comportamentos de risco como, por exemplo, uso de drogas, depreciação do próprio corpo (anorexia e bulimia), falta de noção do que envolve a relação de gênero homem e mulher que pode ocasionar gravidez na adolescência, relações com diversos parceiros e possíveis transmissão de doenças sexualmente transmissíveis entre outros comportamentos destrutivos, é necessário que as outras instâncias de guarda destes adolescentes entrem em ação (família, religião, sociedade, entre outros)".

A Pastoral da Juventude precisa entender a importância de agir de forma preventiva em relação a estes riscos, esses "espinhos", respeitando a necessidade do aconchego e do acolhimento para com esses jovens.

É necessário que a Pastoral da Juventude aproxime-se do jovem, buscando auxiliá-lo neste momento, respeitando tanto suas características como as do seu grupo. Que os, auxilie a sair dos estereótipos que dizem respeito a cada um e **forneça ferramentas** para que os próprios jovens elaborem seus conceitos, em vista do **protagonismo juvenil**. Ou seja, é preciso incentivá-los **à reflexão** e não à pura **reprodução de posições culturais fixas e restritas**. Agindo de forma reflexiva, eles aprendem a questionar os posicionamentos do próprio grupo em relação a vários aspectos e aprendem também a proteger-se dos riscos acima abordados. É por este motivo que a Pastoral da Juventude, como um espaço democrático, educativo e evangelizador, deve, ao olhar para o jovem, combater rótulos e incentivá-lo **a refletir sobre as suas responsabilidades**.

A cultura *Emo* desperta curiosidade porque é um dos grupos que nasceram sob um contexto de sensibilidade à "flor da pele", sob a negação da violência e por esse motivo sofreu muita discriminação e preconceito, inclusive passaram a ser vítimas da violência que eles mesmos condenavam. A própria banda Restart, símbolo da cultura *Emo* no Brasil, cita que o seu som, a sua música, denominada de *happy rock* (*rock* feliz), além é claro do seu estilo colorido, sofrem "preconceitos culturais". Segundo os integrantes da banda, ser colorido em um País colorido como o Brasil não deveria chocar dessa forma.

Enfim, é inegável a importância do grupo para os jovens, é fundamental para o exercício social, o grupo ganha espaço na adolescência, porém é necessário ter em mente que faz parte desta fase grandes possibilidades e grandes riscos porque é muito difícil nesta etapa da vida ser único e ao mesmo tempo igual. O grupo abafa a solidão, porém, as exigências de pertencimento de um grupo, as regras precisam conter valores e princípios alicerçados no bem comum, se a regra for pautada, na violência, na autonomia negativa perante as outras pessoas o risco de envolvimento com drogas, crime é muito grande, pois o jovem fará tudo para pertencer se ele não tiver uma base sólida.

C a p í t u l o 4

CONCLUSÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

No desejo de responder a problemática proposta no início do trabalho, torna-se importante, neste momento, salientar que partimos da condição dos "jovens" como sujeitos pertencentes a categorias culturais, que apresentam diversas formas de ser e estar nos diferentes tempos e espaços sociais ao longo da história.

A partir de tal concepção, entendemos a juventude como parte de um processo amplo de constituição dos sujeitos, que possui, no entanto, especificidades refletidas no modo como cada sujeito realiza sua trajetória. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito, inserido em uma determinada realidade social, cultural e histórica.

No primeiro capítulo, procuramos resgatar fragmentos históricos da cultura juvenil desde a Grécia antiga até os dias de hoje. Nesse sentido, o autor Schnapp[106] nos apresenta, na Grécia, os *Couroi*,[107] um grupo de jovens militares que assistem o rei e os chefes em diversas ocasiões sociais; a igualdade etária, que vincula os jovens uns aos outros, criando relações e forjando a unidade do grupo. Aqui, os laços criados entre os jovens substituem os laços de sangue. De certa forma, nós os consideramos uma tribo, pois eles têm identidade e normas que os orientam no caminho da vida, mesmo que seja por tempo determinado.

Seguindo nosso estudo, citamos os jovens no mundo Romano. De acordo com uma lenda, Roma fora fundada no século VIII a.C., às margens do rio Tibre, por dois jovens irmãos (Rômulo e Remo), junto com servos e rebeldes, pois os habitantes de Alba, cidade vizinha, não consideravam justo misturar e acolher rebeldes como cidadãos [108] . Posteriormente, entre os séculos XI e XVI, duas nações dominam a literatura europeia, ligadas ao amor e à proeza. São elas: a cavalaria e a cortesia. Aconteceram a partir de dois

---

[106] SCHNAPP, Alain. A imagem dos jovens na cidade Grega. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.).

[107] O Couroi não é apenas um jovem guerreiro, é um homem chamado às armas, guerreiro nobre que o nascimento e a educação voltaram ao oficio das armas, e ao qual esse oficio foi inculcado por meio de uma aprendizagem que também o preparou para as práticas e os refinamentos de certo ideal. Ibid., p. 21.

108 Fraschetti, Augusto. O mundo Romano. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 59.

mitos fundadores, associados às figuras simbólicas de Carlos Magno e rei Arthur, sobretudo as paixões de Tristão e Isolda, de Lancelot e Guinevere[109].

Nos séculos XIV e XV, começam-se a definir as idades. Essa reflexão de definição e indefinição da idade dos jovens continua até hoje. Porém, a era moderna, com a organização da escolaridade por idade, passa a diferenciar o que é jovem dentro deste período da vida[110]. Dessa época para a frente, começam a falar de cultura juvenil. A Igreja e alguns autores citados no primeiro capítulo refletem não só quanto a conceito, mas também em relação à compreensão. A Encíclica do Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1968, n.371) define a plenitude da cultura quando a pessoa humana atinge a humanidade verdadeira. O Documento de Puebla (1979, p. 99, n. 51-53), falando dos aspectos da cultura, confirma a importância e riqueza das várias raças que compõem a cultura desse largo continente que é a América Latina. O Encontro de Aparecida (2007, n. 509-514) apresenta a cultura urbana como complexa e plural. A cidade é o lugar de novas culturas e umas vão sendo geradas e impondo-se, com novas linguagens e novas simbologias. No mundo urbano acontecem complexas transformações que influenciam em todos os aspectos da vida humana, especialmente na vida dos jovens.

Também nos preocupamos em definir as diferenças entre culturas e tribos juvenis a partir da contribuição de Hall, Pais e Rossana Reguilho, que abordam a origem da necessidade de criação de uma cultura, e quando ela se torna uma associação, como se transforma e influencia a vida do jovem.

No segundo capítulo, aprofundamos a cultura juvenil urbana. Aqui temos a contribuição de alguns autores importantes, como por exemplo, Schäffers (1998, p. 161), para quem a noção de *cultura juvenil* como parte de uma sociedade foi se desenvolvendo à medida que a juventude passou a ser vista como uma categoria social e geracional específica,

---

109 Marchello-Nizia, Christiane. Cavalaria e cortesia. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 142.

110 Schindler, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1.São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 270.

e conforme a autonomia, foi sendo adquirida por esse grupo etário e seu estilo. Barbosa e Comptel (2006), ao falarem de cultura, consumo e identidade, classificam a cultura juvenil como uma combinação perfeita para o atual mundo contemporâneo. O jovem é o objeto de consumo cobiçado pelo mercado capitalista e nessa relação de consumo cria-se uma cultura utilizando aquilo que os jovens gostam e fazem bem como: a música, roupas (moda), estética, linguagem etc. Porém, para o autor (MAFFESOLI, op. cit., p. 85), o jovem tribal veio contribuir com o declínio de uma sociedade individualista. Aqui se enquadra o que podemos chamar de Tribo Juvenil Urbana *EMO*.

Dentro desse contexto cultural e numa sociedade complexa surge o *Emo*, com suas origens fundadas em um pouco das culturas do *Rock, Gótico, Clubber* e *Punk Rock*. Hoje o maior valor cultivado pelos *emos* e que enriquece a sociedade individualista, são as relações de fidelidade ao amigo do mesmo grupo. Também na família quando aceitos são mais afetuosos com os pais e irmãos. Outro valor que não se pode desprezar é a capacidade de viver por muito tempo juntos, quando dividem tudo. Como diz Maffesoli, 1994, "o fato da proximidade do mundo urbano contribui para uma relação mais acentuada entre as pessoas, buscando abrigo e esperança"[111].

Uma outra contribuição que os EMOS trazem para a sociedade é a questão de gênero. O texto de Louro (2007) "enfatiza a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas dos gêneros. Além disso, lembra que as concepções de gênero divergem não somente de sociedade para sociedade ou em tempos históricos, mas também dentro de uma própria sociedade. Papéis seriam, segundo o autor, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, roupas, relacionamentos"[112]. Aprendendo esses papéis, os indivíduos seriam capazes de conhecer o que é adequado, o que não é, e responder a essas expectativas.

Ainda nesse capítulo, aprofundamos a identidade e representações da tribo *EMO*. Utilizando como referência, portanto, o já citado autor Erikson (1968), seria possível dizer que um adolescente, ao inserir-se no grupo *Emo*, está em busca de sua identidade, utilizando-

[111] Maffesoli, Michel.1994,

[112] Louro (2007),

se de recursos como a infantilização, o visual, a música e os comportamentos para montar sua defesa contra esse mundo desconhecido que surge com a adolescência. No caso do *Emo,* sabemos também que sua identidade nasce a partir de outras referências tribais *(Rock, Gótico* etc), porém eles criaram uma característica própria que é visível na sua maneira de se portar, vestir e se pintar. Para compreender melhor a identidade, faz-se necessário inserir-se no meio deles, pois é ali que os sentimentos e as conversas demonstram verdadeiramente sua face. Suas representações são significativas, principalmente nas noites das grandes cidades e em alguns *shoppings*. Os *Emos* destacam-se e chamam a atenção pelo visual e pelo fato de viverem em grupo, andarem sempre juntos. Nas noites do centro de São Paulo, é notável o "bando" de *emos* que entram nas boates e outros que se aglomeram nas praças. Um outro ponto importante que queremos ressaltar é o *Emo* no mundo do trabalho. Aparentemente não se percebe que são *Emos*, pois no espaço de trabalho não são permitidas as suas vestes, nem maquiagem, nem *percing.* Porém, diz Matheus de 17 anos: "logo que saio do espaço de trabalho procuro imediatamente um banheiro para me vestir e me maquiar"[113]. Essa é a realidade de várias tribos urbanas que precisam viver esses dois papéis na sociedade contemporânea.

Para esse grupo *Emo*, os valores estão presentes nas relações entre iguais. Eles não acreditam nos valores que a atual sociedade prega, as estruturas (família, igreja, política) são desacreditadas por eles. Na literatura romancista do século XVIII, por exemplo, buscou-se resgatar os valores do sentimentalismo, individualismo, egocentrismo, pessimismo, a idealização e até a morte, como solução, numa visão de mundo contrária ao racionalismo. O byronismo é caracterizado pelo narcisismo, pelo egocentrismo, pessimismo e angústia, no final do mesmo século:

> [...] o movimento romântico toma corpo na Alemanha, com o lançamento do romance "Os Sofrimentos do Jovem Werther, de Goethe". Os percalços do personagem principal desencadeiam uma onda de suicídios

[113] Matheus de Araujo, 17 anos, 3º Ano do EM – mora na rua Vergueiro n. 27 no centro de SP. Trabalha em uma lanchonete da rede Mac Donald. Pertence à tribo *emo* da galeria do *Rock* situada na Av. São João, centro de São Paulo.

> pela Europa. Jovens tomavam o trágico destino de Werther como saída para malogros sentimentais"[114]

Os *Emos* são românticos, mas não cultivam, como no séc. XVIII, o egocentrismo, pessimismo etc. Os valores que ganham destaque hoje nessa tribo é a capacidade de viver em grupo em pleno mundo individualista. Outro valor que se percebe na entrevista que será mostrada no capítulo 3 é a busca do transcendente. Quase todos os jovens *Emos* entrevistados crêem em Deus. Acreditar em Deus é unânime entre os membros da Tribo EMO, mesmo aqueles que não possuem uma religião definida.

O valor da amizade e da delicadeza no trato com o outro chama a atenção, pois a rapidez com que as pessoas vivem no mundo urbano muitas vezes não permite olhar o outro como pessoa.

Quando falamos de normas, podemos considerar dois estilos de normas: *interna e externa*. A norma *interna* nasce na perspectiva da liberdade, na qual os adolescentes e jovens querem ser livres para escolher, isso é natural nessa faixa etária. O desafio se encontra em que essas normas não passam pela censura do adulto (pais e educadores). A norma *externa* é carregada de preconceitos e que geram violência. Cresce no centro urbano de São Paulo a *"Emofobia"*. A sociedade impõe uma norma padronizada para todos os adolescentes e jovens, aqueles que não se enquadram nesses conceitos são considerados anormais e agridem a sociedade. Podemos dizer que esse tipo de norma não ajuda no desenvolvimento dos adolescentes e jovens, mas leva as pessoas a viverem contra os direitos humanos. Todos os dias nas páginas de jornal ou internet na cidade de São Paulo é estampado algum tipo de agressão contra a tribo *Emo*.

Um estilo bastante observado atualmente entre esses jovens é o conhecido como *Old School*, que une símbolos agressivos a símbolos delicados, colocando em um mesmo desenho sentimentos extremamente diferentes, mas próximos. Isso marca a ideia da confusão

---

[114] Cultura *emo*. Referências teóricas sobre Cultura *EMO*. Substrato cultural basilar da Cultura *EMO*. Disponível em: <http://culturaemo.pbworks.com/Refer%C3%AAncias-te%C3%B3ricas-sobre-Cultura-EMO> Acesso em: 05 nov. 2010.

que os adolescentes *Emos* enfrentam, por sua sexualidade, pela fase de transição por que estão passando, pela iniciação na vida sentimental, pelo preconceito. Nas noites de Centro Urbano de São Paulo é notável a diversidade de grupos *Emos* que se apresentam de mais variados estilos: na música, vestes e maneira de andar.

No ano de 2011, nasce um novo estilo na cidade de São Paulo. Adolescentes de escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, influenciados pelos *Emos coloridos*, lançam a *"Geração Remix"*[115]. Essa geração mistura as vestes e materiais escolares nas mais variadas cores e combinações, lançando no mercado paulistano uma nova moda. Alguns adolescentes e jovens chamam de *"estilo esculachado"*.

Por fim, percebemos que identidade, representações, valores, normas e estilos na cultura *Emo* são extremamente interligados. Eles se manifestam num conjunto de comportamentos próprios de uma cultura que, entre tantas outras, precisam se garantir para perpetuar-se. Terminamos essa parte considerando o que diz Juncosa (Fundamentos Antropológicos para a Pastoral Juvenil, 21.11.2009), "a identidade se constrói mediante a relação com "o outro e se transforma constantemente de acordo com os contextos"[116]. Diante dessa afirmação, percebe-se que a "Tribo Emo" é fruto dessas transformações e que hoje responde às necessidades dos adolescentes e jovens do século XXI, marcados pelo sofrimento do individualismo.

No capítulo terceiro, aprofundamos o mundo das relações da Tribo *Emo*. As relações dão-se nas mais variadas formas, para Maffesoli (1985), as relações nas "diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles"[117]. Os *Emos*, já mencionados no capítulo dois, inspiraram seus vestuários no movimento *Gótico*, dessa forma o admiram pela sua coragem de se mostrar e de ter um estilo próprio na sociedade de mudanças. Pesquisa feita na galeria do *Roc*, mostrou uma grande tolerância entre *Rock, Punk Rock* e *Emo*. A cultura contemporânea permite maior tolerância.

---

[115] Revista Folha de São Paulo. São Paulo. 20 a 26 de fevereiro de 2011.

[116] Juncosa, José Enrique. *Fundamentos Antropológicos para a Pastoral Juvenil*. Politécnica (Universidade Salesiana), Equador. 21/11 de 2009

[117] MAFFESOLI, 1985

Os *Emos* continuam idolatrando os grupos que foram referência para sua existência. Como disse Fábio Azevedo, 17 anos "fomos ousados e criativos em buscar nesses três grandes grupos (Rock, Gótico e Punk Rock, um modelo para a construção da nossa identidade"(26/11/2010, 18h – galeria do *Rock*)[118].

O jovem *EMO* prefere estar em grupo, em relacionamento com seu grupo e com o outro, opondo-se ao individualismo, "[...] a desumanização real da vida urbana produz agrupamentos específicos com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos" (MAFFESOLI,1987 p. 85)[119].

Quando falamos da relação do *Emo* com a família, encontramos várias realidades. Para Papalia (2006), os efeitos do divórcio e da criação só pelo pai ou pela mãe podem ser menos graves do que se acreditava e podem depender de circunstâncias individuais. Mas de qualquer forma a ausência no processo de educação do adolescente prejudicará a sua formação, pois nada pode suprir o acompanhamento dos pais. Muitos dos adolescentes e jovens *emos* mencionam a ausência dos pais em suas vidas e encontraram acolhida nessa tribo. Muitas vezes os pais não aceitam o filho como *emo* e isso gera violência, o adolescente começa a assumir dupla personalidade. Uma das causas que mais levam o adolescente a buscar um relacionamento na tribo *emo* é que os pais estão sempre trabalhando e não conversam com seus filhos. Diz Maria Clara Azevedo, 13 anos, "minha mãe dá mais valor ao trabalho do que atenção para mim. Eu vivia na solidão sem ter alguém para falar dos meus problemas, mas agora estou no grupo Emo já faz dois anos. Sinto-me acolhida e escutada"[120].

Quando falamos da relação do *Emo* com a religião, podemos perceber uma certa dificuldade de aceitação. Mesmo que alguns documentos da Igreja afirmem a adesão pelos

---

[118] A galeria do *Rock* se localiza na Av. São João, 66 – no centro de São Paulo. Local onde se reúne 90% das tribos juvenis da cidade. Nesse espaço são comercializados todos os tipos de vestuários, livros, apetrechos e músicas ligadas às diversas culturas juvenis. Também atrai estudiosos de diversas áreas da ciência que querem estudar esse fenômeno juvenil. Fábio Azevedo, 17 anos, morador da Av. São João, 33. São Paulo (centro) - SP

[119] Maffesoli**,** 1985 p. 85

[120] Maria Clara Azevedo, 13 anos, estuda o 9º Ano. Mora na Avenida Rio Branco, 140. Centro de São Paulo.

adolescentes e jovens, na sua prática ainda há dificuldades. A preocupação de Paulo VI (1975), na sua Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*[121] convida a Igreja a voltar o olhar especial para a juventude, pois é uma população que cresce rapidamente na sociedade, principalmente nos centros urbanos, também cresce de maneira proporcional ao seu crescimento os problemas que os cercam e a pastoral juvenil deve apresentar para este grupo, com zelo e com o cuidado, o Evangelho. A cultura juvenil sempre é aberta ao novo e à verdade. Mesmo sendo explícito a preocupação da Igreja, quando perguntamos aos adolescentes e jovens *EMO* se eles têm uma religião? Qual? Obtivemos as seguintes respostas:

"Não frequentamos, porém cremos em Deus. Já tentei ir numa igreja, mas as pessoas não nos aceitam. Algumas pessoas falam que somos do demônio"[122]. Isso vem confirmar o distanciamento dos adolescentes e jovens "tribais" da religião. Faz-se necessário avançar no diálogo e aceitação do diferente dentro e fora da Igreja.

Finamente, tais estudos pesquisaram os grupos juvenis emergentes nas grandes metrópoles, utilizando-se de múltiplas denominações para referenciar-se a eles: "subculturas", "contraculturas", "microculturas", "bandos". Porém, na escrita deste trabalho, não optamos por tais termos. Optamos - além de "tribos urbanas" – pelo termo "culturas juvenis" dentro destes a "tribo *Emo*", por entender que tal termo sugere a pluralidade sociocultural existente entre os jovens e uma concepção de cultura que não marginaliza – mas inclui - as expressões culturais de tais grupos em especial o grupo *EMO*. Deste modo, as práticas culturais, normas, valores e estilos juvenis são aqui entendidas como os modos como os jovens expressam e comunicam suas ideias e preferências, operacionalizando significados culturais e dando visibilidade aos processos de constituição de suas identidades. A concepção de "cultura" como central na compreensão e análise das instituições e relações sociais visa, ainda, ressaltar que as identidades são, em suma, formadas culturalmente. A cultura juvenil ultrapassa a relação das tribos, liga-se com a moda, com a música. Somente quando um grupo que compartilha das mesmas posições culturais se associa é que chamamos de Tribos Juvenis Urbanas, ou tribos juvenis.

---

[121] Paulo VI (1975) *Evangelii Nuntiandi*.

[122] Verificar a oitava pergunta da pesquisa de campo.

A discussão que se pretende avançar é que tais práticas culturais, em especial a do *EMO*, encontram-se associadas a movimentos de construção e *ressignificação* de identidades juvenis, os quais acontecem em diferentes espaços e meios de socialização. Por exemplo, a relação da tribo *Emo* com as tribos juvenis da Igreja. E, diante desse fato, qual é o papel da Pastoral da Juventude nesse contexto?

O capítulo 3 vem responder em sua conclusão esse papel. Nota-se com muita clareza hoje a importância do grupo para os jovens, é fundamental para um exercício social, porém, essa experiência passa por grandes possibilidades e por grandes riscos.

As grandes possibilidades nós vimos nos estudos: estabilidade dos sentimentos, aconchego, reconhecimento, aceitação, segurança diante da solidão característica da idade, porém os riscos dão-se quando os objetos de identificação viram desculpas para atos de violência e intolerância – *bullying*, atos infracionais, preconceitos – ou desculpas para comportamento de riscos – uso de drogas, culto ao corpo (anorexia e bulimia), sexualidade sem reflexão e sem limites, ocasionando gravidez precoce ou até contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.

É de suma importância que a Pastoral da Juventude dissipe preconceitos e levante questões a respeito de sair dos estereótipos e forneça ferramentas para que os próprios jovens elaborem seus conceitos através da reflexão e digam não à reprodução de posições culturais fixas e restritivas. Questionar os posicionamentos do próprio grupo em relação a esses e outros aspectos, combatendo rótulos e incentivando a refletir sobre responsabilidades. O jovem precisa vencer o medo de reprovação perante o grupo e entender que a ideia é ajudar a turma entendendo que cada integrante do seu grupo ou tribo legitima a atitude do outro.

Somente assim, enfim, a Igreja terá abertura e dialogará de forma transparente e sincera com qualquer tribo, inclusive com a *EMO* que, nas entrevistas, demonstrou não se sentir representada e nem viu a Igreja como um espaço para este diálogo educativo e social, inclusive, não vendo a Igreja como um espaço democrático, que aceita e respeita todas as tribos.

B i b l i o g r a f i a

ABRAMO, Helena; Freitas, Maria Virginia de; Sposito, Marilia Pontes (Org.). Juventude em debate. São Paulo: Cortez, 2000, p. 42.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. (p.71).

BARBOSA, L. e COMPBELL, C.(Org). *Cultura, Consumo e Identidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV,, 2006.

BLASS, Leila Maria da Silva. *Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades*. Universidade de São Paulo (USP), 2004.

BORRREGO, BEATRIZ; MARIA, Letícia; MAIA, Paula. *Uma lacuna na história***.** Movimentos de oposição ao regime militar nas cidades de Lorena e Aparecida. 2. ed. Taubaté: 2000.

CAMPBEL, C. e BARBOSA, L. *Cultura, Consumo e Identidade.* Ed. FGV: Rio Janeiro, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Imaginários Urbanos: pensamiento contemporâneo.* 3.ed. Editorial Universitária de Buenos Aires Ilustrada, 2006.

COMPÊNDIO DO VATICANO II no Decreto "*Apostolicam Actuositatem*". Vozes, 6º.ed. Petrópolis, n.1376, 1968,

COSTA, M. R. da C. *Os carecas dos subúrbio: caminho de um nomadismo moderno*. 2 ed. São Paulo: Musa, 2000.

CULTURAEMO. *Referências teóricas sobre Cultura EMO. Substrato cultural basilar da Cultura* EMO. Disponível em: <http://culturaemo.pbworks.com/Refer%C3%AAncias-te%C3%B3ricas-sobre-Cultura-EMO> Acesso em: 05 nov. 2010.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Ed. Paulus e Paulinas, 2007.

DOCUMENTOS DE PAULO VI (1963-1978). *Documentos da Igreja*. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

ENCÍCLICA DE JOÃO PAULO II (1978 -). *Documentos da Igreja*. Ed. Paulus, 1997.

ERIKSON, E. H. *Childhood and society. New York*: Norton, 1968.

ERIKSON, E. H. Identity: *Youth and crisis. New York: Norton,* 1968.

FABI. *Hippies e a contracultura. Spiner - Portal para Jovens*. Disponível em: <http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=1262> Acesso em: 05 nov. 2010.

FEIXA, C. *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel, 1999.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud*. Barcelona: Ariel, 1998,

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade – a vontade de saber.* São Paulo: Graal, 2003.

FRASCHETTI, Augusto. *O mundo Romano*. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREUD, Sigmund; *Novas Conferências Introdutórias À Psicanálise*, Frankfurt: Fischer, 1999.

GEERTZ, Clifford; *Conocimento local – Ensayos sobre la intepretación de las culturas.* Ediciones Paidós Ibérica SA, 1983.

GOMES, João C. *Planejamento conceitual: um guia para um planeta melhor.* 3ª ed. Lendo, SP: Costa Mauro, 1996.

_____. *"De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana"*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17, (49): 11-29, 2002.

_____. *"Los estudios sobre culturas juveniles en España – 1960-2004"*. Revista de Estudios de Juventud, 64, mar., Madrid, 2004.

GOLDMAN, Márcio. *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

GUERREIRO, Goli. *Retratos de uma tribo urbana: rock brasileiro*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

GROPPO, Luis Antonio. *Uma onda mundial de revoltas.* Movimentos estudantis de 1968. Piracicaba: Unimep, 2005.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (orgs.). *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. London: Hutchinson, 1976.

JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. Trad. Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JUNCOSA, JOSÉ ENRIQUE. *Fundamentos Antropológicos para a Pastoral Juvenil*. Politécnica (Universidade Salesiana), Equador. 21/11/2009.

KOHLBERG, L.. *A Cognitive-developmental analysis of chidren´s sex-role concepts and attitudes*. Chigago: Stanford university Press, 1966.

LIBANIO, J. B. *Jovens em tempo de pós-modernidade. Considerações socioculturais e pastorais*. Ed. Loyola: São Paulo, 2004.

LOURO, G. *Gênero, Sexualidade e Educação – uma perspectiva pós-estruturalista*, Petrópolis: Vozes, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

_____. *Le temps des tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*, 1985.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, José Guilherme C. *"Tribos urbanas, metáfora ou categoria?"*. Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 2 (2), 1992.

MARCHELLO-NIZIA, Christiane. *Cavalaria e cortesia*. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 142.

MATTOSO, Jorge Eduardo Levi (orgs). *Crise e trabalho no Brasil – modernidade ou volta ao passado.* São Paulo, Scritta, São Paulo: 1996.

MELUCCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. Revista Brasileira de Educação. Juventude e contemporaneidade, São Paulo: Bartira, n. 5 e 6, mai-dez. Edição especial, 1997.

MENEZES, MARIA DE LOUDES. 2009, p.31 - 4. Ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2006.

MISKOLCI, Richard. *"Reflexões sobre normalidade e desvio social"*. In: Estudos de Sociologia, Editora UNESP: Araraquara, vol. 13/14: 2002-2003.

NETO, Francisco Batista. *"A Geração dos Anos 90" (Perfil do Adolescente).* Editora Promover, Rio de Janeiro: 1990.

NILAM, Pam. *"Culturas juveniles globales"*. Revista de Estudios de Juventud, 64, mar., Madrid, 2004.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila (orgs.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume/Capes, 2004.

PAIS, José Machado. *Apresentação. In: Jovens Europeus. Estudos de Juventude*. n. 8. Lisboa: ICS / IPJ, p. 6 e ss, 1994.

PAPALIA, Diane E. (org), OLDS, Sally W. e FELDMAN, Ruth D. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre – RS: Editora Artmed, 8ª. Edição, 2006.

PARDO, Piergiorgio. *Conoscere Le controculture giovanili. Le avanguardie di um mondo alternativo.* Milano: Ed. Xenia, 1997.

PASTOUREAU, MICHEL. Os emblemas da juventude: Atributos e representações dos jovens na imagem medieval. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1.São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PAULO VI (1971). *As necessidades Novas de um Mundo em Transformação. Carta Apostólica "Octogesima adveniens"*. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 1971.

PAULO VI (1975). *A Evangelização no Mundo Contemporâneo. Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi*". Documentos Pontifícios 188. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 1987.

PORTAL SESC SÃO PAULO. *São Paulo de todas as Tribos*. Disponível em: <www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=368&Artigo_ID=5628&IDCategoria=6481&reftype=2> Acesso em: 05 nov. 2010.

PUEBLA (1979). *Evangelização no presente e no futuro da AL. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.* Puebla de los Angeles, México 27-1 a 13-2 de 1979. São Paulo: Ed. Paulinas, 3 ed.

REGUILHO CRUZ, R. *Emergência de culturas juveniles, estratégias de desencanto*. Buenos Aires: Ed. Norma, p.3, 2000.

RODRIGUES, J. C. "*Corpo ou Corpos?"* Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SAVAGE, J. *A Criação da Juventude: como o conceito teenager revolucionou o século XX.* Rio Janeiro: Rocco, 2009.

SCHÄFFER, R. Die Band: *Stil und asthertische Praxis im Jugendalter.* Opladen + Budrich., 1996 [https://www.unibw.de/paed/ebwb/Mitarbeiter/schaef, 08.11.2011].

SCHNAPP, Alain. A Imagem dos Jovens na Cidade Grega. In: História dos Jovens – Da Antiguidade à Era Moderna. LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Org.); Trad: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Vol. 1.

SCHINDLER, Norbert. *Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna*. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna: 1.São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, W. R. A. *Tribos urbanas, você e eu: conversas com a juventude.* 2 ed. São Paulo, 2009.

Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana orgs. Márcia Regina da Costa, Elisabeth Murilho da Silva. – São Paulo: Editora PUC Educ, 2006.

STRAUSS, Claude Lévi. *Visão externa que gera preconceitos".* São Paulo: Edit. Edições 70, 1978.

TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture*. London: Murray, 1871.

VENTURA, ZUENIR. *1968 O ano que não terminou. 3. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.*

A N E X O S

ILUSTRAÇÕES E ENTREVISTAS

1. Ilustrações

Ilustração 2: Meninas Emos, a figura franja.

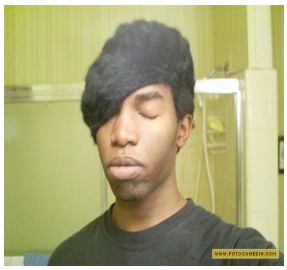


Ilustração 3: Ter a franja lisa de qualquer maneira, geralmente cobrindo os olhos.

Ilustração 4: Os meninos podem se maquiar.

.

Ilustração 5: Os meninos também usam esmalte.

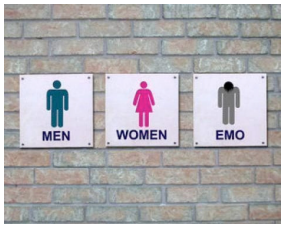


Ilustração 6: O grupo sofre *bullying* por sua tolerância quanto à sexualidade.

Ilustração 7: Os objetos da cultura juvenil *EMO*

Ilustração 8: Tatuagem *Old School*.

Ilustração 9: Uma jovem colorida.

Ilustração 10: Um jovem colorido.

Ilustração 11: Banda Restart (*Emos* coloridos)

Ilustração 12: Principal banda Hevo 84.

Ilustração 13: Galeria do Rock

2. Transcrições

Conheçamos a história da banda *Restart*

Postado em Artistas e grupos em 27/05/2010 às 09:05:03 – Tags: *Restart* (910 comentários). *Restart* é uma banda de *emocore* criada em São Paulo, Brasil, em agosto de 2008. Suas principais canções são "Recomeçar", "Levo Comigo" e "Amanhecer no Teu olhar". O *MySpace* oficial da banda conseguiu mais de 2 milhões de acessos apenas em 2009, sendo a internet o principal meio de divulgação de suas músicas. Incidente: a banda passou a ter enorme repercussão na internet após cancelamento da tarde de autógrafos na livraria FNAC da Avenida Paulista, São Paulo, durante a tarde do dia 28 de abril de 2010. Em nota os integrantes divulgaram uma mensagem mencionando que não esperavam um evento com mais de 3.000 pessoas e decidiram adiar o evento, mesmo levando em conta o esforço de muitas visitantes para chegar com até um dia de antecedência para receber uma das 250 senhas (e o recebimento de uma pulseirinha indicativa) para garantir preferência na entrada. Uma enorme fila que começava na entrada na Avenida Paulista e chegava até a Alameda Santos (outra entrada na FNAC) começou a se formar a partir das 09h00, mesmo com a sessão de autógrafos e o *pocket show* da banda começando às 19h00. A multidão só abandonou o prédio após a intervenção da polícia. Integrantes: Pe. Lanza – Baixo e Vocal;

Pedro Lucas – Guitarra e Vocal; Koba – Guitarra e Vocal de apoio; Thomas – Bateria (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Restart_(banda), 18.09.2011).

Entrevista da Banda *Restart* com a repórter Marília Gabriela no Programa de Frente com Gabi.

Marília Gabriela: Estou de frente com uma novidade musical, uma novidade mesmo, quatro meninos de São Paulo, os quatro hoje com 18 anos montaram dois anos atrás uma banda que está *mexendo* com o *rock* brasileiro com o sugestivo nome de *Restart*; os garotos estão em todas; sucesso na internet, sucesso na televisão, sucesso com as garotas mas principalmente sucesso com as músicas; donos de um som que não nega as origens *rockeiras*, o *Restart* veio ao programa só com metade da formação. Pelu, o Pedro Lucas, o Pelanza, Pedro Lanza, (quase uma dupla sertaneja...) os outros dois o Koba e o Tominas como vocês aí estão assistindo pela televisão em casa. Vocês se conhecem há muito tempo? Quer dizer muito tempo nada é para vocês porque tudo em vocês faz muito pouco tempo para mim pelo menos.

Restart: a gente quase nasceu junto, né Gabi. A galera até pergunta, uma história bem engraçada assim que a gente se conhece desde bem pequeno do colégio...

M: Que colégio?

R: A gente estudava no Colégio Franciscano João XXIII.

M: Vocês são todos de São Paulo?

R: Todos são daqui.

M: Do Bairro Butantã é isto?

R: É ali das redondezas, a gente sempre nasceu por ali, foi criado por lá. Então a gente estuda junto desde muito pequeno. Então todas as fases da nossa vida a gente teve junto ali, inclusive a curiosidade de tipo pô um dia um trazer um violão para o colégio. Poxa tal aprendi tal coisa assim, brincando e tal, e a gente foi, vamos aprender a tocar mesmo, por diversão, né. Até que rolou a gente querer encarar uma carreira.

M: Mas, até que rolou, vocês começam um a mostrar para o outro, olha o que eu achei aqui no violão, com que idade

R: A gente tinha..

M: Vocês são de jardim de infância juntos?

R: Eu estou com o p. porque nós fomos os primeiros a entrar no colégio desde os 7 anos, 8 anos (é mesmo). Desde a primeira série, eu sou um ano mais velho, então eram classes diferentes (se sente.. mais velho) um ano mais velho, não... eu, não um ano mais velho mas eu acho que como eu estava numa classe um ano para frente acaba criando este lance de turma e tal. Então, sempre, eu falo que eu sou o mais chato, na verdade, eu sou o sempre, ah ta todo mundo na bagunça, eu falo pô galera, calma aí, peraí, tal.

M: Então é isto que eu estou dizendo, então você se sente você faz um pouco o conselheiro, o que dá bronca, o protetor.

R: Foi isto que eu falei eu acabo sendo o chato, mas os meninos, magina, a gente tudo, um acaba cuidando um do outro, até porque a gente se conhece há muito tempo, a gente já passou por um monte de coisas, um monte de perrengue junto a gente tem o cuidado de irmão mesmo, um com os outros, não tem um mais velho, ou um mais novo, na hora do vamos ver aí todo mundo se abraça então vamos junto né e tem como fugir.

M: Como é que se monta uma banda hoje em dia porque tira um daqui tira um dali eu vim de *Beatles, da formação da banda daquela época. V*ocês são uns estudiosos de música ou interessados em música de ir atrás bandas históricas para ouvir, conhecer ou não?

R: Com certeza, inclusive foram bandas assim que inspiraram a gente há um dia querer tocar, montar a banda. Pô, lembro que a gente aprendeu a tocar e aprendeu a ter uma noção assim de como é uma banda no palco assistindo *Gun´s Roses*, mesmo *Beatles*, *Aeroschimidt*, estas bandas assim que a gente foi influenciado um pouco mais pelo rádio *rock,* que eram um som que nossos pais curtiam e foram mostrando para a gente, mais dos anos 90, anos 80 assim. A gente sempre curtiu estas coisas tanto que as pessoas olham para a gente assim e falam uns moleques novinhos assim e quando vê o *show* no palco vê uma energia assim mais do *rock in roll*, [*sic!*] uma coisa mais rádio *rock* assim a galera fica até meio assim "de cara". Pô tava imaginando uma coisa mais tranquila, uma coisa mais romântica e vê aqueles moleques mais energéticos no palco.

M: Vocês denominaram o tipo de música que vocês fazem não é.

R: A gente chamou de "happy rock", *happy* de feliz, tem gente que confunde *happy* com *rap*, *rap* do *hip-hop* (não não não *happy* com *h-a-p-p-y*) isto de feliz. Porque acho que

tem a ver com o nosso visual, nós somos muito brincalhões, acho até que por sermos mais novos, não sei mais a gente sempre foi muito brincalhão, tirar sarro do outro, sempre sorrindo, as nossas músicas...

M: Vocês ainda não sofreram é isto que você está dizendo...

R: Não, não sofremos, e não sei se a gente vai sofrer...

M: Dor de cotovelo, ou seja...

R: Acho que todo mundo sofre, e tem as suas fases boas, e suas fases ruins, ou momentos ruins, mas até mesmo no nosso som, além da gente passar uma mensagem alegre para todo mundo e mesmo nas decepções, ou dores de cotovelo, e tudo isto que é normal na vida do ser humano passar, a gente tem uma boa saída assim sabe, tem um lado bom, vê um lado bom das coisas.

M: Vocês são otimistas, vocês diriam, otimistas...

R: É em toda a situação na vida, é tem pontos de vista, então você pode encarar o fim de um relacionamento, pô, vou ficar na fossa, ou

M: ... ou falar opa, vai dar *rock* hehehehehehe

R: oh.. Vou ficar com as outras, agora sabe, não desse modo, mas, acho que a gente sempre procura olhar o lado positivo. Claro tem situações na vida, que não dá para você... A gente não passa 100% da nossa vida sorrindo.

M: Deixa eu ver lá para trás, ainda, ainda uma vez, os pais de vocês, todos, vocês, os quatro se conhecem tão bem assim, quanto vocês dois. Os pais de vocês todos sempre deram apoio ou teve aquela fase música você tá brincando ou vai cuidar de uma coisa séria . Teve isto ou não?

R: Os nossos pais, o meu pai, por exemplo, é músico, minha mãe é atriz (ah tá!), o pai do Tominha que não tá aqui sempre trabalhou com música, mesmo o pai do Pedro Koba que não tem esta ligação, mas eles sempre apoiaram, eu acho que os nossos pais foram os nossos primeiros fãs, quando a gente era menorzinho, tinha outras bandas, 12 ou 13 anos, a gente se metia numas roubadas de tocar em barzinho, boteco, podia não ter ninguém, estavam nossos pais, nossas irmãs, ah que lindinho...

M: ... 12 ou 13 anos não à noite...

R: ... à noite

M: Mas, isto é uma coisa,

R: isto é uma coisa difícil de pensar, pô, é normal assim, o povo pensar assim que um moleque de 12 anos quer apostar no mundo da música, artisticamente, em qualquer carreira, como ator ou como qualquer coisa, é uma coisa difícil para a família, em si não só os pais, mas, todo mundo aceitar. Mas, foi uma coisa legal, que como em todo o sonho, pô, um garoto de 12 ou 13 anos que começa a jogar bola, que quer ser um jogador de futebol, é mais normal do pai apoiar, mas os nossos pais foram muito legais porque a gente com esta idade, queria fazer música e a gente sabia que a gente tinha este som e ia poder chegar em algum lugar então eles sempre nos apoiaram, e mesmo que ninguém gostasse ou a gente tocava em.. a gente já tocou em bares da Rua Augusta assim, né meu, com 12 anos, e eles estavam lá e a galera mais velha (Eles tinham que estar lá) A gente não podia tocar sem estar com eles. Então a galera mais velha, das bandas mais velhas, às vezes não respeitavam, viam uns garotos com uns instrumentos maiores que eles, a gente colocava assim ficava até engraçado. Mas a gente fazia aquela coisa com muita sinceridade.

M: Mas, vocês tinham, por exemplo, um trato ou um contrato a gente faz música, mas se resolve na escola também. (07:12) ou não. Vocês abandonaram tudo...

R: Não, nós nos formamos no colégio né. Nossos pais sempre tiveram uma linha meio parecida com esta coisa de colégio que acho que faça o que você quiser independente [*sic!*] do que vai ser – porque a gente já jogou bola, a gente já teve a nossa fase de querer ser jogador de futebol (é mesmo) já eu e o Pente jogou no Corinthians.

M: Claro (você corinthiana)

R: Eu sou palmeirense, somos corinthianos, é...

M: Que porco triste você...

R: eu não entendo, eu não entendo que até quando eu entro na discussão de futebol, ele sempre me dá uma lavada e eu não entendo de nada, você fica com seu time, eu com o meu.

M: Mas, vocês já quiseram ser outra coisa na vida, já deu vontade de ser alguma outra coisa?

R: Jogador de futebol, acho que durou 1 ano ou 2 anos, a gente jogava assim, brincava, mas, ainda bem que veio um violão na nossa vida tipo porque o futebol não era a coisa mais forte.

M: Mas, a profissionalização veio mesmo há mais ou menos dois anos?

R: Com o *Restart*, a gente decidiu montar assim, a gente teve outras bandas, outros tipos de som...

M: Separadamente...

R: Não, juntos.

M: Não, vocês mas com o outro tipo de som, não era esta formação, esta formação ficou definitiva de uns anos para cá?

R: A gente já tocou, *magina*, eu já fui só vocalista, hoje eu sou vocal e toco guitarra, o P. só tocou baixo depois já tocou guitarra, fui baterista, já foi baterista da banda, o bruminhas que é baterista já foi vocalista. Então *magina* de 11 anos hoje a gente está com 18, 19 anos, a gente teve aí 8, 7 anos que a gente sempre teve bandas que sempre gostou assim, de tocar então já experimentamos de tudo na música assim de um querer tocar bateria e outro achar melhor vocalista que o outro, então.

M: Vocês são preparados assim para mudar de instrumento. Vocês cursaram alguma coisa em música para chegar aí ou não?

R: Estudamos e a gente teve uma base sim, isto é sempre bom para todo mundo que quer aprender alguma coisa, estudar e querer se aprimorar nisto assim como alguém faz uma faculdade, ou faz qualquer coisa, a gente foi aprender música inclusive estudaram em conservatório... Tem gente que estudou na ULM que é a Universidade Livre de Música, que é aqui de São Paulo, que é uma das melhores que também é uma faculdade assim, não vale como diploma, mas funciona como uma faculdade, você tem que passar em um vestibular, a gente estudou lá dos 13 aos 17 anos, uma coisa assim, e aí estudava música popular, a gente fazia guitarra popular, então nem tinha a ver com o *rock* que assim a gente tocava male male quando tocava *blues, jazz* que era o máximo que a galera lá deixava assim próximo do *rock in roll* [*sic!*] (M: que já é uma maravilha!) Se tinha que tocar bossa, samba...

M: Quer dizer que se eu .. supondo que eu tivesse uma guitarra aqui eu ia pedir para você fazer, ou dar, uma levada de *jazz*, de *blues* você consegue?

R: Ah! Podia tentar né. (é mesmo hm) Bom, mas vou confessar que eu estou enferrujado, com a banda a gente acabou, eu não tenho mais tempo de, infelizmente, de aperfeiçoar a gente está querendo até quando dar uma desafogada da agenda de *shows*, de tudo, voltar, porque acho que é importante.

M: Vocês estão fazendo por média quantos *shows* por mês, por semana, por ano, como é que é?

R: Por semana, são 4 ou 5 *shows*, numa média de 20 *shows* a 25 por mês. Agora né.

M: Ohhhhhhh! Vocês tinham ideia?

R: Não, principalmente em dois anos assim a gente sempre acreditou, pô a gente pode chegar, acho que quem sonha

M: Sempre acreditou a partir de quando?

R: A partir, a gente sempre...

M: Da formação... do quarteto, da banda, vocês são 4 não é isto?

R: Isto..

M: Então a partir desta formação é que vocês passaram a acreditar agora aqui tem ou não?

R: Bom, destes dois anos para cá a gente viu que a gente poderia chegar longe assim, mesmo porque quando a gente gravou as músicas assim a gente gravou 4 ou 5 músicas há dois anos atrás e lançou na internet e pô a gente não tinha ninguém né, não tinha gravadora não tinha produtor não tinha empresário nada. A gente falou, cara somos nós 4 então, o que que a gente tem que fazer, a gente tem que divulgar, entregar *flyer* na porta de colégio, de passar no boca a boca, e em uma semana, coisa de 1 ou 2 semanas, a gente foi ao *myspace*, que é uma rede social na internet mais ouvido no Brasil, e acabou entrando no *ranking* do *myspace* dos mais ouvidos no mundo então a gente começou a falar pô se a gente quiser se a gente sonha a gente pode realizar este sonho sabe. A gente começou a partir da gente, a gente começando a divulgar estas coisas e por causa da internet chamamos atenção dos nossos empresários e tudo mais a gente falou pô isto pode dar certo. E por sempre acreditar na nossa

música, no nosso trabalho, no que a gente faz, fazer com muita sinceridade, com muita verdade, acabou a gente, acabou conquistando uma galera assim que são nossos fãs, isto acabou se multiplicando e a partir disto a gente começou a ver que era realidade, sabe, que este sonho tinha se tornado realidade .

M: Eu li uma... não vou lembrar o número... qual é o número de acessos que vocês tiveram, foi no MSN, ou hoje no *youtube* também?

R: No *youtube*, também.

M: Vocês também tiveram acesso ao número.

R: No *youtube* uma média de 30 milhões, e no *myspace* uma média de hoje em dia de 5 milhões de acessos que é muito porque esta rede não é uma rede muito abrangente aqui no Brasil (é!) Lá fora do Brasil é as bandas usam muito, mas aqui não é e o nosso *youtube* está entre os do *ranking* assim acho que 60 dos mais assistidos, dos vídeos mais assistidos no mundo.

M: Se já ficaram metidos ou ainda não?

R: Não.

M: Mas, nem teve tempo para isto também.

R: A internet ela é um pouco vaga assim sabe, acho que estes números eles são bacanas, mas, não adianta você só ter o número lá no *myspace*, ou só o número no *youtube* acho que vale é você ter a galera física que te acompanha que gosta de você isto.

M: Então, peraí que eu vou fazer um intervalo e eu estou conversando com o *Restart*, as meninas morrendo de inveja de mim, primeiro bloco acabou, daqui a pouco a gente volta. Tchau.

M: De volta com o segundo bloco, de frente com a banda, ou melhor com a metade da banda *Restart* que precisa voltar logo porque vacilou aqui eles colam, você estava colando até...

R: É muita emoção né ... ela foi passando aqui e eu... – Preparando as respostas.

M: *Restart* que é um recomeço que não é o caso de vocês mas também é uma das teclas mais acionadas por internautas porque o nome da banda *Restart*?

R: Veio num momento que era um momento de recomeço para a gente (ah é!) Assim como a gente tava falando das bandas anteriores desde o tempo que a gente toca a gente falou a gente tá fazendo uma coisa assim muito igual ou uma coisa parecida com o que estava rolando aqui. A gente tinha ideias de fazer um som novo de misturar muitas coisas num som que a gente curtisse e fosse a nossa cara assim, que é como a gente estava falando que criou o "happy rock". A gente falou pô vamos mudar de nome né. A gente já teve outros nomes de bandas, aí a gente estava jogando *videogame.*

M: Quais eram os outros nomes?

R: Já teve, a gente gosta muito de *Oesys*, e teve um nome da nossa banda era o nome de um disco do *Oesys* chamava *Morning Glory*, o nome de uma música, o disco chamava *What´s history Morning Glory?* – então a gente ficou assim, já teve *C4,* a gente já teve muitas bandas...

M: C4 porque...

R: Porque éramos 4 e o C a gente não lembra. Na verdade o *C4* era uma brincadeira a gente tipo quanto tava decidindo a gente pegou toda a galera da TV dos programas que a gente achava legal e só, quatro a cinco anos atrás, a gente imaginava todo mundo, provavelmente você passou neste na nossa cabeça, como será Marília Gabrela falando, como ela vai falar C4 daí a gente parava e tentava pensar né C4 é legal, não vamos tentar outro, aí a gente ia tentando até achar um nome legal.

M: Vocês tiveram, um primeiro *show*, vocês tiveram esta emoção ou quem nasce na internet como sucesso perde um pouco dessa praia do primeiro *show*?

R: Internet é muito fácil para todo mundo acho que para você divulgar para você mostrar o seu trabalho, mas, nada que vive na internet tem vida eterna ou vai ser forte ali na internet mas, não quer dizer que vai bombar num *show* ou vai fazer coisas assim, a gente fez nosso primeiro *show* há dois anos atrás, foi em agosto acho que dia 26 de agosto mais ou menos.

M: Onde?

R: Foi na *Pride House* que era Arena Henrique Schaumman, hoje em dia é uma balada chamada *Four You*, alguma coisa assim.

M: Henrique Schaumann para quem não sabe é uma avenida aqui em São Paulo, cheia de bares tal, em final de semana, super badalada.

R: Exatamente. A gente tocou lá e lembro que a gente só tinha divulgação pela internet e mostrava para os amigos, só, pô ajuda a gente, assim né, vai divulgando, aparece no *show* e tal, eu lembro que a gente nesta época vendia ingresso que era um esquema assim, que era um esquema assim muito forte para as galeras das bandas que está começando, vende ingresso e era na gringa rola muito né que é o *pay to play*, a gente pagava para tocar para a galera, então com o dinheiro dos ingressos, era o dinheiro que a gente tinha para mostrar nosso som, e lembro que tinha no primeiro *show* do *Restart* assim 700 pessoas fora daquela galera que a gente vendeu o ingresso, isto que a gente ficou muito feliz, a gente tinha fãs, no nosso primeiro *show*, no primeiro encontro com o público, e a gente nunca imaginava assim foi muito legal primeiro *show*, no dia aconteceu alguns desastres....

M: Tipo...

R: A gente tava entrando no palco, assim e aí a gente usa um computador como "super" né para disparar as trilhas que a gente mistura muita música eletrônica, muitas coisas assim no nosso som, e aí a gente falô para o Koba, nosso guitarrista que ele é meio desastrado (meio muito!) entrar no palco, Tomas é o primeiro porque ele é o baterista, Koba pelo amor de Deus o computador está aqui do lado, entra com cuidado, para desviar para não esbarrar para a gente entrar no palco, para dar tudo certinho. Vale a pena ilustrar né que era um palco que devia ter o tamanho de duas mesas dessas fora a bateria, nós três, mais, o computador. (uma coisa pentil né *[sic]*) e ele simplesmente deu uma bica no computador, (e!) isso na primeira música, eh na primeira música, na entrada, na introdução do *show*, o único detalhe é que a gente estava com um esquema assim muito montado, muito "rudson", que era que o computador só funcionava com a fonte ligada, que era um computador meio muito antigo assim, e ele estava com a bateria muito.

M: Só uma coisa vocês nasceram já com o computador como se fosse mais um eletrodoméstico em casa, é isto? Vocês já são de uma geração que o computador já é parte da paisagem é isto ou não?

R: Meu pai trabalha com *software* e gestão empresarial estas coisas e eu lembro que a primeira vez que eu vi um computador na minha vida, eu lembro né ele que diz, foi quando

eu tinha 3 anos eu comecei a brincar de *pinball*, ele me mostrou um joguinho, me ensinava e eu ficava brincando (que absurdo!) O meu primeiro foi mais velho, foi um pouco mais velho, mas, foi uma coisa assim, acho que com 6 ou 7 anos eu ganhei meu primeiro computador (e já tava lá!) que era uma máquina, era laranja, era meio feito para criança, era uma coisa meio infantil assim...

M: Foram aqueles modelos da Apple..

R: Isto (que dava vontade de lamber!) Isso, o meu era laranja ou verde, mas eu lembro que para mim aquilo lá era uma nave (uma nave espacial!) que era gigante que para mim, pequenininho, era muito grande.

M: Ai, desculpe, voltando ele deu um um..

R: Ele deu uma bicuda no computador, destruiu, caiu tudo, aí, parou eu lembro que era uma trilha eletrônica, parou na hora a gente, galera culpa do Koba mas, vamos continuar, vamos fazer um *show* aqui, alegre e animado, mas deu tudo certo, inclusive o *show* foi...

M: Koba é quem transa.. Vocês têm uma linha, vocês são tão sucesso precoce, que vocês já têm uma linha de roupa etc aliás estou de olho no teu relógio...

R: Você gostou do meu relógio (uma barbaridade!) uma novidade este, começou a ser vendido ontem, este eu acho que ninguém tem ainda, também é de primeira mão.

M: É desenho de vocês também...

R: Não, esse é junto com a galera da *Touch* que desenvolveram os relógios, mas é em cima do lance do colorido. Esse aqui se você quiser é seu... (Não faz assim comigo!) É modelo, deixa eu te mostrar aqui, o legal dele, é porque tem esta coisa da brincadeira com aquelas fitinhas que você prende, coisa de criança, né, coisa de criança, né, a gente é meio criação...

M: Não mais é barbará, mas depois você me dá, adorei adorei, lindo demais...

E tem todas as cores?

R: É que a gente gosta um pouquinho de cor né.

M: Que bom, que bom.

R: Porque saiu um pouco do *rock* o pretume do *rock* que tinha muito isto... O Brasil é um país colorido, é que as pessoas às vezes esquecem um pouco disto, na verdade, mas vivemos num país que tem a coisa das cores da mistura, tudo e tal, então não deveria ser tão chocante a gente ser colorido.

M: Não, ainda mais em uma juventudíssima... e o Koba desenha coisas para vocês?

R: Sim, a gente tem umas ideias assim, e várias ideias como a gente falou, de relógios de imãs de geladeira, e mesmo das camisetas, a gente tem umas ideias assim que meio que quebraram a barreira que tinha com... Estas não, estas não, mas são coisas muito parecidas com essas, essas camisetas são camisetas que a gente traz de, mesmo esta marca é de um vocalista de uma banda lá da Inglaterra então a gente tem.

M: Não é *jobtese*, a marca é *joptese*...

R: É a gente tem umas ideias assim que as estampas das bandas lá dos EUA nestes países, são coisas que não tem necessariamente o nome da banda grande assim, são estampas com frases e desenhos muito legais, e o nome da banda é como se fosse realmente o nome da marca, assim às vezes uma etiqueta, uma coisa assim.

M: Uma curiosidade, os fãs de vocês já estão usando os cabelos que vocês usam ou não?

R: É legal que eles usam não só os cabelos, mas, acho que as calças coloridas, (ah é!) é uma coisa que marcou mais, então você vai no nosso *show* às vezes até a mãe vai levar a filha porque é pequena, 12 anos, 13 anos, a mãe vai junto, a mãe põe a calça colorida ou faz o pai colocar um óculos, colocar o cabelo para cima.

M: Mas, isto daí não é cabelo feito em casa não né.

R: Sim.

M: .. não mente isto tem um corte profissional

R: Claro a gente tem o apoio do nosso cabeleireiro:

M: Vocês têm um cabeleireiro que anda com vocês.

R: Não, ele não anda com a gente, é o Show Araújo manda um beijo para ele, que é um cara que está com a gente desde o primeiro pezinho que a gente gravou com 4 músicas

apresentaram ele para a gente, a gente tinha feito dois *shows,* e ele gostou para caramba da gente, falou pô vou acompanhar vocês se der certo deu, se não der pelo menos pelo prazer de estar com vocês.

M: e deu....

R: Graças a Deus deu. E é ele que dá estas modelagens, mas a maior parte do tempo a gente faz sozinho né porque ele não pode estar com a gente.

M: Eu pensei que fosse cabelo duro e não é né.

R: Não, o nosso cabelo é... porque ele fica assim por causa do corte mesmo a gente colocar um secador assim.

M: O seu corte tem uma navalha tem.

R: Tem sim uma navalha sim, é a gente tem umas ideias muito estranhas...

M: E ele falou assim a mãe vai vestindo as fãs são basicamente mulheres?

R: A maior parte.

M: Bom as meninas são de que faixa etária?

R: De 09 até uns 18, 19 anos. Mas, a maioria.

M: Vocês saem com as fãs?

R: Não saímos com as fãs assim até porque a gente sempre diz que a gente não vê problema de acontecer por acaso se eu me apaixonar porque todo mundo às vezes pergunta pô vocês se apaixonariam, vocês ficariam com uma fã. Eu acho que não tem problemas sim porque ela é uma menina como outra qualquer pô eu vou na noite, na balada e conheço uma menina e me apaixono porque não poderia me apaixonar por uma fã, só porque ela gosta do meu trabalho.

M: Não era isto que eu estou perguntando, estou perguntando uma coisa mais "sacana"...

R: Nós somos, nós somos, estamos saindo da nossa adolescência, temos 18 e 19 anos, o nosso lado é querer ir para a balada, de às vezes querer ficar com várias meninas. Mas... tranquilos...

M: Vocês quatro são sexualmente iniciados?

R: Sim, os quatro. Não somos virgens

M: Bom..

R: Sexualmente iniciados é um bom jeito de falar!

M: Gostou! Melhor do que perguntar...

M: Olha aqui quando eu tô perguntando porque eu sei como se dá essa parada quando o pessoal faz sucesso em música, as mulheres são bastante agressivas no *aprouté* né, elas chegam mesmo, e deve acontecer isto com vocês também, agora você tem um complicador, tem muita menor de idade?

R: Exatamente isto, isto a gente até fala para essa galera aí assim tanta coisa acontecendo, tem muita adolescente que se entrega em drogas assim ao mesmo as meninas na música como você mesmo realmente falou que tem esta relação que por ser fã ou por vê a banda que você gosta ou o menino que você que é ídolo, alguma assim, tem essa sensação que pô caramba quero estar com ele, faço de tudo para estar com ele sabe. Mesmo esta galera novinha, a gente diz tudo tem seu tempo tem que fazer tudo com a cabeça no lugar assim, que vai chegar a hora, vai rolar e a gente com esta galera assim a gente tem muita cabeça no lugar, se acontecer da gente sair com uma menina ou mesmo pô, caramba quero pegar aquela menina, quero ficar com ela mais tem que ver tudo certinho tem que ver quantos anos ela tem porque a gente pode se complicar, e ela pode se complicar...

M: E sexo seguro também né.

R: É exatamente. A gente gosta de falar, que acho que é o importante é, não somos virgens, acho que não tem porque a gente adotar este papel de santinho que nem eu falei, porque não somos santinhos, mas a gente gosta de falar para as pessoas que você tem que se dar valor e tem que saber os seus limites sabe então pô as vezes vem uma menina de 13, 12 e 13 anos toda ah, atirada, oh linda calma quantos anos você tem, 13 anos, você acha que tem idade para agir desta forma.

M: Vou fazer outra pergunta, uma menina de 12, 13 anos provavelmente pode ter uma mãe de até 20 e poucos anos, ah 30 anos. Essas mães se comportam com vocês ou já aconteceram coisas perigosas?

R: Elas costumam se comportar. Acho que pô isto é normal assim mesmo porque (o que é normal) de às vezes uma menina precoce tem um filho, alguma coisa assim, porque eu vejo pelo lado da minha mãe, a minha teve o meu primeiro irmão com 15 anos de idade.

M: Nossa!

R: E daí sabe quando você toma sim consciência, fala caramba, beleza, eu fiz um ato que eu vou ter que é, como se diz, vou ter que responder (pagar né!) pagar pela minha vida inteira e mesmo assim essas meninas que têm suas relações precoces e acabam tendo filho tem que saber que a partir daquele momento ela não é mais uma garota, não é mais uma adolescente, ela tem que se tornar uma mulher.

M: Mas, eu estou perguntando das mães dessas meninas.

R: Algumas mães acabam entrando na energia da filha, das vezes, do entusiasmo, da euforia, do entusiasmo e acabam tendo, mas acho que não é na maldade, a gente nunca passou por uma situação, de repente uma mãe..

M: Vocês nunca foram cantados...

R: Não não, por uma mãe acho que não. Mas, às vezes, tem umas situações de excesso de liberdade também, mas a gente também sabe conversar... Eu fui cantado por uma mãe, mas assim é uma coisa muito engraçada, porque tem horas assim no *show* que a gente está lá, na empolgação, com os sentimentos à flor da pele e pô você está lá na brincadeira, a galera gritando aí às vezes levanta a camisa, faz uma coisa assim, e a mãe chegou no camarim para mim e falou pô sua barriga de tanquinho é linda (ah você falou!) Cara.. estranho daí tipo vai tirar foto passa a mão aqui, passa a mão ali, é uma mãe e você não sabe como conversar porque é aquela situação meio constrangedora, mas é muito normal assim a gente deixa acontecer e também impõe limites né para algumas coisas.

M: Ou não...

R: Ou não.. rs mas, eu não sei

M: Eu não sei, eu só estou conversando aqui..

R: A gente não tem problema isto que o P. está falando no começo, se rolar um clima com uma menina independente se ela é uma fã, se ela é uma fã mãe, se ela é uma fã mais nova, se ela acha que você dá jeito né.

M: Deixa eu perguntar uma coisa, eu achei muito engraçado uma história, vocês têm uma história muito maluca, recente, você deram um cano, ou desmarcaram (puta falta de sacanagem) como é que foi, vocês iam lançar, como é que foi, na FNAC vocês iam ter um lançamento?

R: Na verdade, a história acabou criando uma proporção, era uma tarde de autógrafos de uma revista (ah de uma revista!) Não tinha nada de *show*, e não era lançamento de nada, era uma coisa bem íntima, fazia muito tempo que nós não fazíamos nada para a galera de São Paulo, para ficar perto dos fãs, dar autógrafos, dar beijo, tirar foto, ah vamos fazer uma tarde de autógrafos, legal, era para 300 pessoas na FNAC ali da Avenida Paulista, não sei se você conhece lá, é grande mas não é gigante, imenso, 300 pessoas ainda assim entrar de 10 em 10, 20 em 20, tudo bem. Quando a gente estava saindo da nossa casa, ligaram para gente e falaram então, eu acho melhor vocês não virem, porque tem, a polícia falou que tinha 2.500 a 3.000 pessoas na porta da livraria, não conseguiram dar pulseira para ninguém, quem pegou pulseira está saindo na mão com o outro, a polícia está aqui desesperada porque ela fica na beira da Avenida Paulista, e ela tipo 18h00 – 19h00 da noite, então horário de pico, moto, carro, e um monte de criança, um monte de gente muito nova, e acabou virando um episódio é, acho que foi a Folha que fez um vídeo, não sei se foi a Folha ou a UOL, que a menina estava nervosa, estava cansada, eu não sei e falou putz, que isto é uma puta falta de sacanagem, "Puxa eu acho uma puta falta de sacanagem, estou sem comer, sem dormir". Vou te falar que a gente não achou, a gente viu o vídeo assim as primeiras vezes não achamos grande graça nisto (M: é muito engraçado!) As pessoas depois deram um valor para isso e foi bacana até o momento em que (M: é uma puta falta de sacanagem RS!) é o oposto do que ela queria dizer, ela misturou uma sacanagem imensa com uma puta falta de respeito, daí virou uma coisa estranha. Mas acho que não foi legal e isto até o momento que a piada é legal quando está todo mundo rindo, acho que eu contar uma piada sobre você e vocês, sobre nós, e a gente ri é gostoso, mas eu tirar um sarro de você já não vai ser legal, imagina, a menina tinha 14 anos, ela teve que sair do colégio.

M: Chegou a este ponto!

R: Chegou, as nossas fãs começaram a ficar nervosas e iam nos programas e tacavam milho nela ou ovo. Mesmo porque como virou uma coisa assim nacionalmente conhecida é a menina saía na rua assim as pessoas conheciam ela e tacavam coisas sabe ou às vezes faziam

piadas não tão amigáveis assim, a menina começou a sofrer um *bullying* pesado, inclusive ela foi num *show* nosso uma vez, levamos ela no palco, pô galera, esta menina aqui ela é uma menina como qualquer uma de vocês, ou como qualquer um de vocês, que poderia em um momento de tristeza, estava na aflição ali, pô quero ver meu ídolo, e ele não veio por "n" motivos, entendeu e ela ficou triste, às vezes como ela disse no vídeo, estava sem comer ou sem dormir ali, falou uma besteira que acabou... Quem nunca falou uma besteira. (M: Mas, esta frase...) É esta foi a besteira...

M: Eu sinto dizer isto para ela, mas, eu acho melhor ela começar a assinar e dizer oh a autoria é minha e começar a se divertir. Não porque é uma frase genial.

R: Uma puta falta de sacanagem.

M: Uma puta falta de sacanagem.

R: Você tem que começar a usar Gabriela.

M: ... Mas é uma puta falta de sacanagem... Vem cá vocês seriam considerados *nerds* em alguma situação?

R: Acho que só no visual. As pessoas nos olham na rua falam nossa parece um *nerd* com estes óculos grandes. A gente ia bem no colégio, não éramos estudiosos, os *nerds*, mas a gente sempre manteve uma nota, exatamente para passar uma relação com...

M: Os *nerds* são bichos de internet também foi...

R: De *videogame*..

M: Vocês também são... de *videogame*.

R: Sim, mas acho que pô um *nerd* assim, porque nunca teve um significado certo de um *nerd,* acho que a galera fala mais dos *nerds* lá nos EUA que são mesmos os meninos que ficam tipo o dia inteiro estudando, coisas assim ou aprendendo coisas novas, sobre assuntos que às vezes nem sempre são para a idade deles, mas eles querem aprender para poder conversar assim então a gente nunca foi muito disto, a gente estudava, tinha as nossas notas regulares mas, se *nerd* for é menino ficcionado assim por tecnologia e coisas assim com certeza somos *nerds* porque a gente adora tudo que é tecnologia, videogame, celulares, programas novos que a gente aprende a mexer, quanto a isto sim, mas, a gente sempre estudou para ...

M: Vou traduzir... São meio *nerds.*

R: Mais ou menos *nerds*...

M: Estamos terminando mais um bloco de frente com o *Restart.* Voltamos para falar. Até já.

M: Vocês colam, os meninos do *Restart* colam. Vocês não vão mais à escola né?

R: Não.

M: Eu já ia dizer isto, colam. Ficam aqui tentando olhar minhas fichas de ponta cabeça um vexame. De volta para o terceiro bloco de frente com esta novidade musical chamada RESTART. Vamos lá, outro episódio polêmico, agora mesmo nós acabamos com aquela história da "uma puta falta de sacanagem" que vocês disseram que a menina sofreu um *bullying*, aliás eu acho que isto podia ser um norte para vocês, podia ser uma causa porque o *bullying* é um assunto tão sério tão sério e agora que no Brasil que ele começa a ser vamos dizer exposto, noticiado, vocês com o poder de mídia que vocês tem, a influência junto aos fãs, vocês podiam ajudar nisto.

R: É uma grande ideia, a gente fez alguns vídeos até ligados até algumas revistas e tal, desta galera, que mexe com a galera *teen*, falando, e sempre que a gente, a nossa mensagem acho que como banda tem muito a ver é contra o *bullying* que o "seja você mesmo" e dentro de ser você mesmo, aceitar o próximo, como ele é. Acho que é o principal combate que você tem que pensar, aceitar as diferenças das pessoas.

M: Bom, por falar em aceitar as diferenças, um outro episódio polêmico foi a premiação do VMB, Vídeo Music Brasil, da MTV. Vocês levaram vários prêmios entre eles melhor banda de 2010, acabaram sendo parcialmente vaiados e o que se disse na época, foi que subiu um enorme ciúme da plateia porque "algumas bandas já consagradas não haviam sido premiadas". Como é que vocês interpretam esta história? Vocês chegaram a conversar com os outros artistas sobre isto ou não?

R: Claro, uma coisa do VMB assim, foi muito legal para a gente foi que a gente pode conhecer assim muitos artistas que inspiraram a gente...

M: Por exemplo...

R: A gente é fã. Pô hoje em dia a gente é muito amigo dos meninos do *NX Zero*, que na época que a gente montou uma banda a gente via e falava pô quero ser assim cara... também (no *show*). Mesmo o SKANK que os caras elogiaram a gente para caramba, isto a gente ficou muito feliz porque na época como rolou este boato, eles falaram pô, é uma geração nova que veio para ficar, tem um talento sabe, tem um conteúdo para mostrar. A gente falou com os caras do JQUEST, muitas destas bandas assim que foram são muito fortes, representam muito para a gente. Eu acho que nesta premiação assim, uma coisa que às vezes o Brasil meio que confunde que é a liberdade de expressão com falta de respeito, sabe... E é uma premiação que está reunindo os melhores artistas do ano ali, e não chega a ser uma competição, isto é uma coisa que a gente sempre frisa assim sempre fala pô, tinha que estar todo mundo junto curtindo ali independente [*sic!*] de quem ganhasse sabe. E quando se tem fãs ali, tinham muitos fãs, tinha muitos fãs de artistas diferentes assim, assim como tinham fãs de RESTART, tinham fãs de JOTA QUEST, da PIT, de vários outros artistas e quando se é fã, e gostam muito de uma coisa até a primeira sensação é falar pô, queria que meu artista ganhasse (meio que torcida organizada!) e comecem a vaiar. Mas, acho que o Brasil devia começar a pensar melhor, devia respeitar melhor algumas coisas porque mesmo que tem estas premiações em outros países, mesmo que outro artista ganhe de outro gênero, de gêneros diferentes eles respeitam.

M: Eu quero fazer uma pergunta delicada, quase mas exige de vocês uma honestidade profunda. É vocês acham que vocês já estavam prontos para isso, vocês, eu estou perguntando quando vocês receberam esse prêmio vocês falaram é isso mesmo, a gente merece ou ainda tem muito chão pela frente?

R: Sabe uma coisa dessas premiações, elas acontecem por voto popular, então a galera (por voto).

M: Por isto eu estou perguntando de vocês...

R: Então, eu acho que a gente chegar aqui e falar eu merecia ganhar o artista do ano frente a um SKANK ou a um NXZERO e a uma PIT que são pessoas que tem uma carreira muito mais sólida, de muito mais estrada, eu seria totalmente é insano.

M: Você sabe que eu não tenho nada contra, eu acho que quando tem valor, mas... tá na época boa, é isso ai..

R: Mas, eu acho que em 2010, isto foi ano que pô a gente merecia com certeza estar lá...

M: Então pronto...

R: Porque eu acho que você estar no VMB era uma coisa que a gente mereceu as indicações a gente mereceu, pelo tanto que a gente trabalhou nestes dois anos, de tanto que a gente merece de estar fazendo as coisas que a gente faz. Mas a gente nunca encarou, e a gente nunca encara, isto sendo sincero, uma competição, então a gente não estava lá brigando com o JOTA QUEST, e nem eles estavam brigando com a gente. Até que quando a gente foi receber um prêmio, eu me equivoquei assim que foi o prêmio do hit do ano, acabei me equivocando na maneira que eu queria me expressar, a galera começou a vaiar e tudo mais, pô, acho que a gente nem merecia este prêmio, mas, eu quis dizer que tantos artistas legais concorrendo todo mundo merecia ali sabe.

M: Você não queria dizer que vocês na comparação.. Então por isso que eu estou perguntando que vocês se sentiam preparados ou não.

R: Uma coisa muito legal assim é que a gente foi não confiante assim, mas, que nossos fãs, estavam fazendo um trabalho muito legal com a gente, então, a gente falou pô se a gente ganhar que legal assim e uma coisa muito legal foi que a mídia falou pô os moleques estão preparados para iniciar uma carreira porque a gente soube lidar muito bem assim com as críticas e com as pedras que a gente teve no nosso caminho assim. No prêmio que a gente ganhou de artista do ano, foi aquela assim como você falou, a vaia assim tomou conta do local, e a gente soube lidar bem assim com isto, mesmo porque eu falei pô brigado todo mundo que vaiou porque realmente quando uma pessoa que não gosta do seu trabalho, uma pessoa vaia ou fala pô você não está preparado, você quer mostrar para ela que você está sim preparado com três vezes mais de estímulo.

M: É um estímulo....

R: Sendo mais escrachado... Eu acho que o *rock in roll* [*sic!*] sempre teve esta coisa do amor extremo e do ódio extremo então tem um pouco de frio na barriga essa coisa de você ser, e saber que tem uma galera que não gosta de você e que fala mal, e do outro lado, tem a galera que te ama também, você vive nesta montanha russa porque você nunca vai ser unânime.

M: Isto alimenta...

R: Acho que ser unânime ia ser chato para caramba. Todo mundo gostasse de você.

M: Eu não sei mas eu tenho a impressão que deve ser muito gostoso...

R: Deve ser muito monótono.

M: Mas, eu também não conheço unanimidade entendeu..

R: Acho que ninguém conhece (M: Tem gente que conhece sim!)

M: ... Deve ser muito gostoso, mas, de alguma maneira confortável, e acho que na zona de conforto não se cria muito.

R: Isto nos deu muita motivação assim diante destas vaias ou as pessoas falando que a gente não está preparado assim como a gente disse é um estímulo e a gente fala caramba a gente ganhou 5 prêmios todos os prêmios que a gente estava concorrendo, mas tem uma galera que não gosta, então, nós não somos a maior banda do Brasil (a gente tem ainda que fazer alguma coisa!) a gente não ganhou tudo.

M: Mas vocês querem ser, vão ser?

R: A gente quer ser, se a gente vai ser é um sonho nosso que a gente vai batalhar também.

M: Bom trabalhando do jeito que vocês estão, vocês têm tempo para criar ainda ou não?

R: A gente, que componho a maioria das músicas sou eu e o Koba, então vou confessar que estamos passando por um momento até que meio, a gente estava começando a reclamar por falta de tempo para poder trabalhar a coisa. Porque o primeiro CD a gente compôs em uma semana, a gente parou uma semana há dois anos atrás a gente tinha este tempo então a gente parou uma semana, vamos fazer isto aí eu me internei na casa deles, ele internou na minha, a gente fez tudo e depois a gente se juntou com os meninos, passamos mais 15 dias montando os arranjos e agora a gente não tem, então, a gente está reaprendendo nosso modo é de compor, então agora a gente tem 5 minutos entre o almoço eu ligo para ele falo, preciso dormir, não hoje não vai dormir, vai fazer o *show* com sono, porque a gente precisa trabalhar cara, a gente precisa criar, porque se você para você chega nesta zona de conforto que mesmo não sendo unânime é fácil, ah beleza, ganhei 5 prêmios, já fizemos um

monte de programa, já estamos tocando na rádio, beleza, chega e na hora que você fala este chega aqui é o começo da ladeira.

M: Qual foi a maior plateia que vocês já juntaram?

R: 60.000 pessoas.

M: Uh, onde?

R: Que não é também uma plateia só nossa assim, estes festivais têm muito rodeio e muita exposição de bois de não sei da onde...

M: Vocês estão fazendo...

R: Isto é uma coisa muito legal porque é uma mensagem nossa assim, porque a gente gosta de quebrar preconceito de qualquer gênero musical, como a gente já mistura muita coisa dentro do nosso som, é muito legal a gente poder entrar nestas festas e coisas assim e mesmo de coisas regionais como sertanejo ou estes festivais grandes que misturam desde pagode até *rock*, vai de música popular até *reagge*, então para a gente é muito bom estar nestes festivais assim. A gente tocou uma vez na Festa de Peão de Americana, tinha 60.000 pessoas, foi este ano assim.

M: E foi bom...

R: Ah galera aceitou legal para caramba, não eram as 60.000 pessoas que conheciam nosso trabalho, e que cantavam a nossa música...

M: Mas, gostaram?

R: Sim, e a galerinha que estava ali fez as outras pessoas se emocionarem, e começarem a ir atrás e a gostar do nosso trabalho.

M: Quem é que você ouve?

R: Eu gosto para caramba assim de *Gun´s Roses*, que é uma banda que eu conheci o Koba, o nosso guitarrista, por causa de *Gun´s Roses*, e desde pequeno assim, meu pai me mostrava e eu aprendia a tocar um violão ou estas coisas porque eu via o Slash, eu via os guitarristas, vou colocar a mão igual à dele, para ver se sai o mesmo som. E saía o mesmo som e eu falava pô eu acho que eu posso aprender assim e começava a me inspirar nestes

caras então me inspiro muito no *hard-rock*, AEROSMIDT, LED ZEPELLIN, também que é um pouco mais antigo.

M: Sim, eu conheço, acho que me lembro... Você ouve quem?

R: Eu gosto de tudo que ele falou, tem uma cara da atualidade que gosto de falar, que é o John Mayer, que é um guitarrista,

M: Sei quem é, aquele que namora mais do que trabalha?

R: É. Mas ele tem um CD que é o jeito como ele inventa afinações, então é diferente, gosto do Dimi Randreckis, como guitarrista, os *Beatles*, gosto muito por causa da minha mãe, foi no *show* do Paul McCartney com a minha mãe, foi um dos dias mais emocionantes da minha vida, com minha mãe assim.

M: Agora, nesta última vez que ele veio?

R: É, e a gente foi lá na pistona, eu e minha mãe, curtimos para caramba...

M: Eu entrevistei ele há anos atrás. Diga uma coisa em 2011 vocês vão fazer um filme?

R: Vamos.

M: Vocês já fizeram um pouco, já fizeram um ensaio disso né fazendo um documentário para a televisão do trabalho de vocês.

R: A gente trabalhou junto com a MTV assim, a MTV ficou com a gente uma semana, que foi um projeto deles que chama Família MTV. A gente acabou criando Família RESTART, por causa dos nossos fãs assim, acabou criando família RESTART, este projetinho da MTV assim, mas foi um curto espaço de tempo assim, eles ficaram com a gente coisa de uma semana, mas deu para a gente aprender assim a ter um documentário, mas o nosso filme vai envolver muitas coisas assim.

M: Vocês que vão produzir e dirigir?

R: A gente junto com a galera da Paranoide, o diretor é o Heitor Dália (M: Ah vocês vão fazer um filme com o Dália! Muito bom!) que é um super diretor, e o mais legal é que ele tem, bateu o santo assim, a gente foi sentar todo mundo toda a equipe da paranoide, então

estamos super empolgados e o nosso CD novo RESTART BY DAY, chama isto porque ele vem com um minidocumentário dentro.

M: Deste da MTV...

R: Não, um que a gente fez, a gente tem um pequeno, minisseriado porque eram vídeos de coisas de 5 minutos assim que a gente gravava, o Koba adora fotografia, estas coisas e ele levava uma câmera dele e a gente ia filmando tudo o que a gente fazia, desde imprensa, coisas de programa de TV, hoje ele não está aqui né para filmar a gente, mas está em casa vendo.

M: Fala alguma coisa boa do Thomazinho...

R: O Thomas ele é um menino mais palhaço que eu conheço, ele diverte a gente para caramba, e um menino muito divertido, e como músico é...

M: Eu vou voltar para fazer o bate-bola e jogo rápido, mas eu vou concluir que vocês já estão ficando, vocês já estão ricos né.

R: Não.

M: Vacilou para responder, demorou...

R: Eu parei para pensar. Então estamos ganhando dinheiro, não tem porque falar que não, mas ainda não estamos ricos.

M: Ainda não compraram avião.

R: Não, estamos longe. Vai de ônibus meninos, mais de 16 horas viajando.

M: Mas o ônibus é de vocês?

R: Não é um ônibus nosso que tem adesivo assim, é alugado, é um ônibus alugado, mas só a gente viaja naquele ônibus, a gente tem muito o que trabalhar né.

M: Mas, já é um avanço.

R: A gente está ganhando dinheiro, eu acho que o importante, ficar rico é importante também, mas o mais importante é ajudar seu pai, sua mãe, ganhar um dinheiro para ir para a balada, comprar as coisinhas isto. O rock in roll [*sic!*] isto é mais difícil, a gente tem que ralar um pouquinho mais, e se Deus quiser a gente chega lá.

M: Então peraí nós estamos terminando o terceiro bloco de frente com a Banda RESTART.

M: De frente com a banda RESTART, vamos lá bate-bola e jogo rápido:

AMIZADE – RESTART.

INTERNET – TUDO

DROGAS – NÃO

MÚSICA – VIDA

DESEJO – FAMA NO MUNDO INTEIRO

SONHO – RESTART

MEDO – DECEPCIONAR OS FÃS

SUCESSO – FAZER O QUE GOSTA

DINHEIRO – CONSEQUÊNCIA

BRASIL – EU AMO

RESTART POR RESTART – É NÓS MESMOS ESTAREMOS SEMPRE AQUI, VÃO TER QUE NOS ENGOLIR COMO DIZ O ZAGALO

M: Com a sua primeira grana o que você comprou e foi para quem?

R: Foi um celular que tinha mais a ver com a banda que era para estar conectado na internet para falar com a galera. O outro, um computador.

M: Eles são *nerds*... Totalmente agora Vocês são o máximo parabéns e cuidado com o meu relógio, eu quero as outras cores tá.

R: A gente vai mandar para você e a gente também vai mandar outras coisas, bolsas, camisetas etc.

Entrevista da Banda EVO 84 com o P. Antonio Ramos do Prado.

Toninho: Pesquisando, a gente percebe que há tantos preconceitos com relação a isso e a defesa da tese é justamente para apresentar o contrário, a identidade, a beleza que tem a cultura *Emo.*

Hevo: Entendi.

T: Então, é, as perguntas seriam um pouco assim. A primeira pergunta seria: qual a relação da cultura *Emo* com vocês, como vocês encaram, como é que vocês vivem a cultura *emo* no grupo...

H: A gente começou a banda numa época em que estava evidenciado esse lance do *rock* mais *pop* com essa linguagem mais sentimental assim, é, as bandas dos anos 80: Barão Vermelho, tal...todas elas falavam de amor e tal, mas falavam de uma maneira mais poética assim, eles não indagavam, às vezes, na letra aquele lance de, tá ligado, de colocar na frase aquele lance do sentimento, assim, que era uma parada mais, de uma certa forma, mais imatura de se pensar de falar de amor assim, então acho que era temporal o que agente fazia e deu certo, foi uma, a gente começou a fazer nossas músicas, e inclusive a nossa primeira música de trabalho que deu certo era uma música chamada "Passos Escuros" né, que foi uma música que a gente fez quando a gente resolveu largar tudo pra poder viver de música, tipo então, é uma música que fala sobre, é uma mensagem, tipo, pra você largar tudo, acreditar no teu sonho e de você seguir com ele, e o nosso foi viver de música, foi por amor a música então eu acho isso bacana, tipo essa relação da Hevo com esse lance *emo* porque é uma parada que vem do coração, uma parada que exige *felling* toda vez que você pisa num lance mais sentimental, você é exigido um *felling*, todo um lance pra você falar de amor, então eu acho legal a gente ser hoje uma banda assim, que tem a oportunidade de passar uma mensagem boa pra galera, de paz e de amor assim. E o *Emo*, no caso, que a galera fala é uma parada que é tendenciada pela moda, por exemplo, a gente já teve várias bandas, antes, anteriormente é, a galera deve conhecer o The Kur, bandas assim que foram rotuladas como *Emo* também, então toda a geração tem as bandas que a galera fala: ah essa daqui é *emo*, essa aqui não é, essa aqui é mas tal. Hoje em dia a gente tem uma tendência juvenil da galera que é mais colorida e tal, que também não deixa de ser, tipo, os novos *Emos*, e tal, então eu acho legal a gente tá fazendo parte de uma geração que é tudo de bom, assim, e sempre falando de paz e amor assim.

T: É, que mensagem você deixaria para a juventude hoje né, na atual conjuntura da sociedade em que a gente tem aí uma certa discriminação, ou o uso do jovem hoje na sociedade capitalista né.

H: Entendi.

T: E que mensagem você deixaria assim em nome da banda pra essa juventude nossa hoje do mundo contemporâneo?

H: Eu diria sinceramente pras pessoas, pros jovens se desapegarem de algumas coisas assim sabe, e viverem mais pelo lance da...valorizarem muito o lance da família, sabe? Não deixar se levar assim, porque eu vejo que rola em muitos *shows*, tá ligado, os jovens tipo assim, meio que perdidos de certa maneira assim, alguns vão pros *shows* pra beber, é uma fuga assim pra mostar uma certa rebeldia pra família: oh não, *show* do *rock*, vou pro *show* e eu vou pirar a cabeça, vou pegar todo mundo e vou beber. Tipo, não é uma parada legal, assim, tá ligado. Eu só a favor da galera gostar da música, da galera gostar do *emo*, gostar de qualquer moda, do *rock* que seja e a galera gostar da música, gostar da mensagem, eu acho que isso é o principal. Então a mensagem pra galera é curtir na paz, curtir no amor e ser muito consciente que o que você faz hoje né, mais tarde pode voltar pra você, então eu acho que você planta o bem e você colhe o bem, o importante é ser do bem, e música sempre né galera!

T: É está certo, a música é a alma né?

H: E segue o *rock*!

T: E com relação à filosofia de vida, Transcendente, a religião, essas coisas todas...

H: É...

T: Cada um?

H: Eu sempre fui muito apegado a Deus, assim, no sentido de acreditar assim, tipo, você tem que ter, que ser apegado a alguma coisa bacana, alguma coisa bonita, então eu nunca fui de frequentar assim uma determinada Igreja, tal, tipo, minha família é católica, eu uso até um escapulário assim, que eu gosto, adoro, tem um outro símbolo do infinito também que eu acho que, né, é um símbolo forte...

T: Transcende ao materialismo né!

H: Enfim, é, eu gosto muito do lance do... eu simpatizo bastante com o budismo que tem a ver com o bem e com o mal assim, então eu sou desapegado a esse lance da Igreja assim, não sei porque assim, mas eu acho que pela falta de repente, de todo domingo que é um dia de repente de ir pra Igreja a gente estar em uma viagem tocando e fazendo *show*, mas eu acho bacana então, e eu acho que a galera tem que se apegar assim no que acredita. Eu me apego muito com Deus assim, agradeço todos os dias, onde a gente tá, tudo o que a gente conseguiu né, é importantíssimo a gente se sentir responsável por uma geração muito doida, a galera que pensa muito rápido hoje em dia. E a gente passar a mensagem de amor pra todo mundo sempre assim.

T: Muito obrigado! A gente percebe que o site de vocês é muito legal, tenho entrado muito lá, curtindo as músicas e tal...

H: Legal!

T: E tenho falado muito com a galera também das comunidades né, nossas, né, galera que eu tenho contato também da universidade, da beleza da música e dessa harmonia que dá sentido, de fato, pros jovens se sentirem bem, e isso é fundamental. Os adolescentes criarem dentro dessa cultura do bem, da paz né! Acho que isso é fundamental hoje...

H: A música do bem é a melhor coisa que tem né?

T: E eu acho que a música de vocês fala muito do coração né, da fraternidade né, dessa harmonia que deve ter entre as pessoas, entre a sociedade que precisa buscar isso hoje né!

H: Obrigado!

T: Bom, parabéns pelo trabalho e estamos torcendo sempre!

H: Obrigado mesmo, tá!

3. EMOS na internet

Pesquisas – Sites – Mestrado Pe Toninho

Uma pequena amostra de como os EMOs são retratados no mundo virtual e como aparecem na Internet:

http://www.estiloemo.com.br/

Blog sobre a cultura emo com mais destaque a música EMO.

http://www.brasilescola.com/sociologia/emo.htm

Site utilizado para pesquisas escolares, define os EMOS como uma tribo urbana.

http://www.portaldascuriosidades.com/forum/index.php?topic=53821.0

Um fórum aberto de discussões onde jovens conceitua alguns temas.

http://sites.levelupgames.uol.com.br/FORUM/RAGNAROK/forums/t/288156.aspx

Um site de humor que mostra o lado bonito das EMOS que advém do estilo.

http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=269

Um estudo de um grupo de estudantes de Fortaleza, no Ceará, sobre Adolescência, Cultura EMO e Saúde, pelo olhar do adolescente.

http://meurefugio-bf.blogspot.com/2011/07/origem-da-cultura-emo.html

Blog de uma adolescente que expõe suas observações sobre a Tribo Emo existe vários blogs na internet sobre a opinião de adolescentes sobre esta cultura já que o refúgio deles é a internet.

http://culturaemo.pbworks.com/w/page/5839246/Refer%C3%AAncias%20te%C3%B3ricas%20sobre%20Cultura%20EMO

Outro site que defini a partir de conceitos do wilkipedia a cultura emo e conceitua como substrato cultural.

http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=1264

Portal para jovens que também define EMOS como um tribo juvenil.

http://tramavirtual.uol.com.br/artistas/emo.

É uma comunidade brasileira de música, ligada a gravadora Trama que separou uma página para artistas considerados EMOs.

http://www.pucrs.br/mj/subsidios-grupo_jovens-03.php

Uma matéria da Revista Mundo Jovem, uma revista brasileira produzida no Sul do país, com cunho pastora e de ensino religioso escolar. Esta matéria aborda a questão das Tribos Urganas e cita os EMOs em seu conteúdo.

http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=1128

Outra página do site para jovens Spiner, que cita agora uma reflexão sobre Tribos onde motiva o jovem a ler pelo Título "Sua tribo, sua cara" e cita os EMOs como uma destas tribos.

http://pjsjo.vilabol.uol.com.br/t1.htm

Site oficial da Pastoral da Paróquia São José Operário que traz uma matéria sobre Tribos juvenis urbanas onde cita os EMOS também como uma Tribo Juvenil Urbana.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000100012

Um artigo da Revista Brasileira de Ciências Sociais, volume 21, número 60, suplemento 60, edita em fevereiro de 2006 com um artigo de Fraya Frehse sobre "As realidades que as tribos urbanas criam".

http://www.insoonia.com/modismos-e-tribos-urbanas-da-decada/

Um site de humor que retrata a questão das tribos mostrando estilo e moda.

http://veja.abril.com.br/especiais/jovens_2003/p_048.html

Uma reportagem da Veja, Edição Especial, Jovens de julho de 2003, onde a questão das tribos urbanas já era discutida. Com o Título "O jeito de cada tribo" a eequipe de reportagem entrevistou cinco jovens. O interessante é a descrição da Tribo Clubber. Com a vinda nos últimos anos da Tribo EMO, praticamente algumas práticas do Tribo Clubber foi inserida nesta cultura como o esmalte preto, o delineador, a tatuagem, tudo que é ligado ao estilo.

http://www.tribosurbanas.com/2010/11/o-que-sao-tribos-urbanas_02.html

Um blog que fala exclusivamente de Tribos, de todos os tipos de culturas.

http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html

Uma matéria de Rita Loiola para a Revista Galileu onde ela aborda a questão do jovens como a Geração Y, aquela geração ansiosa que não para em emprego, impaciente, preocupada etc, mas, que ao mesmo tempo trás consigo uma preocupação com o futuro, com o meio ambiente etc. Os EMOS entram também nesta caracterização.

http://www.focoemgeracoes.com.br/index.php/afinal-o-que-e-geracao-y/

Mais uma reportagem que avalia a questão da Geração Y, e dos conflitos entre gerações na sociedade.

http://www.spiner.com.br/modules.php?name=tribos

Novamente o portal Spiner com um católogo de tribos juvenis para pesquisa.

http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u86952.shtml

A partir de um fato urbano relacionado a violência a folha aborda as três tribos envolvidas no incidente. Estas tribos abordados – Skinheads, Carecas e Punks – tem um histórico grande de intolerância junto aos EMOs.

http://tribosurbanas0809.blogspot.com/2009/03/emos.html

Blog que carateriza e conceitua EMOs.

http://bibliotecaportaberta.blogspot.com/2009/01/emo-uma-nova-tribo-urbana.html

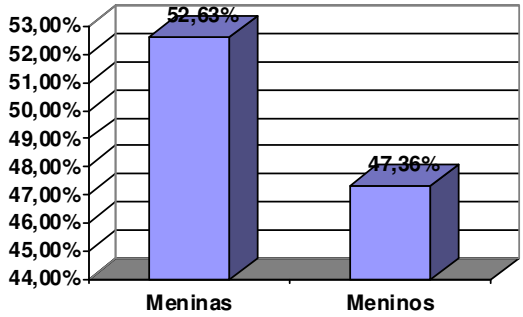
Uma biblioteca aberta da Escola Sec. de Serpa que explica também esta nova tribo urbana.

4. Entrevistas individuais com jovens *EMOs*

Total de entrevistas = *19 jovens entrevistados*

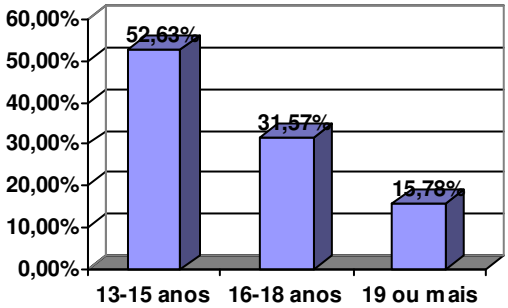
1. Sexo

Meninas	Meninos
52,63%	47,36%
10	09



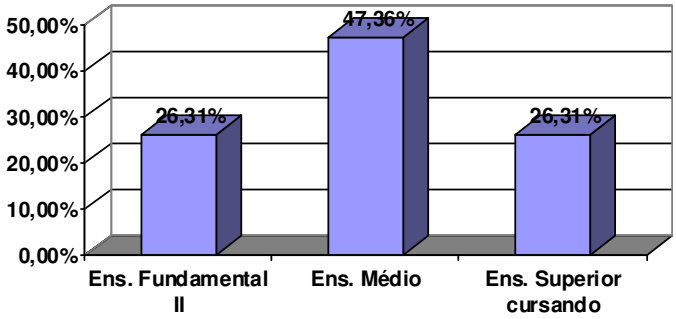
2. Faixa etária

13-15 anos	16-18 anos	19 ou mais
52,63%	31,57%	15,78%
10	6	3



3. Formação Acadêmica

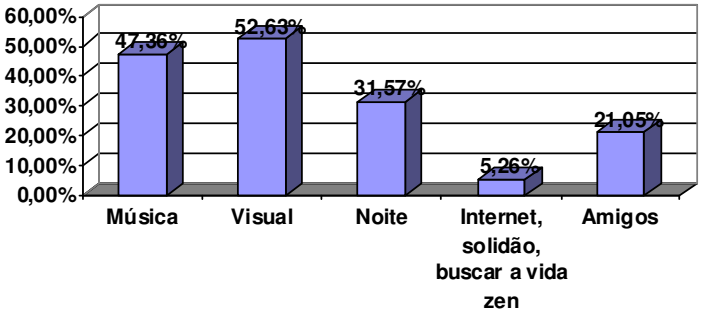
Ens. Fundamental II	Ens. Médio	Ens. Superior cursando
26,31%	**47,36%**	26,31%
5	9	5
8º-9º	1º-2º-3º anos	1º-2º-3º anos



Observação: Ensino Superior – cursos – Moda, Filosofia, Matemática e Medicina.

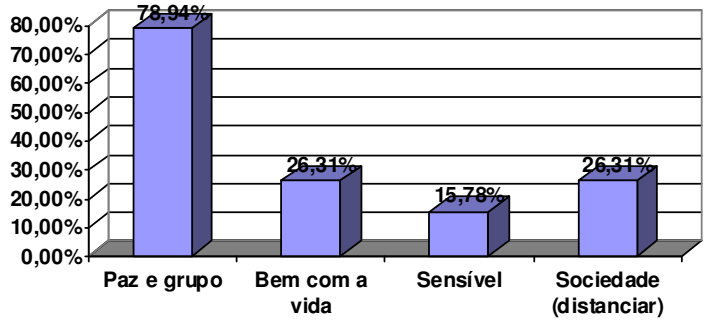
4. Justificativa de entrada no grupo

Música	Visual	Noite	Internet, solidão, buscar a vida zen	Amigos
47,36%	**52,63%**	31,57%	5,26%	21,05%
9	10	6	1	4



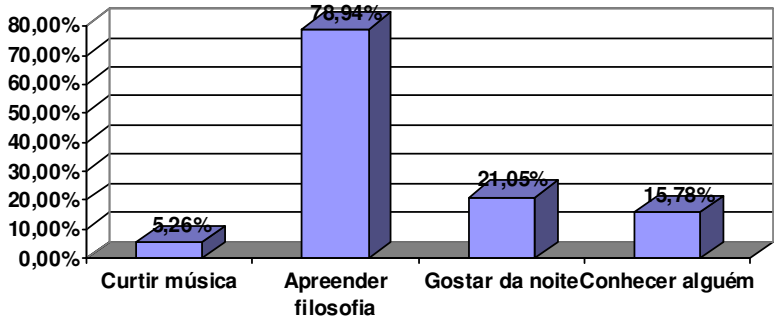
5. Filosofia

Paz e grupo	Bem com a vida	Sensível	Sociedade (distanciar)
78,94%	26,31%	15,78%	26,31%
15	5	3	5



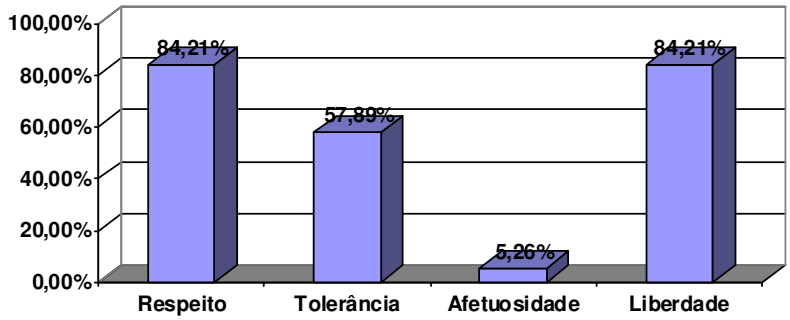
6. Condições para o ingresso

Curtir música	Apreender filosofia	Gostar da noite	Conhecer alguém
5,26%	**78,94%**	21,05%	15,78%
10	15	4	3



7. Relação afetiva

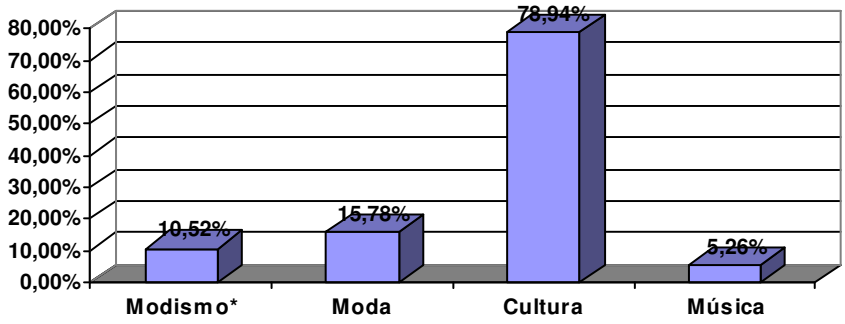
Respeito	Tolerância	Afetuosidade	Liberdade
84,21%	57,89%	5,26%	**84,21%**
16	11	1	16



8. Vestimentas – cultura ou moda

Modismo*	Moda	Cultura	Música
10,52%	15,78%	**78,94%**	5,26%
2	3	15	1

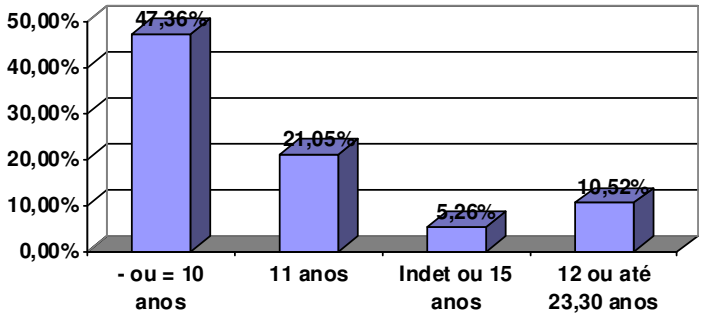
* Modismo = sentido de exploração por parte das grifes e da mídia de uma criação do grupo *EMO*.



9.

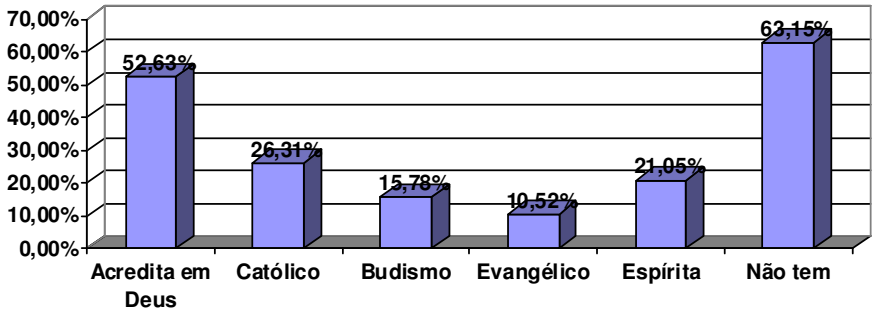
Tempo no grupo

- ou = 10 anos	11 anos	Indet. ou 15 anos	12 ou até 23,30 anos
47,36%	21,05%	5,26%	10,52%
9	4	1	2



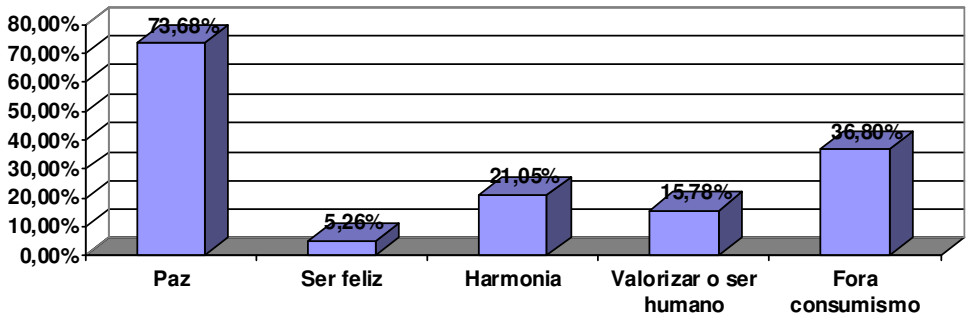
10. Religião

Acredita em Deus	Católico	Budismo	Evangélico	Espírita	Não tem
52,63%	26,31%	15,78%	10,52%	21,05%	**63,15%**
10	5	3	2	4	12



11. Mensagem passada pelos *EMOs*

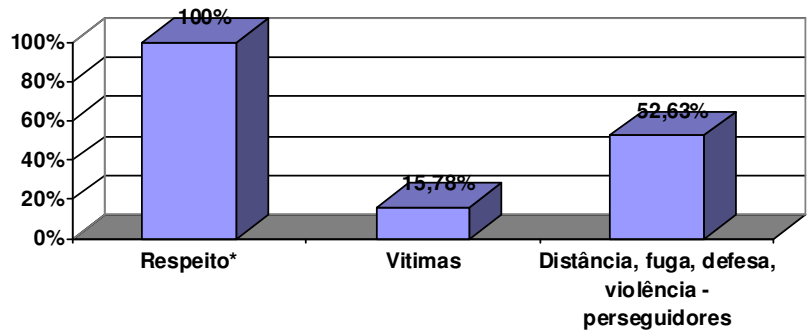
Paz	Ser feliz	Harmonia	Valorizar o ser humano	Fora consumismo
73,68%	5,26%	21,05%	15,78%	36,8%
14	1	4	3	7



12. Relação com as outras tribos.

Respeito*	Vítimas	Distância, fuga, defesa, violência - perseguidores
100%	15,78%	52,63%
19	3	10

* Respeito por parte do grupo *EMO*.



Perguntas:

1. Nome completo, idade, cidade, série de estudo?

    a. Isabelli Azeredo de Mello, 14 anos, 1º ano do EM.

    b. Roberto Oliveira da Silva, 15 anos, SP, 9º ano do EF.

    c. Christine Millon Almeida, 16 anos, SP, 3º ano do EM.

    d. Claudia Stringuini, 17 anos, SP, 1º ano de Psicologia.

    e. Arnaldo de Souza, 18 anos, SP, 2º ano de Matemática.

    f. Jéssica Furlan, 19 anos, SP, 2º ano de Moda.

g. Erasmo Prado Fênix, 20 anos, SP, 3º ano de Medicina.

h. Karla Maria Mendes, 16 anos, SP, 2º ano do Ensino Médio.

i. Tiago Amorim Miranda, 15 anos, SP, 2º ano do Ensino Médio.

j. Bruno Pachego Petrini, 14 anos, SP, 1º ano do Ensino Médio.

k. Carina Petris Fermino, 14 anos, SP, 9º ano do Ensino Fundamental.

l. Kátia Tolofetto Abreu, 15 anos, SP, 1º ano.

m. Maira Alfeu, 13 anos, SP, 8º ano.

n. Fabíola Souza Montenegro, 14 anos, São Paulo, 9º ano.

o. Luis Carlos Václav, 15 anos, SP, 1º EM.

p. Carlos de Andrade Silva, 16 anos, SP, 2º EM.

q. Sabrina Teixeira de Oliveira, 17 anos, SP, 3º ano EM.

r. Kaike Bortolotte Frigo, 19 anos, SP, 2º ano de filosofia.

s. Carlos Souza Meneguelli, 14 anos, São Paulo – Zona Leste e estuda o primeiro ano do EM.

2. Porque você se tornou EMO?

a. Porque uma colega me levou para conhecer a tribo dela que se encontra sempre aos sábados na galeria do rock.

b. Eu gostava de rock emotivo e através da internet conheci várias tribos EMO. Comecei a freqüentar os espaços aonde eles vivem.

c. Porque curto rock emotivo.

d. Curto emocor e o visual EMO.

e. Eu vivia muito sozinho. Essa tribo me acolheu legal, também eu curto o cabelo e as vestes do grupo.

f. Curto o visual e o estilo de vida.

g. Temos amigos legais que são EMOS. Também curto o Rock Emocor.

h. Porque as músicas e o estilo Emocor.

i. Curto o visual e a noite EMO.

j. Curto as noites e o preto.

k. Curto o estilo e a música.

l. Curto a noite e a música.

m. Por causa da minha amiga e também eu gosto do visual.

n. Curto a noite e também uma amiga me convidou.

o. Curto o estilo.

p. Curto a noite.

q. Curto a noite.

r. Curto a dimensão zen da tribo.

s. Porque acredito os Emos são descolados das estruturas.

3. Qual é a filosofia da tribo EMO?

a. Viver em paz com as suas emoções e distanciar das estruturas da atual sociedade.

b. Estar de bem com a vida, curtir a paz, viver emotivamente, sensível, gostar da noite.

c. Curtir a noite, falar da vida, buscar a paz e fugir das estruturas.

d. Ser feliz curtindo a emotividade.

e. Falar da vida e viver em paz.

f. Busca constante de paz e viver em grupo.

g. Viver em paz interior e curtir a vida em grupo, noturno.

h. Viver em paz.

i. Curtir o grupo e viver em paz.

j. Viver bem com o grupo e curtir as músicas emocor.

k. Viver em harmonia com a noite.

l. Viver de bem com a vida e em paz.

m. Questionar o mundo capitalista dos adultos.

n. Desprezar esse mundo e pregar a paz.

o. Pregar a paz.

p. Viver em paz.

q. Paz.

r. Viver fora desse mundo capitalista.

s. Viver em plena harmonia com o outro.

4. Quais são as condições para pertencer a essa tribo EMO?

a. Conhecer alguém de dentro. Conhecer entender sua filosofia de vida. Curtir as músicas, roupas pretas, tatuagens, cabelo com franja, etc.

b. Apropriar-se do estido de vida da tribo, ser meigo, curtir rock romântico emotivo.

c. Ser amigo de alguém lá de dentro, adaptar-se as regras e curtir o emocor.

d. Curtir rock romântico que mexe com as emoções e curtir o visual.

e. Adotar e acreditar na filosofia de vida e também adotar as normas.

f. Curtir o estilo e conhecer a filosofia de vida.

g. Entender e gostar da filosofia de vida da tribo e assumir sua maneira de ser e de vestir.

h. Curtir o estilo EMO de ser e respeitar as regras.

i. Gostar da noite, da música e ter amigos no grupo.

j. Conhecer a cultura, fazer amizade com alguém e obedecer as normas do grupo.

k. Conhecer, gostar do estilo do grupo e curtir a noite.

l. Curtir as vestes, a música e a noite.

m. Conhecer e aceitar as condições da cultura EMO.

n. Curtir o Estilo EMO de ser.

o. Conhecer a cultura e curtir o visual.

p. Conhecer a cultura.

q. Gostar da noite, vestes e música emocor.

r. Conhecer e curtir a cultura e o estilo.

s. Eu comecei a entrar no site dos emos e depois fiz amizade. Eu curto o estilo do cabelo, vestes e a emotividade do pessoal da tribo.

5. Qual é a sua relação afetiva (namoro, namoro do mesmo sexo, relação sexual etc) entre os membros do EMO?

a. Há um respeito muito grande pela opção sexual. Cada um fica e transa com quem quiser. Todos os EMOs são muito afetuosos, isso não significa que transa com todo mundo a toda hora.

b. Cada um é cada um. Há um respeito pela opção sexual do outro. Quando há relação sexual grupal cada um é livre de participar.

c. Cada um faz o que quer, respeitando o espaço do outro. As pessoas são livres, ninguém é forçado a nada.

d. Todos somos livres e respeitamos a opção sexual de cada um.

e. Todos somos livres, respeitamos a opção sexual do outro. Cada transa com quem quer e aceita.

f. Há um respeito pela opção do outro.

g. As pessoas se curtem e se respeitam. O sexo é livre para quem quer.

h. Namoro e sexo é livre, porém um respeito muito grande pela opção do outro.

i. Respeitamos a opção sexual de cada pessoa. As demais ações são livres.

j. Livre e com respeito as opções sexuais.

k. Livre e respeitosa.

l. Livre e legal.

m. Legal, livre e cada um respeita a opção sexual do outro.

n. Legal, todos respeitamos a opção sexual do outro.

o. Depende de cada. Há um respeito pela opção de cada pessoa.

p. Legal e livre.

q. Legal, livre e espontânea.

r. Livre e de grande respeito entre as opções.

s. Há uma sincera e respeitosa liberdade da opção sexual de cada um.

6. Você acha que as vestimentas e visual EMO viraram uma moda ou representa a cultura?

a. A moda foi lançada pelas grifes que quiseram ganhar dinheiro em cima da gente. A cultura se desenvolveu através da música, pois gostamos de Emocor, rock emotivo, música que fala dos nossos sentimentos e prega a paz.

b. Creio que sim. Porém, nós somos descolados, gostamos de ser criativos com o nosso visual.

c. A nossa cultura é mais forte que a moda. Porém, algumas pessos fizeram do nosso estilo, moda.

d. Não. Cultura é o nosso estilo de vida.

e. Moda sim, cultura não, pois nós somos a cultura.

f. Não. O nosso estilo é cultura.

g. Não. A cultura EMO é mais forte que a moda. A moda deu mais visibilidade para a tribo EMO, isso não se nega.

h. Cultura é a nossa atitude. As vestes são parte do nosso visual.

i. Não. A cultura independe do visual.

j. Não. A cultura não é moda.

k. Não.

l. Não, porque a moda todo mundo usa.

m. Não.

n. Não.

o. Não.

p. Não.

q. Não.

r. Não cultura vai além da moda.

s. Creio que não. Algumas grifes quiseram lançar uma moda, porém cada emo organiza suas vestimentas de acordo com o estilo da cultura.

7. Quanto tempo uma pessoa participa da tribo EMO?

a. Depende, alguns ficam até 15 anos no grupo. A maioria ficam os 13 anos até os 24 anos.

b. A maioria fica até os 23 anos. Alguns até 30 anos.

c. Entre 13 e 25 anos.

d. Depende. Geralmente é dos 14 anos aos 25 anos.

e. Creio que até uns 25 anos.

f. Até os 25 anos, até mais...

g. Uns 10 anos.

h. De 08 a 10 anos.

i. Uns 12 anos.

j. 08 anos.

k. 10 anos.

l. Uns 08 anos.

m. Depende. Alguns ficam até uns 30 anos.

n. Depende – alguns ficam até com 25 anos.

o. Uns 08 anos.

p. Uns 08 anos.

q. Uns 10 anos.

r. Uns 10 anos.

s. Depende. Eu tenho um amigo que esta no grupo já faz cinco anos. Tem gente até de 25 anos. Não há um tempo determinado.

8. O jovem EMO tem uma religião? Quais?

a. A maioria acredita em Deus. Alguns tem religiões específicas como católico, budismo, espíritas.

b. Alguns sim, pertencem a Igreja Católica, Evangélica, Budista, mas a maioria acredita em Deus.

c. A maioria acredita em Deus. Alguns freqüentam religião: católica, budista e espírita.

d. Cremos em Deus. Poucos freqüentam a Igreja católica, budismo ou espiritismo.

e. Cremos em Deus. Alguns são católicos, outros espíritas...

f. Acreditamos em Deus.

g. Não tem religião.

h. Não.

i. Não tem religião.

j. Não. Ele só acredita em Deus.

k. Não.

l. Não, só curte Deus.

m. Não – Só Deus.

n. Não.

o. Não.

p. Não, mas cremos em Deus.

q. Não.

r. Não. Eles tem uma filosofia de vida.

s. Eu acredito em Deus, mas não pratico uma religião até porque as religiões muitas vezes pensam que somos demônios. Eu tenho um amigo que toca em uma igreja.

9. Que mensagem o EMO quer passar para a atual sociedade?

a. Que busca a paz e fujam desse mundo de consumo e individualista.

b. Todos devem buscar a paz e fugir da estrutura da sociedade atual.

c. Fuja das estruturas e do individualismo.

d. Buscar a paz e negar as estruturas do capitalismo.

e. Somos uma tribo do bem e curtimos a paz.

f. Todos devem buscar a paz e valorizar o ser humano.

g. Valorizar as pessoas e buscar a paz.

h. Sempre buscar a paz e fugir desse mundo de matéria.

i. Viver em harmonia com o grupo.

j. Buscar sempre a paz.

k. Curtir a paz.

l. Buscar sempre a paz e respeitar o outro.

m. Buscar a paz.

n. Desprezo o mundo capitalista.

o. Ser feliz.

p. Viver bem a paz da noite.

q. Paz e harmonia.

r. Busca da paz e da harmonia.

s. Viver bem a vida com os amigos e tentar ser aceito pela família.

10. Qual é a relação do EMO com outras tribos?

a. É uma relação de respeito. E distância daqueles que não aceitam.

b. Damos-nos bem com a maioria, porém há algumas que não aceitam o estilo de ser e nos discriminam.

c. Boa, apesar de sermos discriminados muitas vezes. Algumas tribos como skinheads, procuramos passar distante.

d. Respeito.

e. Temos boas relações com aqueles que nos aceitam e fugimos daqueles que nos perseguem.

f. Damos-nos bem com que nos respeitam. Não gostamos de violência.

g. Numa boa. Somente fugimos daqueles que nos perseguem.

h. Com as que aceitam de boa, evitamos aquelas tribos que nos odeiam.

i. Legal. Fugimos daqueles que querem nos matar.

j. Legal. Porém, temos que nos defender daquelas que nos perseguem.

k. Quando somos aceitos é legal.

l. Legal.

m. Legal. Porém, nem todos nos aceitam.

n. Afinidade com aquelas que nos respeitam.

o. Paz e fugir daqueles que nos perseguem.

p. Muito boa com respeito as diferenças.

q. Relação de respeito pelo diferente.

r. Legal e às vezes conflitiva.

s. Legal e conflitiva.